UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

CAIO HENRIQUE DA SILVA VILAS BÔAS

Educação Popular e Turismo de Base Comunitária: processos de valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura, Salvador- BA.

Salvador, 2018

CAIO HENRIQUE DA SILVA VILAS BÔAS

Educação Popular e Turismo de Base Comunitária: processos de valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura, Salvador- BA.

Linha 3- Educação, Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável

Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção de título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC).

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Francisca de Paula Santos da Silva
Coorientadora: Prof.ª Dr.ª Edite Maria da Silva de Faria

Salvador, 2018

TERMO DE APROVAÇÃO

EDUCAÇÃO POPULAR E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA MATA ESCURA

CAIO HENRIQUE DA SILVA VILAS BÔAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 29 de março de 2018, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

Profa. Dra. Francisca de Paula Santos da Silva
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Prof. Dr. Thyrso Sacramento Maltez
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA
Doutorado em Difusão do Conhecimento
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Profa. Dra. Natalia Silva Coimbra de Sá
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Cultura e Sociedade
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Profa. Dra. Edite Maria da Silva de Faria
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Brasil

Prof. Dr. Eduardo José Fernandes Nunes
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Análise Geográfica Regional
Universidade de Barcelona, UB, Espanha

Universidade do Estado da Bahia

Sistema de Biblioteca

Ficha Catalográfica - Produzida pela Biblioteca Edivaldo Machado Boaventura

Bôas, Caio Henrique da Silva Vilas.
Educação Popular e Turismo de Base Comunitária:: processos de valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura, Salvador- BA. / Caio Henrique da Silva Vilas Bôas, , .-- Salvador, 2018.
107 : Il:.

Orientador: Francisca de Paula Santos da Silva Coorientador: Edite Maria da Silva de Faria.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, 2018

1. Patrimônio. 2. Turismo de Base Comunitária. 3. Educação Popular. 4. Mata Escura.. I. Silva, Francisca de Paula Santos da II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I

C ID. D: 370

Autorizo a reprodução parcial ou total dessa Dissertação para fins acadêmicos, desde que seja citada a fonte.

Ninguém é suficientemente perfeito, que não possa aprender com o outro e, ninguém é totalmente estruído de valores que não possa ensinar algo ao seu irmão.

- São Francisco de Assis.

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma trajetória de pesquisa que desde a graduação vem sendo desenvolvida na perspectiva de construção colaborativa de conhecimento, identificado na Educação Popular enquanto forma acessível e dialógica de educação, e possibilidade para o movimento de sensibilização e organização para o Turismo de Base Comunitária- TBC visto da necessidade de valorização da produção cultural e do patrimônio histórico das comunidades socialmente marginalizadas e economicamente periféricas. Estes esforços culminaram com a articulação de 5 mulheres que vivem e/ou trabalham na comunidade de Mata Escura para a implementação do TBC. A partir da trajetória e dos estudos realizados anteriormente, visto o potencial das comunidades para a implementação do TBC, parte-se da seguinte indagação: Como a Educação Popular pode contribuir para valorização do Patrimônio Histórico e Cultural no processo de organização para o Turismo de Base Comunitária na Mata Escura? Para a resolução desta situação problema objetiva-se elaborar uma metodologia participativa que valorize o Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura para o Turismo de Base Comunitária. Neste sentido; identifica-se parceiros para a efetivação do TBC na Mata Escura dentre os diversos atores sociais e partícipes do arranjo produtivo local; faz-se levantamento participativo e colaborativo daquilo que seja eleito pela comunidade enquanto Patrimônio Histórico e Cultural na Mata Escura. É um trabalho que adota por método a Pesquisa Ação. Para a elaboração deste trabalho utilizou-se pesquisas bibliográficas, de campo, e aplicação de metodologia participativa por meio das rodas de conversa recorrendo-se a história oral e à memória popular para o mapeamento do Patrimônio Histórico e Cultural da comunidade, elaborou-se Roteiros Turísticos Alternativos Responsáveis sustentáveis e Solidários- RTUARSS, construiu-se caderneta de parceiros e elegeu-se o Patrimônio Histórico e Cultural da comunidade que integra os RTUARSS numa perspectiva participativa, colaborativa e solidária.

Palavras-chave: Patrimônio; Turismo de Base Comunitária; Educação Popular; Mata Escura.

ABSTRACT

This work is the result of a research trajectory that since the university graduation has been developed in the perspective of collaborative construction of knowledge, identified in the Popular Education as an accessible and dialogical form of education, and possibility for the movement of awareness and organization for the Community Based Tourism- TBC, as we seen the need to value cultural production and the historical heritage of socially marginalized and economically peripheral communities. These efforts culminated in the articulation of 5 women and 1 man that is living and / or working in the Mata Escura community for the implementation of TBC. Based on the trajectory and previous studies, considering the potential of the communities for the implementation of the TBC, we started with the following question: How can Popular Education contribute to the valorization of Historical and Cultural Heritage in the process of organization for Base Tourism Community in the Mata Escura? To solve this problem, the objective is to develop a participatory methodology that values the Historic and Cultural Heritage of the Mata Escura for Community Based Tourism. In this sense; we identify partners for the implementation of TBC in the Mata Escura among the various social actors and participants in the local productive arrangement; a participatory and collaborative survey of what is elected by the community as Historical and Cultural Heritage in the Mata Escura. It is a work that adopts by Action Research method. For the elaboration of this work we used bibliographical research, of field, and application of participative methodology through the wheels of conversation resorting to the oral history and the popular memory for the mapping of the Historical and Cultural Heritage of the community, it was elaborated Sustainable and Responsible Alternative Tourism Roadmaps - RTUARSS, a book of partners was built and the Historical and Cultural Heritage of the community that integrates the RTUARSS was chosen in a participative, collaborative and supportive perspective.

Keywords: Patrimony; Community Based Tourism; Popular Education; Mata Escura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
2. CONTEXTO 18
2.1Antigo Quilombo Cabula: uma história de resistência 20
2.2 A história viva da Mata Escura 26
2.2.1 Herança de três povos 27
2.3 A Mata Escura hoje 27
3. A EDUCAÇÃO POPULAR NO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO PARA O TBC NA MATA ESCURA 33
3.1 Fundamentos da Educação Popular 34
3.2 Princípios da Educação Popular aplicados ao TBC na Mata Escura 38
3.2.1 O dialogismo: possibilidades e desafios 39
3.2.2 Educação e autoestima 40
3.2.3 Dialética: educação em movimento 43
3.2.4 Uma mediação socioconstrutivista do contexto 45
3.3 Metodologia Participativa para o TBC na Mata Escura 47
3.3.1 Rodas de Conversa: possibilidades e desafios na Mata Escura 51
3.3.2 Visitas a Campo 57
3.3.2.1 Associação Adonai 58
3.3.2.2 ONG Preservando a Natureza e Praticando Cidadania- PNPC 58
3.3.2.3 Pelourinho 60
3.3.3 Oficinas de Roteirização 62
4. PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA MATA ESCURA 64
4.1 Patrimônio: do conceito à prática em comunidades 64
4.2 Considerações acerca do Patrimônio do Antigo Quilombo Cabula 66
4.2.1 Concepção de Patrimônio aplicada ao TBC 67
4.2.2 Patrimônio Histórico e Cultural Material da Mata Escura 71
4.2.3 Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial da Mata Escura 75
5. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA MATA ESCURA 79
5.1 Do Desenvolvimento Sustentável ao TBC 80
5.1.1 A Origem do TBC 81
5.1.2 Os princípios teóricos e metodológicos do TBC 82
5.2 Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula 83
5.2.1 O TBC na Mata Escura 84
6. RESULTADOS 87
6.1 Construção coletiva de RTUARSS 87
6.2 Precificação dos RTUARSS 89
6.3 Caderneta de Parceiros 90
CONSIDERAÇÕES FINAIS 92
REFERÊNCIAS 95
APÊNDICE A 101
APÊNDICE B 103
ANEXO I 104
ANEXOII 106

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa da área de atuação do Projeto TBC no Antigo Quilombo Cabula 20
FIGURA 2: Mapa da Mata Escura 29
FIGURA 3: Ciclo de aplicações da Pesquisa Ação 47
FIGURA 4: Metodologia de organização para o TBC 51
FIGURA 5: Roda de conversa na Mata Escura 57
FIGURA 6: Sede da ONG PNPC na Mata Escura 59
FIGURA 7: Concepção do Patrimônio Histórico e Cultural para o TBC no Antigo Quilombo Cabula 70

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: População Residente da Mata Escura por Cor ou Raça 30
QUADRO 2: Terreiros de Candomblé da Mata Escura 31
QUADRO 3: Patrimônio Histórico e Cultural Material da Mata Escura 72
QUADRO 5: Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial da Mata Escura 75
QUADRO 6: Princípios do Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula 83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI Ato Institucional
AITR Tourism Concern, Associação Italiana para o Turismo Responsável
BID Banco Internacional de Desenvolvimento
CEAO Centro de Estudos Afro Orientais
CEB Comunidades Eclesiais de Base
CMMAD Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
CNUMAD Conferência das Nações Unidas para Meio Ambiente e Desenvolvimento

CUT	Central Única dos Trabalhadores
DOU	Diário Oficial da União
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EP	Educação Popular
ETBCES	Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
FMI	Fundo Monetário Internacional
FSM	Fórum Social Mundial
HABITAT	Conferência Mundial das Nações Unidas sobre os Assentamentos Humanos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IPCC	Painel Intergovernamental de Mudanças Climática
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MCP	Movimento de Cultura Popular do Recife
Mova	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização Não Governamental
PNT	Plano Nacional de Turismo
PPGEduC	Programa de Pós- Graduação em Educação e Contemporaneidade
PT	Partido dos Trabalhadores
RTUARSS	Roteiros Turísticos Urbanos Alternativos, Responsáveis, Sustentáveis e Solidários
SIM	Sistema de Informação Municipal de Salvador
SSEETU	Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo
SUS	Sistema Único de Saúde
TBC	Turismo de Base Comunitária
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

INTRODUÇÃO

A trajetória de estudos e intervenções que deu origem a esta pesquisa tem início a partir de esforços multidisciplinares do projeto Turismo de Base Comunitária na Região do Cabula e Entorno, contemplado pelo edital 021/2010, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), atuando numa perspectiva de formação para o Turismo de Base Comunitária junto à 17 bairros que constituem uma poligonal que faz referência à área onde antes havia um importante Quilombo da cidade de Salvador que deixou marcas que ainda hoje ressoam nestas comunidades. A partir da imersão nestes contextos percebe-se o potencial destas comunidades no tangente a sua capacidade de organização e a profusão de produção cultural, baseada pelas matrizes africanas e africano-brasileiras mesclando elementos da cultura indígena e europeia que permeiam a dinâmica dos bairros. Neste sentido houve encontros que se prolongaram e firmaram uma parceria que vem prosperando em forma de organização e promoção de eventos com e nas comunidades, publicação de livros, inclusive com autores vindos da comunidade, realização de roteiros turísticos e difusão do conhecimento historicamente situado a respeito dos processos civilizatórios das comunidades.

Em seis anos de pesquisa *in loco* com visitas intermitentes em que se aferiu um baixo índice de valorização da história e cultura local presente nos 17 bairros da poligonal e que envolveu diversos participantes, desde pessoas mais idosas que viram o crescimento das localidades até estudantes mais jovens da rede pública de ensino constatou-se que dentre este público havia um maior índice de conhecimento e valorização do processo de construção e da herança cultural dos bairros nas populações mais idosas, este conhecimento, porém, não vem sendo difundido para a população mais jovem, visto seu aparente desinteresse pelos temas. Afora isso nos primeiros encontros com a comunidade em todas as experiências, notadamente nas oficinas de roteirização turística para o Turismo de Base Comunitária- TBC, as primeiras impressões dos moradores acerca de suas respectivas comunidades faziam referência a índices de violência e ao tráfico de drogas presentes nas comunidades, neste sentido contribuem para a consolidação deste discurso a prática de programas de televisão e rádio que agem de forma sensacionalista ao estigmatizar comunidades e desvalorizar o indivíduo.

O presente trabalho, em consonância com o projeto Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula, não tem a pretensão de mascarar a realidade árdua que compõe o cotidiano destas comunidades, porém evidenciar que apesar de ter

problemas de ordem social e de responsabilidade da administração pública, têm também uma produção cultural muito diversificada e que pode se constituir em possibilidade de subsídio para atividade de complementação da renda e da formação de um cidadão crítico e historicamente situado no processo civilizatório das comunidades que habitam.

Dentre os dezessete bairros constituintes desta poligonal destacam-se aqueles com os quais a equipe TBC Antigo Quilombo Cabula já conseguiu firmar parcerias e executar iniciativas de cunho colaborativo para a implementação do TBC nas referidas comunidades, cita-se as atividades desenvolvidas em Pernambués, um dos mais antigos parceiros desta iniciativa, Beirú, Saramandaia, Cabula, Narandiba e Mata Escura sendo esta última a comunidade que acolheu o VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária- ETBCES em parceria com o Colégio Estadual Marcia Meccia e com a comunidade representada por diversos atores da cadeia de produção local dentre eles grupos de dança, artesãos, lideranças comunitárias e com o abrilhantado e afetuoso acolhimento do Terreiro Bate Folha, a partir deste contato e da realização do roteiro turístico "Tour da Mata" construiu-se uma relação de colaboração que culminou com a realização desta pesquisa.

A dinâmica de trabalho adotada pela equipe TBC ao longo de seu percurso junto às comunidades tem sido pautada pelo princípio da colaboração e da construção participativa de conhecimento, neste sentido adota-se a Educação Popular- EP enquanto base teórica metodológica deste trabalho, a partir do conhecimento das possibilidades e das potencialidades da comunidade e dos estudos empreendidos pelo grupo de pesquisa multidisciplinar Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo- SSEETU, surge a seguinte questão: **Como a Educação Popular pode contribuir para valorização do patrimônio histórico e cultural no processo de organização para o Turismo de Base Comunitária na Mata Escura?**

Os trabalhos empreendidos por esta pesquisa tem por finalidade a organização comunitária com vistas a uma atividade de complementação da renda que valorize o patrimônio histórico e cultural local. Desta forma o objetivo geral desta pesquisa é **Elaborar uma metodologia participativa que valorize o patrimônio histórico e cultural da Mata Escura para o Turismo de Base Comunitária.** Para tanto se fez necessário: **a] Identificar parceiros para a efetivação do TBC na Mata Escura dentre os diversos atores sociais e partícipes do arranjo produtivo local; b] Fazer levantamento participativo e colaborativo dos lugares, instituições, grupos,**

pessoas, saberes e fazeres que sejam eleitos pela comunidade enquanto Patrimônio Histórico e Cultural na Mata Escura; c] Realizar Rodas de conversas norteadas pela teoria e prática da Educação Popular abordando temas necessários à sensibilização e organização do TBC. Este trabalho conta ainda com a participação efetiva da comunidade, enquanto coautora dos esforços doravante empreendidos e protagonistas de seu próprio desenvolvimento.

Esta pesquisa também visa contribuir para o desenvolvimento de atividades de complementação da renda e afins, especificamente no ramo do turismo, onde o espaço e a percepção que se faz dele são de fundamental importância para o seu êxito.

Os sujeitos partícipes desta pesquisa e construtores de conhecimento são 5 mulheres com idade compreendida entre 25 e 70 anos e 1 homem de idade compreendida entre 20 e 30 anos, sendo estas mulheres moradoras da comunidade e que participam de um grupo de mulheres para a promoção da saúde e do bem estar coletivo feminino na Mata Escura através de atividades físicas e de conscientização a respeito da importância da manutenção de hábitos saudáveis para a vida da mulher, incluindo atividades físicas, meditação e alimentação, dentre outros aspectos abordados tangencialmente pelo grupo. Esta iniciativa surge a partir de uma situação pessoal de enfrentamento de adversidade na saúde da mãe da fundadora do grupo, que ao ajudar no tratamento cuidando de sua mãe percebe a existência de casos similares em grande quantidade em sua comunidade, sensibilizada pelo drama pessoal e pela situação a qual estas mulheres encontram-se submetidas forma-se esta rede de colaboração mútua que perpetua-se até os dias atuais e que se mostrou muito receptiva e engajada em implantar o TBC na sua comunidade.

Como critério de adesão aos esforços pretendidos para este trabalho elenca-se o interesse dos partícipes, uma vez que a colaboração solidária pretendida pela metodologia somente dar-se á a partir do interesse espontâneo dos sujeitos, para fins metodológicos e analíticos da pesquisa, este critério não implica em prejuízo ou percalço, uma vez que a análise deste trabalho é centrada na metodologia de organização para o TBC criada que se constitui no objeto de análise, e não nos sujeitos que numa postura dialógica assumem o papel de coautores deste trabalho e não de objeto de pesquisa, como pretendem algumas correntes mais conservadoras do pensar científico.

A escolha metodológica deste trabalho converge saberes populares e acadêmicos para a transformação de um aspecto da realidade das comunidades envolvidas neste processo. O respeito e a real contribuição dos saberes da dinâmica das comunidades através das participantes da pesquisa revelam uma convergência de objetos de pesquisa em sujeitas atuantes e partícipes, coautoras do processo de organização para implementação do TBC na Mata Escura ao qual se pretende neste trabalho, sendo esta prática recorrente desde o início das pesquisas e ações nas comunidades do Antigo Quilombo Cabula e em consonância com a prática dos projetos que precederam o atual intento. Identifica-se enquanto pesquisa ação definida como processo de conhecimento e atitude no qual a população envolvida na pesquisa consequentemente agrega conhecimento e amplia seu entendimento e sua percepção acerca de sua realidade bem como parte para uma ação de mudança (EZPELETA; ROCKWELL, 1989).

A dinâmica de execução deste trabalho e do projeto como um todo atende ao princípio do aprimoramento contínuo presente na pesquisa ação, assim a análise crítica da realidade e a execução das ações programadas leva ao desvelamento de futuros problemas e outras dimensões da realidade que transformam a ação em uma fonte de conhecimentos e de novas hipóteses. Outra característica deste método que justifica sua identificação neste trabalho é seu caráter dialético e agregador (BORTEF *apud* BRANDÃO, 1984), o fato de pesquisadores e comunidade interagirem e integrarem o corpo intelectual dos empreendimentos para a construção de um saber híbrido traz a marca do movimento que é um elemento fundante da dialética.

Quanto ao diálogo entre a metodologia empregada e a escolha teórica feita, neste caso a Educação Popular, segundo Pinto (2005), Paulo Freire, aqui considerado como teórico de base da Educação Popular, foi um dos percursores do método de pesquisa ação no Brasil em âmbito de pesquisas na educação. Após estudos de aporte que incluem a obtenção dos créditos necessários e ofertados pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade- PPGEduC da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, a pesquisa se delineia num movimento dialético entre teoria e prática mesclando rodas de conversa e diálogos a cerca da atividade turística à luz do TBC e a confecção e execução de roteiros turísticos na comunidade, neste processo objetivou-se um aporte tanto para a parte de execução e gestão da atividade quanto para o conhecimento das iniciativas populares e de cunho social, bem como de produção cultural e história e da formação do bairro, este movimento evidencia a importância da

práxis no processo de ensino e aprendizagem numa proposta popular, para além disto dentre as técnicas de coleta de dados utilizadas estão a pesquisa documental, bibliográfica, as rodas de conversa, a observação participante, e a pesquisa em campo para a compreensão dos meios pelos quais a pesquisa intenta a resolução de seu problema escolhe-se a triangulação de dados como técnica de análise entendida como o uso de múltiplas fontes e evidências que validam o estudo mais acuradamente do que se utilizada apenas uma fonte (YIN, 2001).

No que tange a relevância social este trabalho visa contribuir com o leque de opções que as comunidades de bairros socialmente periféricos e economicamente marginalizados dispõem para dissipar ou amenizar as mazelas geradas pelo descaso do poder público e pelo assédio de agentes do capital tais como a especulação imobiliária, a mídia sensacionalista e a desarticulação de associações comunitárias e grupos de resistência cultural, de organização social destas comunidades.

A organização dos capítulos apresenta, após a Introdução, o capítulo II em que se faz uma abordagem do contexto e da suas implicações para uma pesquisa aplicada, onde se deu a pesquisa utilizando-se do modo de pensar histórico e da perspectiva do materialismo histórico e dialético para entender os processos civilizatórios e as disputas que ocorreram naquela comunidade culminando no que hoje está construído, este capítulo foi construído em diálogo com as obras de Raozzi (1987); Martins (2016), Pires (1997); Fernandes (2003); Olivieri (2005); Reis (2003); dentre outros .

No capítulo III adota-se uma abordagem teórica e metodológica da Educação Popular aplicada ao contexto da pesquisa, neste sentido ancorado, principalmente, ao cabedal teórico e prático de Paulo Freire (1974; 1996; 2010) contando ainda com as contribuições de Werthein (1985); Paiva (1987); Brandão (2008); Bakhtin (2012); Gadotti (1983; 1997); Vygotsky (2002); Rego (2009), para os subsídios de enfoque metodológico, além de Paulo Freire, opta-se por autores que se restringem mais à prática da pesquisa científica e da pesquisa ação para a compreensão da operacionalização dos métodos subsidiados pela teoria Freiriana, para tanto evoca-se a produção de Thiollent (2005); Franco (2005); Frigotto (2010); Tripp (2005), dentre outros.

O capítulo IV dedica-se à compreensão do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura, entendendo a interface histórica e contemporânea deste patrimônio com a dinâmica da comunidade bem como sua relação com o patrimônio tombado da cidade

de Salvador, numa perspectiva de legitimação de narrativas através da prática e dos significados destes elementos para as pessoas da comunidade, além do trabalho de pesquisa bibliográfica e documental este capítulo foi construído com a metodologia participativa de inventariação no sentido de ouvir e respeitar o conceito e a aplicabilidade do patrimônio histórico e cultural da Mata Escura para as participantes da pesquisa. Com finalidade de aporte teórico recorre-se a literatura de Choay (2001); Abadia(2010); Bogéa (2007); Magnavita (2007); dentre outros.

No capítulo V aborda-se conceitualmente o Turismo de Base comunitária, suas contribuições em nível nacional, regional e local e suas possibilidades para contexto da pesquisa, no caso a comunidade de Mata Escura, neste sentido, para construção do capítulo recorre-se aos estudos da Organização Mundial do Turismo- OMT (2001); de Coriolano (2006); Dias (2006); Irving (2009); Silva (2010), dentre outros.

O capítulo VI apresenta os resultados da pesquisa aplicada na comunidade de Mata Escura e o capítulo VII contribui para a finalização desta pesquisa ao apresentar as considerações finais acerca dos trabalhos empreendidos aqui relatados.

2. CONTEXTO

O desenvolvimento de uma pesquisa científica requer cuidados específicos do trato com objetos de pesquisa, metodologias aplicadas, e epistemologias escolhidas a partir da trajetória de vida e das convicções e/ou idiossincrasias do pesquisador, neste sentido vale ressaltar que por mais que se tente preservar ou forjar alguma neutralidade na pesquisa científica esta nunca será efetivamente conseguida, pois a pesquisa não se desenvolve num vácuo intelectual/social, ainda mais nas quais se têm por objeto o homem ou suas relações sociais e, por conseguinte o próprio pesquisador. Aqui insere-se o contexto, este local que não é um vácuo e que está permeado de relações dialógicas e dialéticas, é neste lugar onde se desenvolve a pesquisa científica.

Antonio Raozzi desenvolveu ao longo de sua vida uma série de estudos que focam basicamente no contexto, nas relações sociais do indivíduo, na transculturalidade e na psicologia experimental. Em seu estudo O desenvolvimento individual, o contexto social e a prática de pesquisa (RAOZZI, 1987) ele nos traz as implicações do contexto no âmbito da pesquisa científica em, pelo menos, dois aspectos e seus desdobramentos; a comunicação e o significado nas pesquisas experimentais em psicologia, neste sentido o autor exemplifica o grau de interferência do contexto nos experimentos realizados e nas respostas dos indivíduos inseridos na pesquisa, tanto pesquisado quanto pesquisador encontram-se envoltos por uma gama de significados transversais a todo o processo de pesquisa.

Num movimento de devolutiva das pesquisas realizadas na Universidade do Estado da Bahia- UNEB e na legitimação de seu tripé institucional de Ensino- Pesquisa e Extensão, este trabalho é mais uma das iniciativas de um grupo de pesquisa que tem por prática pular os muros da universidade, construir conhecimento fora dela e com a participação efetiva das comunidades onde o trabalho se desenvolve numa percepção colaborativa de resolução de problemas e potencialização das múltiplas vocações destas comunidades, assim se deu imersão neste contexto que começou no ano de 2010 por ocasião do projeto de pesquisa Turismo de Base Comunitária na região do Cabula e entorno: Processo de incubação de operadora de receptivos populares especializada em Roteiros Turísticos Urbanos Alternativos, Responsáveis, Sustentáveis e Solidários- RTUARSS, aprovado pelo edital 021/2010, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), a escolha desta área para execução deste projeto justificou-se pela proximidade deste local com a Universidade do Estado da Bahia- UNEB onde se

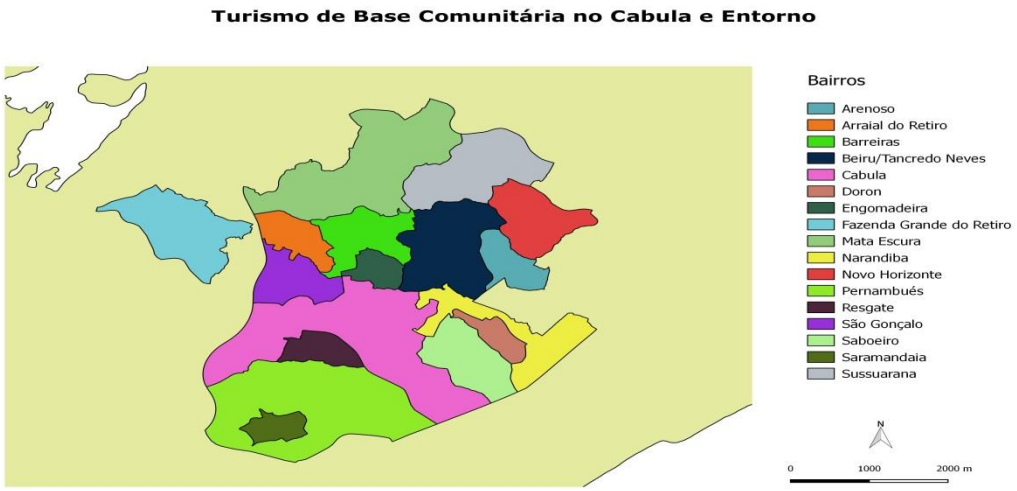
deu a pesquisa e pela necessidade de uma devolutiva concreta para esta comunidade, articulando pesquisa, ensino e extensão, num movimento de colaboração para o desenvolvimento da comunidade e da pesquisa, outro aporte que deu sustentação para a escolha desta área foram os estudos da professora e pesquisadora Rosali Fernandes (2003) que, define região do Cabula e seu entorno como geograficamente central, ou como melhor identificou, enquanto miolo da cidade de Salvador apesar de socialmente marginalizado e economicamente periférico, evidenciando os processos de ocupação e formação deste bairro e suas áreas de influência, compreendido este miolo enquanto os bairros do Cabula, Saramandaia, Pernambués, Resgate, Saboeiro, Narandiba e Doron.

Quando destes primeiros contatos com a comunidade o referido projeto ainda não contextualizava o recorte histórico de quilombo que permeia a área, esta perspectiva histórica só veio a ser incorporada ao projeto em 2012 após observações em campo e rodas de conversa com e na comunidade. À medida que a imersão na comunidade se dava, percebeu-se a forte influência da cultura africana e afro-brasileira, principalmente pela incidência de terreiros nestas comunidades, pela preservação de hábitos que remetem a esta ancestralidade, mas principalmente pelas reverberações desta ancestralidade nas lutas e no modo de organização atual destas comunidades, em sua dinâmica na atualidade.

Somente após diálogo direto com a comunidade paralelamente a pesquisas de cunho histórico em arquivos públicos e documentos oficiais, conseguiu-se uma delimitação que contemplasse ao mesmo tempo as impressões da comunidade e os registros históricos que noticiam a existência deste quilombo. Assim a delimitação de área utilizada no projeto compreende os bairros mencionados pela comunidade enquanto constituintes deste quilombo, apesar de não haver evidências científicas que comprovem, até o momento, com exatidão a extensão do mesmo, para efeitos de delimitação da poligonal de trabalho dos projetos supracitados entendem-se os bairros de: Engomadeira; Estrada das Barreiras; Beiru; Arenoso; Arraial do Retiro; Fazenda Grande do Retiro; Narandiba; Doron; Saboeiro; Pernambués; Saramandaia; São Gonçalo do Retiro; Cabula; Resgate; Mata Escura; Sussuarana e Novo Horizonte. A delimitação destes bairros fazem referência a uma leitura contemporânea e que implica num movimento de respeito e validação da percepção da comunidade partícipe, ali representada pela figura de líderes comunitários, estudantes do ensino médio e

graduação, dos trabalhos deste projeto, e por conseguinte da pesquisa aqui relatada. Abaixo a Figura 1 apresenta a delimitação citada.

FIGURA 1: Mapa da área de atuação do Projeto TBC no Antigo Quilombo Cabula



Fonte: PENA, 2016.

Os dezessete bairros acima citados que formam a área doravante reconhecida neste trabalho enquanto Antigo Quilombo Cabula, resguardam afinidades, similaridades e divergências que atravessam as relações entre elas. Para melhor compreensão do contexto em que se dá a pesquisa na comunidade de Mata Escura, faz-se necessário conhecimento de dimensões que implicam na atual configuração do mesmo, este capítulo dedica-se a esta caracterização levando-se em conta os aspectos históricos, geográficos e socioculturais desta localidade. A seguir uma breve conceituação do Antigo Quilombo Cabula, área em que se insere a Mata Escura e conhecimento necessário para entender a dinâmica e os conflitos e alianças formadas naquela localidade.

2.1Antigo Quilombo Cabula: uma história de resistência

Segundo Olivieri (2005) evidências apontam para o povoamento da América do Sul por volta de 20.000 a.C. e ainda há indícios de presença humana por volta de 16.000 a.C., de 14.200 a.C. e de 12.770 a.C. no território onde hoje situa-se o Brasil, o processo de interiorização e dispersão teria ocorrido cerca de 9.000 a.C. deste processo originaram dois grandes troncos indígenas: o *Macro-Jê* e o *Macro-Tupi*, sendo este último aquele que ficou mais conhecido por ter se derivado em duas nações, a *Tupi* e a

Guarani que foram as nações interlocutoras no processo de invasão do território posteriormente denominado Brasil.

Para este estudo cabe o aprofundamento na dinâmica e na vida dos povos de nação *tupi*, e mais especificamente os *tupinambás*, visto sua incidência na área em que se da a pesquisa.

Por volta do século XVI os *tupinambás* habitavam duas regiões da costa brasileira: a primeira ia desde a margem direita do rio São Francisco até o Recôncavo Baiano, a segunda ia do cabo de São Tomé, no atual estado do Rio de Janeiro, até São Sebastião, hoje o estado de São Paulo (BUENO, 2003). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2017), relatos apontam para uma forma de organização social em comunidades que orbitavam entre 200 à 600 habitantes divididos em malocas que variavam em número de 6 a 8 por tribo, as tarefas ligadas a agricultura ficavam designadas às mulheres, com exceção da limpeza do solo feita para plantio principalmente de tubérculos, além dessas funções o artesanato de redes, roupas e cerâmicas também era função feminina, aos homens atribuía-se a confecção de armamentos e instrumentos que eram utilizados no dia a dia da tribo como machados e flechas, além disso a caça e as atividades bélicas também ficavam a cargo dos homens.

A dinâmica dessas comunidades que se desenvolveram no território onde hoje encontra-se a cidade de Salvador viu-se em meio as relações desiguais de poder, extorsão, saque e dizimação que acompanharam a história do Brasil desde seu suposto descobrimento, uma colonização focada na abertura de novas possibilidades para o mercado europeu, assim:

> Foi no curso da abertura de novos mercados para o capitalismo mercantil europeu que se descobriram as terras americanas, e a primeira atividade aqui desenvolvida, importou no escambo, com os aborígenes, dos produtos naturais; o povoamento decorreu inicialmente da necessidade de garantir a posse em face da disputa pela partilha do novo continente; complementar a produção para o mercado europeu foi a forma de tornar rentáveis esses novos domínios. (NOVAIS, 1989, p. 67)

A conquista dessas aldeias era um ponto decisivo para a consolidação do modelo de sociedade pretendido pelos colonos nas terras invadidas, quando do início do século XVI destacam-se a existência de pelo menos três tipos de aldeamentos indígenas que ocupavam aquelas terras: a) as que se mantinham integralmente autônomas e representavam elemento de resistência ao processo de colonização/invasão; b) as que tinham sido submetidas diretamente ao controle dos colonos portugueses; e por fim c)

as que estavam sob a administração de jesuítas sofrendo um processo de alienação e assimilação. Segundo Paraíso (2004), antes do governo de Mem de Sá existiam cerca de cinco aldeias indígenas entre as localidades de Brotas e do Cabula e sete entre a cidade, área compreendida pelas freguesias urbanas, e a Rótula do Abacaxi. O processo de aldeamento destas comunidades se deu em primeiro momento de forma pacífica, sob o pretexto de uma suposta cooperação entre índios e portugueses, porém ainda no governo de Tomé de Sousa, a expansão da cidade e a atuação acentuada das práticas de alienação dos jesuítas suscitaram tensão e conflitos entre índios e portugueses, como forma de repressão à resistência indígena exemplifica-se a prática de amarrar índios revoltosos capturados à boca dos canhões e dispará-los em direção ao mar com seus corpos dilacerados caindo sob as encostas como um aviso para os sobreviventes ao massacre que prosseguissem em combate.

Mesmo com as práticas acima citadas a resistência persistiu e culminou em novas investidas indígenas e novas represálias portuguesas, destes conflitos gerou-se um aumento de aldeias dizimadas e incendiadas pelos portugueses e tantas outras que se renderam e tornaram-se aldeamentos administrados por portugueses que mais adiante foram aliados decisivos contra as investidas inglesas e francesas, no entanto, isto não significa que não houve aldeias que se mantiveram autônomas e resistentes (SANTOS, 2010).

A cidade de Salvador foi se desenvolvendo e aos poucos se consolidando no abastecimento da metrópole que comercializava no mercado mundial de especiarias o açúcar dos engenhos soteropolitanos, a princípio a mão de obra utilizada nestes empreendimentos foi a dos índios nativos escravizados, porém com a rebelião constante dos nativos que conheciam muito bem as terras brasileiras e conseguiam fugir dos engenhos, a chegada dos missionários jesuítas e sua política dualista de aldeamento, pela crescente quantidade de leis que restringiam a escravização indiscriminada de nativos e finalmente com a epidemia de sarampo e em especial a de varíola trazida pelos jesuítas que a partir de 1563 dizimou 2/3 da população nativa tupinambá aldeada no litoral da colônia, a escolha viável foi o comércio e posterior tráfico de negros africanos escravizados (SANTOS, 2010).

O início do comércio de escravizados se deu na segunda metade do século XVI e tinha como alvo majoritário os africanos vindos de Guiné, no século XVII eram majoritariamente os embarcados em Angola e no Congo, nos três primeiros quartéis do

século XVIII predominavam os da Costa de Mina e entre 1770 e 1850 os da Baía de Benin não mais como comércio mas como tráfico dada a ilegalidade que neste período caracterizava esta atividade (VAINFAS, 2000). O tráfico transatlântico de africanos escravizados para a América diferenciou-se das outras modalidades de escravismos que o precederam pela envergadura e pelo seu caráter econômico, neste sentido:

> […] o número de cativos foi sempre representativo no conjunto da população brasileira, sobretudo nas regiões que exportavam gêneros tropicais. No início do século XIX, o Brasil tinha uma população de 3.818.000 pessoas, das quais 1.930.000 eram escravas. Em algumas partes do Brasil, o número de escravos chegou a superar o número de pessoas livres. Em 1872, no município de Campinas, São Paulo, então grande produtor de café, a população escrava era de 13.685 pessoas, enquanto a livre era de 8.281 pessoas. Até meados daquele século, quando foi abolido o tráfico, a maior parte dos escravos era nascida na África. Para se ter uma idéia (sic), os africanos representavam 63 por cento da população escrava de Salvador. (ALBUQUERQUE, 2006)

Calcula-se que o tráfico transatlântico de escravos tenha trazido mais de 2 milhões de africanos somente para a América Portuguesa (M'Bokolo, 2009, p. 279). Estes homens e mulheres tirados de sua terra eram designados ao trabalho nas fazendas do Recôncavo e aos engenhos de cana, ou ainda para serviços de ganho no perímetro urbano e trabalhos domésticos. Somente para exemplificar o volume e a diversidade de nações das quais eram trazidos estes homens e mulheres, no período compreendido entre 1700 e 1750, segundo os inventários *post mortem* da então Cidade da Bahia.

Segundo Martins (2016) três séculos depois da invasão portuguesa a mancha urbana da cidade de Salvador no início do século XIX resumia-se as freguesias da Sé, São Pedro Velho, Nossa Senhora da Conceição da Praia e Santíssimo Sacramento da Rua do Passo tendo ainda pequenas porções localizadas nas freguesias de Santíssimo Sacramento do Pilar e Santo Antônio além do Carmo, sendo esta última de extrema importância para os estudos doravante empreendidos. A freguesia de Santo Antônio Além do Carmo fora criada pelo bispo D. Pedro da Silva Sampaio em 1646 sendo uma das maiores e formada por dois distritos: o urbano e o rural. Fazia fronteira com a freguesia rural de São Bartolomeu de Pirajá, com a freguesia de Nossa Senhora de Brotas, a do Passo, a do Pilar, a de Santana e a de Itapuã. Em 1863 a freguesia de Santo Antônio além do Carmo contava com três praças, um largo, dezessete ruas, uma travessa, sete becos, nove ladeiras e um campo em seu distrito urbano, ali habitava boa parte da classe média de Salvador (NASCIMENTO,1986).

Enquanto isso no distrito rural ou suburbano desenvolviam-se os arraiais, que apesar de oficialmente serem terrenos pertencentes à paróquias, clérigos e famílias abastadas da cidade, por serem áreas sem urbanização não foram devidamente ocupadas pelos seus titulares, sendo ocupadas pouco a pouco por famílias de negros libertos, brancos pobres e, possivelmente, nativos tupinambás que tiveram de adentrar o continente à medida que a invasão portuguesa se deu por mar (MARTINS, 2016).

A localização destas terras está em área estratégica e central, fazendo fronteira ao norte com Pirajá, ao Sul com Brotas e Rio Vermelho, ao Leste com a Orla Marítima e a Oeste com Mares e Calçada (NICOLIN, 2007). Mesmo com esta localização estratégica, pela forma como se deu a invasão portuguesa (pela orla marítima) e pelo modelo de fortificações escolhido para delinear a produção do espaço da capital contra outros invasores e corsários, esta área ficou por muito tempo rodeada por mata atlântica fechada com possíveis aldeias tupinambás e o crescimento da atividade rural em suas áreas dando origem aos arraiais e posteriormente ao quilombo do Cabula.

Devido à perseguição sofrida dentro e fora dos engenhos a solução para esta situação seria a fuga, sempre muito arriscada e sujeita a punições severas, porém recorrente e com muitos casos de sucesso, destas práticas surgiam conglomerados de moradias nos quais os escravizados fugitivos que ali se fixavam acolhiam novos membros para esta comunidade, a facilidade com a qual os africanos se habituaram às terras as quais foram obrigados a habitar e sua agilidade em fuga por entre as matas fez crescer a quantidade dessas habitações que geralmente ficavam em áreas pantanosas e de difícil acesso, tão logo os invasores portugueses souberam que as práticas que eles abominavam eram reproduzidas nestes espaços insurgiu-se novamente o preconceito que fica evidente em cartas trocadas entre o Conde da Ponte e o Visconde de Anadia, Ministro de Negócios Ultramarinos, em 7 de abril de 1807, nela entre outras coisas lê-se:

> Nos subúrbios dessa Capital, e dentro do mato de que toda ela é cercada, eram inumeráveis os ajuntamentos dessa qualidade de gente, os quais dirigidos por mãos de industriosos impostores aliciavam os crédulos, os vadios, os supersticiosos, os roubadores, os criminosos, e os adoentados, e em uma liberdade absoluta, danças, vestuários caprichosos, remédios fingidos, bênçãos e orações fanáticas, folgavam e comiam, e se regalavam com a mais escandalosa ofensa de todos os direitos, Leis, Ordens e pública quietação. (REIS, 2003, p.111)

Fruto desta dinâmica de segregação socioespacial ao tempo em que se desenvolve uma cidade apontada como a mais promissora e próspera das Américas entre o período de 1787 à 1821 com o alavancado tráfico de negros escravizados principalmente vindos de Angola e do Congo de nação Banto e posteriormente também os de nação Iorubá, desenvolve-se também a resistência a este processo de exclusão, extorsão e roubo, dentro das matas fechadas do Cabula, rodeadas de morros e pântanos as habitações que abrigariam escravos fugitivos, negros livres, brancos pobres (MARTINS, 2016) e possivelmente nativos tupinambás[1]. As habitações, ao que tudo indica, seguiam os padrões de habitação da população economicamente periférica do período descritos por Maria Dundas Graham como "construídas de estacas verticais, com galhos de árvores trançados entre elas, cobertas e revestidas seja com folhas de coqueiros, seja com barro. Os tetos são cobertos de palha." (GRAHAM *apud* MARTINS, 2016).

Apesar dos reflexos do período escravocrata do Brasil na contemporaneidade dizerem que não, pode-se dizer que a formação dos quilombos foi uma vitória, em meio a um contexto adverso com crueldades e ganância, houve o fortalecimento dos laços de solidariedade entre pessoas que partilhavam de um traço em suas vidas, a adversidade. A formação de comunidades e sua perpetuação requer que haja o diálogo, o respeito às diferenças, a cooperação e principalmente a união, quão difícil não terá sido reunir todas estas habilidades naquele contexto, tendo que irmanar-se por vezes com pessoas de cultura diferente, de outras regiões da África, e ao que tudo indica com os nativos tupinambás que adentram as matas, além de alguns brancos pobres que ali se refugiavam também (CAMPOS, 2005), mais que um espaço físico o quilombo representa "a força humana capaz de varrer o velho e criar o novo (MARX; ENGELS, p. 88, apud QUIROGA, 1991, p. 62-67)".

Quanto às características do Quilombo do Cabula, sabe-se da intensa atividade religiosa de matriz africana que ali se desenvolvia, sendo inclusive o motivo da primeira referência ao candomblé que se tem em documentos históricos (FERNANDES, 2003), o próprio nome da localidade faz referência aos cultos ritos que ali se realizavam, neste sentido:

1 De acordo com Mesquita e Matta (2016), há registros de parceria entre tupinambás e insurgentes no processo de independência da Bahia que atuaram como espiões na mata fechada do Cabula, a proximidade entre o período em que se deu tal ocorrido (1822) e o ano em que o Quilombo do Cabula foi destruído (1807) denota uma relação preestabelecida. MESQUITA, J. P.; MATTA, A. E. R. As tensões do Cabulla e a independência da Bahia: contexto para modelagem de game digital. Artefactum – Revista de estudos em linguagem e tecnologia. Ano VIII – n° 02/2016.

> [...] o nome deste bairro é de origem africana [...] "o termo Cabula vem do quincongo Kabula, que além de ser verbo, é nome próprio, personativo feminino e também o nome de um ritmo religioso muito tocado, cantado e dançado, daí o bairro tomar o nome do ritmo frequente naquela área, sendo suas matas utilizadas pelos sacerdotes quincongos". (SANTOS ET AL., 2010, p. 210)

Além da contribuição religiosa e social, o quilombo do Cabula representou também um momento de incorporação de elementos da cultura africana em sua forma mais diversa, comidas, trajes, vocabulário, dentre outros elementos tiveram contato com a cultura indígena e com a cultura dos invasores portugueses, e num movimento de adaptação e resistência recriou-se e criou uma identidade cultural mestiça e "multireferenciada" que persiste ao tempo e mantem-se em constante movimento. Faz-se necessário salientar também o caráter estratégico deste quilombo quanto a sua localização com já citado.

Em 1807 mesmo com o final do período escravocrata já decretado no Brasil, e o Quilombo do Cabula já não representar um perigo à ordem social vigente, não se sabe muito ao certo os motivos que levaram à decisão de extinção deste quilombo que ao que tudo indica se deu por ordem do Conde da Ponte.

2.2 A história viva da Mata Escura

Herdeira deste processo histórico de lutas e resistência, a comunidade da Mata Escura por situar-se numa área de densa Mata Atlântica, como indica o próprio nome, favoreceu a resistência e as rebeliões ocorridas neste território como relatado em 1822 quando um grupo de cerca de duzentos negros escravizados atacou os batalhões de Mata Escura e Saboeiro, como represália o general francês Pedro Labatut mandou executar cerca de cinquenta e dois destes insurgentes (REIS, 2003). A Mata Escura, por sua localização estratégica e pelo tipo de vegetação que a constituía, acompanhou a dinâmica do Antigo Quilombo Cabula, os processos de luta e resistência da cultura afro-brasileira em suas diversas expressões. A área que pertencia ao Mosteiro de São Bento por doação de Garcia D'Ávila feita entre o período de 1609 à 1917, foi comprada pela prefeitura da cidade na gestão de Antônio Pacheco Mendes (TEIXEIRA, 1978).

Neste cenário de conflitos e dada sua localização, ainda corroborando para isso o difícil acesso, a área da Mata Escura também constituinte do Antigo Quilombo Cabula foi um dos berços da cultura afro-brasileira, com elementos nativos tupinambás, europeus e africanos, além dos híbridos destas culturas, aqui insere-se uma contribuição

ímpar para a feitura deste trabalho, é esta herança que pretende-se lembrar, evidenciar e valorizar, enquanto Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura.

2.2.1 Herança de três povos

A herança indígena se difundiu na cultura brasileira e espalhou por todo o território através de hábitos alimentares, de higiene, culturais dentre outros em diferentes regiões. Na Mata Escura, as rodas de conversa revelam uma intimidade das pessoas daquela comunidade com tratamentos medicinais a base de ervas, a presença de rezadeiras também aponta para um vestígio de uma atividade tipicamente indígena, além disso o hábito de comer raízes como a mandioca, a batata doce dentre outros, traços da cultura que é compartilhada em todo o território nacional.

Dentre os aspectos culturais deixados pelo europeu invasor na Mata Escura perpetuaram-se a religião, principalmente a católica e mais recentemente as evangélicas e pentecostais, além da influencia cultural expressa na dança de salão, corroborando para a presença de grupo cultural de valsa, para além destes traços na alimentação o hábito de comer vísceras e a construção da identidade brasileira a partir da percepção do opressor.

É notória a presença da ancestralidade africana no bairro, não somente pelo contingente de pessoas de pele negra que ali habita, mas em comunhão com a dinâmica da capital baiana, hábitos e crenças africanas se misturam ao mosaico da cultura brasileira apimentando e dando sonoridade as ruas da Mata Escura. Além da intensa presença de terreiros de Candomblé na comunidade em sua maioria de nação Keto, uma prova dos processos civilizatórios e da resistência das culturas africanas e afro-brasileiras ao processo de invasão portuguesa e posterior negação de direitos do capitalismo contemporâneo, a comida que hoje é conhecida como comida baiana traz a marca da sabedoria africana e a adaptação feita por eles de seus pratos com os insumos aqui encontrados, o Caruru, a dança afro, a capoeira Regional e de Angola apontam para a rica contribuição Africana.

2.3 A Mata Escura hoje

De acordo com a Fundação Gregório de Matos (2018), data de 1870 o arrendamento da localidade onde hoje situa-se o bairro da Mata Escura, este arrendamento se deu por parte de Flaviano Manuel Muniz e Maximiniano José da Encarnação, este último foi homenageado com a construção da Escola Municipal

Maximiniano da Encarnação situada na Rua Direta da Mata Escura, da antiga proprietária conhece-se apenas o primeiro nome, Feliciana. Na década de 1930 inicia-se o povoamento do bairro feito por moradores humildes e a construção de casebres que marcam o início do processo expansão interiorana em Salvador, também neste período, nesta localidade cortada pelo Rio Camurujipe, há a construção de duas importantes represas que ajudariam no abastecimento de água da capital baiana, as represas da Prata e da Mata Escura, ambas projetadas pelo engenheiro baiano e negro Teodoro Fernandes Sampaio. Atualmente os atributos naturais e paisagísticos da comunidade sofrem ataques constantes resultantes da ocupação desordenada do solo acarretando em desmatamento e poluição dos afluentes dado o despejo de dejetos e esgotos (CALDAS; NUNES; SANTOS, 2007).

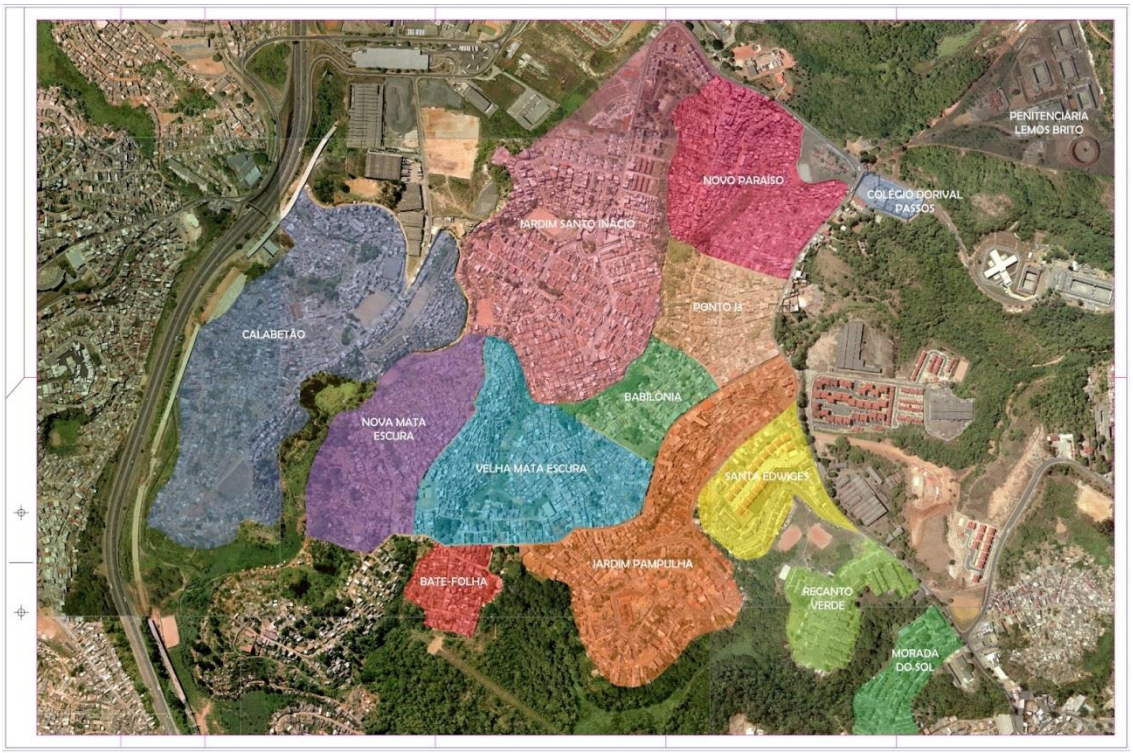
Segundo Chong (2016), em meados do século XIX, após o período em que iniciou-se a prática de monoculturas em fazendas, e intensificaram-se ainda mais as ocupações irregulares no bairro tendo sido ainda mais acentuadas esta prática depois da construção do Complexo Penitenciário Lemos de Brito nos anos 50 do século XX, considerado o maior complexo penitenciário da Bahia e que conta com um museu em suas instalações que resguarda um importante acervo histórico, porém devido ao elemento do cerceamento da liberdade e da "clientela" tutelada em suas dependências, a construção do complexo penitenciário traz consigo o estigma social para a comunidade que se materializa numa relação complexa entre os moradores da comunidade e o espaço socialmente construído pode-se dizer que:

> O bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que habitam que, em troca, o degrada simbolicamente. Os lugares marginais têm sua própria dinâmica e determinam formas coercitivas de convivência em relação a todos os moradores. Residir num lugar que carrega o estigma de marginal pressupõe estratégias individuais de circulação, aceitação e reconhecimento, onde formas de interações sociais são regidas por uma ordem estabelecida que exige certos tipos de comportamento. [...] O espaço social encontra-se inscrito de forma simultânea nas estruturas espaciais e nas estruturas mentais que são um produto da incorporação dessas estruturas; os agentes sociais são constituídos no espaço social e na sua relação[2] com ele. (ESPINHEIRA, 2008, p.143).

[2] Esta relação foi verificada pela equipe do projeto TBC no Antigo Quilombo Cabula, não somente na Mata Escura, mas em várias comunidades da poligonal, nas oficinas de roteirização para o TBC quando perguntados sobre quais as qualidades de seu bairro, ou que lugares levariam alguém que se hospedasse em sua casa para conhecer, ou ainda quando questionados sobre a história de seu bairro e a produção cultural local dos mesmos, as repostas variavam entre o desconhecimento e a evocação à violência propagada na mídia e, mais especificamente no bairro da Mata Escura, o reconhecimento da população carcerária egressa enquanto ainda infratores e como indivíduos que praticavam crimes na comunidade, apesar de posteriormente relatarem que a comunidade é relativamente segura para os moradores no que se refere à assaltos e furtos, este fato mostra a força do discurso midiático e sensacionalista na percepção que os moradores fazem de seu bairro.

As suas principais vias de acesso são o bairro de Sussuarana, pela BR-324 e o bairro do Cabula. O processo de ocupação irregular ainda ocorre no bairro, mais afincadamente nas áreas próximas ao metrô e ao Horto da Mata Escura.

FIGURA 2: Mapa da Mata Escura



Fonte: Residência AU+E/UFBA - Mata Escura, 2016. Disponível em: http://raue2mataescura.blogspot.com.br/2016/03/ola-atodos-dandoinicio-as-postagens.html. Acesso em 18 mar. 2018.

As características viárias da Mata Escura são descritas por Caldas, Nunes e Santos (2007) enquanto compostas por duas avenidas principais, Av. da Mata Escura, melhor conhecida como Rua Direta da Mata Escura e Av. Dom Avelar Brandão, destas duas avenidas principais interligadas por vielas que dão acesso às favelas compõem o relevo acidentado da comunidade. As características deste relevo extremamente íngreme com elevações que variam entre 25m e 80m, a composição argilosa do solo e a ocupação irregular destas áreas de risco ocasionam em fatores potenciais para a ocorrência de deslizamentos em períodos chuvosos.

De acordo com o Sistema de Informação Municipal de Salvador- SIM (2018), nos dias atuais, segundo último censo demográfico realizado em 2010 pelo IBGE, o bairro conta com uma extensão territorial comportando cerca de 4,5 km² e um contingente populacional de cerca de 52.196 habitantes, a maioria do sexo masculino, a

maioria da população de ambos os sexos estando numa faixa etária que orbita entre 30 e 39 anos de idade, além de contabilizar cerca de 1599 analfabetos, sobre o analfabetismo a mesma pesquisa mostrou que dentre a população carcerária do Complexo Penitenciário Lemos de Brito, o contingente de pessoas que não sabem ler ou escrever é de 25,5% do total de custodiados (MARX; DE SIQUEIRA; REIS; DE SOUZA, 2016). Ainda sobre o cenário acerca do cenário de negação de direitos ao qual a população da comunidade está submetida, estima-se que 57,1% da população economicamente ativa da Mata Escura sobrevive com apenas 1 salário mínimo mensal.

Ainda de acordo com o citado censo realizado no ano de 2010, quando inquiridos sobre sua cor/raça a população da Mata Escura apresentou a configuração constante no Quadro 1 a seguir:

QUADRO 1: População Residente da Mata Escura por Cor ou Raça

ANO DE 2010						
COR OU RAÇA	**Amarela**	**Branca**	**Indígena**	**Parda**	**Preta**	**Negra**
Nº DE HABITANTES	536	4.178	103	17.331	10.192	0

Fonte: Elaborado pelo autor embasado pelo banco de dados do Sistema de Informação Municipal de Salvador- SIM. Disponível em:< http://www.sim.salvador.ba.gov.br/indicadores/index.php>. Acesso em 22 de abril de 2018.

A análise destes dados apresentados nos mostra a percepção da população quanto a sua raça ou cor e evidencia a negação da raça Negra pela população e uma maior identificação da maioria desta população enquanto pessoa de cor Parda, uma tonalidade mais clara da pele de pessoas negras. Mesmo assim, afora as percepções e identificações que são de cunho pessoal e subjetivo para a resposta aos questionários do IBGE, há notoriamente, uma presença contemporânea de população negra expressiva na comunidade e suas contribuições históricas para a concepção dos aspectos socioculturais daquela localidade são notórios.

Dentre eles elenca-se a intensa presença de terreiros de candomblé, em sua maioria catalogados pelo Centro de Estudos Afro Orientais- CEAO, conforme quadro a seguir:

QUADRO 2: Terreiros de Candomblé da Mata Escura

NOME	NAÇÃO	REGENTE	ANO DE FUNDAÇÃO	ENDEREÇO
Ilê Axé Airá Dagomim	Keto	Xangô	1990	Rua da Mangueira, nº 35E, Ponto 13, Mata Escura, Salvador- BA.
Ilê Axé Epó Agodó	Keto	Xangô	1966	Rua Abelardo Magalhães, nº 143E, Mata Escura, salvador- BA.
Ilê Axé Mawud	Keto	Iansã	1999	Rua Monte Alegre, nº 9E, Mata Escura, Salvador- BA.
Ilê Axé Obá Xietã	Alaketo	Oxaguiã	1934	Rua da União, nº 184, Ponto 13, Mata Escura, Salvador- BA.
Ilê Axé Omin Lará Odé	Keto	Oxum	1947	Parque São Jorge, Rua Direta da Mata Escura, nº 205E, Mata Escura, Salvador- BA.
Ilê Axé Oya Dé	Keto	Iansã	1992	Rua do Jenipapeiro, nº 42, Mata Escura, Salvador- BA.
Terreiro das Águas Claras	Keto	Oxum Apará	1961	Rua Direta da Mata Escura, nº 64, Mata Escura, Salvador- BA.
Terreiro Tupinambá	Keto	Ogum Xeroquê	1986	Rua União, nº 63, Ponto 13, Mata Escura, Salvador- BA.
Terreiro	Angola	Iansã	1916	Rua direta da Mata Escura, S/N, Mata Escura,

Bate Folha				Salvador- BA.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do Centro de Estudos Afro Orientais- CEAO. Disponível em:< http://www.terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config>. Acesso em 22 de Abril de 2018.

São ao todo 9 terreiros de Candomblé o triplo do número de igrejas católicas presentes na comunidade, no entanto um número muito pequeno se comparado ao contingente de igrejas evangélicas na comunidade que aparecem de forma muito expressiva em comunidades de bairros periféricos. No que se refere à produção local há uma diversificação de produtos que vão desde a venda de legumes e hortaliças cultivadas em hortas comunitárias até o artesanato mesclando peças de vestuário em crochê, artigos de cama, mesa e banho feitos com o aproveitamento de retalhos, objetos decorativos feitos em biscuit e com materiais recicláveis, venda de ervas aromatizantes para limpeza e para consumo em forma de chás, vassouras artesanais, bonecas de pano, dentre tantos outros elementos que constituem a oferta de produtos e serviços da comunidade.

Há, de fato, uma produção cultural e política que andam irmanadas e efervescentes na região do Antigo Quilombo Cabula ainda hoje e este legado faz uma referência direta ao processo civilizatório daquela região e das lutas e resistências que ali se desenvolveram, ainda que em muitos casos estejam alijadas da proteção e do apoio das políticas públicas. Para a efetivação de uma alternativa popular e colaborativa de valorização deste patrimônio faz-se necessária uma escolha teórica e metodológica que esteja intrinsicamente ligada ao processo de resistência e luta por direitos, voltado para as populações historicamente oprimidas e com eles construído. Priorizando estes fatores a seguir faz-se uma explanação conceitual e em seguida o relato teoricamente embasado dos esforços baseados pela Educação Popular na Mata Escura para a organização do TBC.

Afora tudo o que foi exposto e a questão da autoestima das pessoas inseridas neste contexto, o cenário de sistemática negação de valores e inclusão injusta na sociedade soteropolitana faz deste ambiente um local ainda mais desafiador para a inserção de uma atividade que vise valorizar o patrimônio histórico e cultural desta comunidade.

3. A EDUCAÇÃO POPULAR NO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO PARA O TBC NA MATA ESCURA

A proposta de organização para o TBC sinaliza para a necessidade de um aporte teórico metodológico em consonância com os princípios da atividade pretendida, fundada sobre as bases da solidariedade, da colaboração, do cooperativismo e do respeito aos saberes das comunidades envolvidas, constituindo-se num trabalho em que a educação se torna elemento estrutural de seu objetivo, em diálogo com grupo de pesquisa, e nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade- PPGEduC, adota-se a Educação Popular- EP como proposta teórico metodológica no ramo da educação que será o lastro da organização para o TBC na comunidade de Mata Escura.

A imersão no tema se dá, principalmente, na disciplina "Estudos Avançados em Educação Popular" ministrada pela Prof.ª Dr.ª Edite Maria da Silva de Faria que viria a se tornar coorientadora deste trabalho, tanto pela sua trajetória de vida e acadêmica quanto pelo conhecimento e propriedade em EP. Na ocasião a referida disciplina também era ministrada pelo Prof. Dr. Eduardo José Fernandes Nunes e pelo Prof. Dr. Antônio Dias Nascimento, que fazia um recorte histórico do contexto em que as primeiras experiências em EP se deram no Brasil e também na América Latina ressaltando as características socioculturais e políticas daquele momento histórico.

Através dos diálogos entre discentes e docentes, mediados pela produção teórica sobre a EP, identificou-se na relação da proposta com o contexto uma interseção que caracterizava também um ponto de convergência com a proposta do Turismo de Base Comunitária que já vinha sendo desenvolvido pelo grupo de pesquisa desde 2010. Para além deste fato, o alinhamento que se dá a partir desta escolha tange também o aspecto epistemológico do trabalho, uma vez que o autor que baseia a metodologia do trabalho como um todo, também dá contribuições valiosas especificamente sobre a EP. O autor de base deste capítulo é Paulo Freire, pela magnitude e densidade de seus estudos na área e principalmente pela experiência tácita na operacionalização dos conceitos mediados pela proposta de emancipação dos sujeitos, um traço que também é comum à proposta do TBC.

3.1 Fundamentos da Educação Popular

Para entender quais as premissas da Educação Popular, faz-se necessário entender a função do contexto para a realização dela. O contexto é fundamental nessas atividades e é ele quem vai revelar os limites e as potencialidades que o educador dispõe para trabalhar. O contexto em que a EP nasce é fora do ambiente formal da educação, a escola, é tida como uma continuação das atividades cotidianas do educando numa perspectiva transformadora, assim:

> A Educação popular acompanha, apóia (sic) e inspira ações de transformação social. Nela, o processo educativo se dá na ação de mudar padrões de conduta, modos de vida, atitudes e reações sociais. Portanto, se a realidade social é ponto de partida do processo educativo, este volta a ela para transformá-la. (WERTHEIN, 1985, p. 22)

Este contexto em que há a necessidade de emancipação é um contexto socialmente marginalizado e economicamente periférico, dentro da sociedade brasileira, sujeitos inseridos de forma injusta nos processos que mediam a produção e o consumo de bens, com uma série de direitos negados que são submetidos á uma educação formal, que apesar dos avanços, continua seguindo uma agenda mercadológica e compartimentada, que mantém os sujeitos reféns de um conhecimento inacessível e deslegitima o conhecimento produzido por eles dentro de suas possibilidades e com os significados que realmente lhes fazem sentido.

Historicamente, foi a partir do final da II Guerra Mundial, que prevaleceu uma atmosfera democrática entre os países do ocidente, e alguns do oriente, o que favoreceu o início de uma percepção de educação que fosse para além da alfabetização e partisse para a instrumentalização dos indivíduos com insumos culturais que lhes permitisse o aprimoramento das atividades, inclusive de produção e defesa nacional, dentre outros. No Brasil, a experiência democrática inicia-se atravessada pelo elemento do populismo, como uma forma que as elites da sociedade brasileira encontraram de manter o controle formal dos mecanismos da democracia, por mais que formalmente fosse prevista a participação popular (PEREIRA; PEREIRA, 2010).

Em idos dos anos 1950 começam-se as reflexões acerca da Educação de Jovens e Adultos- EJA, no Brasil, estas reflexões versavam sobre as possibilidades da EJA enquanto espaço de formação de cidadãos politizados e conscientes. Dentre os pensadores e educadores envolvidos neste movimento de emancipação através da educação estava Paulo Freire, pernambucano nascido em 1921 que tinha por ideal uma

educação para além dos muros da escola e das amarras metodológicas de uma educação puramente formal e “conteudista”. Ainda no final da década de 1950, no II Congresso Nacional da Educação de Adultos:

> Paulo Freire, juntamente com outros educadores, sugeriu: a revisão dos transplantes que agiram sobre o nosso sistema educativo, a organização de cursos que correspondessem à realidade existencial dos alunos, o desenvolvimento de um trabalho educativo com o Homem e não para o Homem, a criação de um grupo de estudo e de ação dentro do espírito de autogoverno, o desenvolvimento de uma mentalidade nova no educador, que deveria passar a sentir-se participante do trabalho de soerguimento do país; e, finalmente, a renovação dos métodos e processos educativos com a rejeição daqueles exclusivamente auditivos, substituindo o discurso pela discussão e utilizando as modernas técnicas de educação de grupos com a ajuda de recursos audiovisuais. (PAIVA, 1987, p. 210)

O aspecto cultural, já neste momento da EP, era entendido pelos seus entusiastas como elemento fundamental no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos envolvidos nestes trabalhos, porém o conceito de cultura que ainda hoje permeia as discussões deste modelo teórico metodológico de educação passa longe de uma cultura elitizada e excludente, muitas vezes importada sob o pretexto da internacionalização, que na verdade significa o domínio ideológico de um grupo sobre as camadas historicamente oprimidas. A cultura aqui abordada é a cultura popular enquanto:

> [...] um conjunto diverso, múltiplo de maneira de produzir sentido, uma infinidade de formas de ser, de viver, de pensar, de sentir, de falar, de produzir e expressar saberes, não existindo, por conta disto, uma só cultura ou culturas mais ricas ou evoluídas que outras tampouco, gente ou povos sem cultura. Recusar, portanto o etnocentrismo, esta tendência de valorizarmos unicamente nossa maneira de ser e viver, enfim nossa cultura, é reorientar nosso olhar primeiramente em direção a uma vocação mais multicultural, no interior do qual possamos jamais perder de vista que as culturas humanas são diferentes, mais nunca desiguais. São qualidades diversas de uma mesma experiência humana, mas qualquer hierarquia que as qualifique é indevida. (BRANDÃO, 2008 p.17)

É sob este aspecto que na primeira metade dos anos 1960 inicia-se um movimento nacional de valorização da cultura popular, numa contestação sobre a forma meramente folclórica como esta cultura era percebida pela sociedade brasileira de forma geral, em Recife, Paulo Freire fundou e participou do Movimento de Cultura Popular do Recife- MCP. Segundo Brandão (2001):

> Este “movimento” reuniu professores e artistas. Ele não existia só nas escolas e nem era um trabalho só da educação [...] as pessoas que faziam o MCP queriam que tudo o que é bom, e está nas palavras, nas cantigas, e nas idéias (sic) que as pessoas criam, fosse levado para a gente pobre também. (p. 35)

Neste mesmo período aconteceu a experiência que até hoje é tida como um dos grandes marcos da EP no Brasil, a experiência de Angicos no Rio Grande do Norte em que foram alfabetizados cerca de 300 adultos em 40 horas no dia 02 de abril de 1963. Esta experiência surge como resultado de um trabalho que segundo Freire (1982) foi resultado de experiências acumuladas há mais de 15 anos no lidar com a educação de jovens e adultos em contextos variados, desde rural até o urbano, entre trabalhadores e pessoas em condições de trabalho aquém das outorgadas pelo Estado da época, para Freire os trabalhos da Educação Popular tinham que ser baseados pela produção cultural e pelos significados dos sujeitos envolvidos na atividade, e que não haveria fórmula pronta para este intento.

No ano seguinte, 1964, com a instauração do golpe militar e da ditadura através do Ato Institucional também conhecido como AI-5, a repressão à iniciativas populares e à democracia, bem como a participação da população foi intensificada, e com ela as iniciativas de educação popular ficaram na clandestinidade. Porém encontraram apoio e resistências nas Comunidades Eclesiais de Base- CEB e nas Organizações Não Governamentais- ONG's que prosseguiram o trabalho de emancipação popular. Em 1967 Feire publica seu livro "Educação como Prática da Liberdade", como sistematização literária da experiência de Angicos e das que consubstanciaram o método utilizado nesta, neste livro o autor defende a educação enquanto elemento formativo do cidadão consciente e politizado, que tenha consciência dos processos políticos que envolvem e estruturam a sociedade em que está inserido para daí poder entender o mundo e se entender no mundo, podendo fazer suas escolhas políticas e ideológicas a partir de sua própria reflexão.

Como resultado dos processos de resistência popular que se intensificaram por todo o país principalmente a partir dos anos 1970 tivemos resultados materializados, conquistas e a prova da força da criatividade popular foram elas:

- Criação do Partido dos Trabalhadores- PT, em 1980;
- Criação da Central Única dos Trabalhadores- CUT, em 1983;
- Criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST em 1985.

Essas criações têm em comum seu enraizamento no mundo do trabalho e na articulação destes sujeitos, a partir de seu contexto para contestar as situações de exploração as quais eram submetidos. Com a "redemocratização" da sociedade

brasileira, e a elaboração da Constituição Federal, em 1989 as mobilizações intituladas Diretas Já trazem demandas específicas do processo eleitoral e culminam na eleição através de votação direta da população e eleição do primeiro presidente sob estas condições após anos de Ditadura Militar, com eleição de Fernando Collor de Melo, a sua proposta de modernização da economia traz valores ideológicos do neoliberalismo que pragmaticamente age sob as camadas populares de forma a tolher-lhe os direitos em prol da intensificação na produção e consumo de bens, ainda como resultado da maximização desta produção e da diminuição de custos para o grande produtor, acentua-se a desigualdade da distribuição de renda e com isto degradam-se as condições de sobrevivência do trabalhador.

Ao atingir também a classe média e a classe média alta, principalmente com o confisco da poupança de grande parte da população na tentativa de amenizar a inflação, os movimentos insurgentes e de reivindicação de direitos ganham apoio da mídia que dá origem à manifestações que aglutinaram diversos setores da sociedade com diferentes percepções políticas e que convergiram-se numa pauta única, destituir o presidente eleito pela sua aparente inabilidade em gerir o país, antes chamado O Caçador de Marajás, ao final de seu mandato impedido em 29 de setembro de 1992 já não contava com a aprovação do eleitorado nem da opinião pública.

O cenário deixado pelo ex-presidente, no entanto, não gerou uma reflexão acerca do projeto político e da aparente modernização da economia brasileira, que seguiu de forma menos acentuada, mas ainda comprometida com os interesses do capital externo, principalmente com dos Estados Unidos da América, assim os governos que seguiram sua deposição foram todos comprometidos com as demandas e interesses mencionados. Em seu livro “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” Paulo Freire (1996) faz uma leitura da situação em que se imergia o Brasil e das consequências desta situação no âmbito da subjetividade dos indivíduos que vem de um processo histórico de negação de valores; para o autor:

> A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal, anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social, que de histórica e cultural, passa a ser ou virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, o que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. (FREIRE, 1996, pp. 21-22)

Na tentativa de desmontar este cenário de desesperança instaurado pelo neoliberalismo em escala internacional, em âmbito regional e local, se utilizando das

brechas que lhe foram concedidas, Paulo Freire torna-se Secretário Municipal da Educação da cidade de São Paulo em 1989, convidado pela então prefeita Luíza Erundina eleita pelo Partido dos Trabalhadores- PT, naquela ocasião enquanto secretário da educação da cidade fomentou a descentralização dentro do setor além de conceber politicas públicas tendo por base a percepção e a compreensão da educação enquanto popular, democrática e colaborativa, neste sentido dentre as políticas e programas de sua autoria pode-se citar o Mova- Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos que na ocasião serviu de modelo e inspiração para outros municípios.

Falar da EP em âmbito nacional, continental e mundial sem falar de Paulo Freire seria uma negligência, dada a sua incontestável contribuição nos estudos e fazeres desta prática, e é a partir da condensação de sua obra e dos relatos de suas experiências que procede-se o desmembramento de alguns conceitos básicos que são fundamentos da metodologia adotada na organização para o TBC.

3.2 Princípios da Educação Popular aplicados ao TBC na Mata Escura

A Educação Popular traz em seu âmago questões frutos de situações de opressão e embates sociais e políticos vividos pelos indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Dada a dimensão destas situações na vida dos sujeitos e o objetivo libertador e emancipador desta educação consciente, seria impossível atingi-la desprezando este contexto tão amplo, múltiplo, diverso e dinâmico, neste sentido cabe uma análise da comunidade de Mata Escura para a compreensão da complementariedade entre o contexto e a escolha teórico metodológica.

As comunidades de bairro, socialmente marginalizadas e economicamente periféricas sofrem diariamente as mazelas do abandono, do descaso e da negação de direitos pertinentes à esfera do poder público, mesmo com as recentes mudanças na administração pública com a criação de prefeituras de bairros com o objetivo de descentralizar e otimizar a administração pública, há persistência de problemas relativos ao saneamento básico, acesso ao Sistema Único de Saúde- SUS, à uma educação de qualidade que dê oportunidades aos egressos, dentre outros problemas. Neste sentido os indivíduos tem uma série de respostas inerentes a este processo que são construídas e se materializam sob a forma de barreiras para seu próprio desenvolvimento, em diálogo com a abordagem teórico metodológica da EP, elencou-se alguns princípios básicos a serem trabalhados no processo de formação para o TBC na Mata Escura a seguir:

- Dialogismo;
- Autoestima;
- Dialética;
- Contexto.

Estes princípios foram eleitos a partir do estudo da experiência Freiriana em conjunto com a análise da situação construída socialmente que está posta em campo, afora isso, junta-se a experiência do pesquisador em experiências ocorridas num período intermitente que teve início em sua graduação e o acompanha até o momento desta pesquisa em que a resposta dos sujeitos à proposta de organização para o TBC sempre vinha atravessada por uma percepção a cerca de seu contexto impregnada por impressões exteriores e que não tinham outro objetivo se não o de desvalorização de sua vida, seus fazeres, saberes e de sua comunidade como um todo.

A seguir uma breve explanação teórica sobre estes princípios para que depois se possa prosseguir o relato da experiência observando o método e a teoria como embasamento para a organização do TBC na Mata Escura valorizando o Patrimônio Histórico e Cultural desta comunidade.

3.2.1 O dialogismo: possibilidades e desafios

> O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2012, p. 117)

O sentido e a percepção do diálogo com/dos/entre os indivíduos precisa ser contextualizada para ser de fato lida em toda sua complexidade de sentidos e significados. Os temas ou palavras desencadeadoras devem fazer sentido real ao seu cotidiano e estar intrinsicamente ligados aos seus fazeres e saberes de forma que despertem para novas possibilidades num horizonte que não lhes seja estranho. Para tanto, precisa-se compreender que o diálogo é uma prática humana e como tal tem finalidade e natureza determinadas pelos seus interlocutores, assim, através do diálogo o homem pode construir ou destruir relações pessoais, profissionais e familiares, por exemplo, pode transforma sua própria realidade e dar subsídios para que o outro transforme a sua, para Freire:

> (...) o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser

> transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (...) É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro (2010, p. 91).

Num cenário de negação de direitos e de segregação socioeconômica, a noção de liberdade mediada pelo diálogo e pela natureza dialógica das relações entre os sujeitos e destes para com as estruturas em nível macro e micro, dá uma consistência e uma responsabilidade maior às suas vozes. Esta responsabilidade é outorgada pelo respeito e pela validação de seus saberes, no momento em que se sentem responsáveis pelo conteúdo e pela consistência de suas falas é o momento em que estas lhe são apresentadas por eles mesmos no *hall* das "coisas importantes", daquilo que mereça silêncio para ser ouvido, é neste momento que o método atinge seu objetivo, a partir da valorização, da responsabilização e da liberdade que são atribuídos às falas e as vidas dos sujeitos.

No entanto, não são poucos os obstáculos que os sujeitos enfrentam até este momento, muitos lhes são exteriormente impostos, outros são cultivados em suas subjetividades e se apresentam como condição natural de suas existências, o que não condiz com uma verdade almejada de libertação e responsabilização, este que se encontra nos confins da subjetividade do ser, é uma muralha, construída milimetricamente, dia após dia, com o claro intuito de fazer os indivíduos não acreditarem em seu potencial, em suas capacidades, em seu poder criativo, tornando seus sonhos em vergonha, revestindo-os sob o véu da ilusão, atribuindo-lhe valores infantis, este obstáculo, esta muralha das lamentações se chama autoestima, ou melhor, baixa autoestima.

3.2.2 Educação e autoestima

"Aqui só tem ladrão"

Esta foi a resposta de uma das participantes sobre o que haveria para ser visto na Mata Escura em uma das primeiras rodas de conversa que foram realizadas no processo de organização para o TBC, mesmo apesar de ter relatado nunca ter sido roubada no bairro, esta era sua percepção a cerca de sua comunidade. Para entender o porquê destas falas aparentemente antagônicas faz-se necessário entender que o contexto onde se deu início a EP e nos quais atualmente ela ainda ressalta como possibilidade, é um contexto econômico e social marcado por uma série de negação de direitos e inserções injustas na

sociedade, estes sujeitos são utilizados enquanto força de trabalho, quando não são negados os meios de subsistência lhes restando criminalidade e integração ao quadro de sujeitos necessários para a manutenção do sistema capitalista no qual estamos todos inseridos.

No contexto urbano as comunidades de bairro além de estarem relegadas ao descaso do poder público tem a questão da marginalização e o estigma subjacente ao julgo dos outros setores e agentes da sociedade sobre aqueles. Esta ação dirigida a uma comunidade tem efeito real em cada um de seus moradores, neste sentido, segundo Spinelli Júnior:

> A definição de comunidade tem passado, sobretudo pela afirmação de sua dimensão subjetiva: a comunidade se estrutura a partir de um sentimento de comunidade, de um senso de pertencer à determinada coletividade. (2006, p. 01)

Esta subjetividade é lastreada por um conjunto de fazeres e saberes que tem sentido e significado para os sujeitos destas comunidades, são historicamente construídos e carregam além de funcionalidade, afetividade e uma carga emocional que por vezes faz referência às suas vivências, de seus antepassados, de sua relação com outras comunidades, neste sentido cabe a inserção da fala de uma das participantes das rodas de conversa, ao ser questionada sobre a importância da educação para a vida dos sujeitos sua resposta fez menção à um conselho materno: *"estude para não ter que trabalhar na casa dos brancos"*, além de uma carga emocional muito forte esta fala traz as reverberações contemporâneas do processo histórico de invasão portuguesa e da percepção praxiológica desta relação entre brancos e negros construída e mantida por um sistema desigual de produção e distribuição de renda.

Para um processo de organização para o TBC é imprescindível que a noção do valor e do papel destes saberes e fazeres nos processos e na dinâmica da comunidade, respeitando-os e valorizando-os nas atividades pretendidas, pois é este o maior atrativo de que dispõem as comunidades, sua gente e sua memória, as interfaces destas memórias e destas pessoas com a sociedade como um todo. Porém, por motivos que convergem para o atendimento do capital empresarial e por vezes até mesmo estrangeiro, a estes são atribuídos valores negativos, quando não são deturpados por meio das mídias de comunicação e disseminados. Os efeitos desta ação é a queda vertiginosa da autoestima destas pessoas que se identificam enquanto membros desta comunidade.

> De todos os julgamentos que fazemos, nenhum é tão importante e tão difícil quanto julgarmos a nós mesmos. Desse julgamento provém a autoestima. Ela pode ser alta ou baixa dependendo do nosso conceito, do meio que nos cerca e dos nossos sentimentos em relação a ela (SANTANA, 2012, p.3).

Para o processo de ensino e aprendizagem, o resultado deste julgamento constitui-se numa premissa construída pelo indivíduo em contato e em interação com os outros indivíduos que vai delimitar a extensão de seu fazer criativo de acordo com uma escala de ação que este indivíduo acha que determina suas possibilidades. Para Brandão:

> Autoestima é a confiança na capacidade de pensar, na habilidade de se dar conta dos desafios básicos da vida e no direito de vencer e ser feliz, nas suas aspirações, nos seus sonhos, que influenciados pela motivação e um auto conceito positivo fazem com que [...] melhore sua capacidade de aprendizagem devendo ter como primordial estar integrada aos currículos escolares tornando o aluno um ser pensante e criativo que nutra o desenvolvimento de sua autoestima (1991, p.56)

Para Felicissimo et al (2013) os processos que envolvem a autoestima se baseiam e consolidam sob dois aspectos diferentes na subjetividade do indivíduo, o cognitivo, no sentido de se tratar de uma relação de análise do sujeito para com um objeto; e o afetivo, que se constitui na atitude do indivíduo perante este objeto, se em aprovação sua atitude será positiva, se reprova sua atitude é negativa. Podemos inferir que a reprovação da imagem que é socialmente construída a respeito de sua comunidade, no momento em que é assimilada gera um sentimento negativo de reprovação da comunidade, no caso de uma inventariação para formação de caderneta de contatos para parceria nas prestações de serviço, ou mesmo na inventariação de atrativos e atrações turísticas, as possibilidades apesar de permanecerem na comunidade não são percebidas pelos sujeitos que remetem sempre à uma realidade de cotidiano violento e de nulidade da produção cultural de suas comunidades, esta percepção se deve ao fato de terem absorvido uma visão midiática e estereotipada de suas comunidades e por conseguinte deles mesmos.

A autoestima traz um fundamento que é comum ao propósito deste trabalho e que é fundamental e transversal aos esforços aqui intentados, o processo de valorização do patrimônio histórico e cultural pretendido pela organização do TBC passa inevitavelmente pela valorização do indivíduo, uma vez que o objeto desta valorização é o lugar que representa a sua história, de sua família, um lugar onde estabeleceu relações de amizade e colaboração cotidiana, assim, a desvalorização de sua vivência acarreta em sofrimento psíquico, que pode desaguar numa fragilidade e até quebra de alguns vínculos estabelecidos.

Para Bion (1967) existem três tipos fundamentais de vínculos, aqueles de amor, os de ódio e os do conhecimento, a estes vínculos Zimerman (2010) acrescenta o do reconhecimento, para o segundo autor estes quatro vínculos se relacionam, e o vínculo de reconhecimento opera em quatro categorias analíticas; 1- reconhecimento de si mesmo, 2- reconhecimento do outro, 3- ser reconhecido aos outros indivíduos, tal qual uma expressão de gratidão, e por fim 4- ser reconhecido pelos outros, no sentido de uma admiração conquistada resultado de sua ação objetivada pelas suas expectativas. É na relação de construção destes vínculos e da qualidade deles que resulta a forma pela qual se expressarão as relações interpessoais na comunidade. A percepção do outro e de si mesmo enquanto companheiros de uma mesma localidade traz consigo um ponto de convergência entre as vivências e valores, este ponto, se não valorizado ou até mesmo desqualificado pelos indivíduos inseridos em uma situação hipotética de convívio delimitará sua percepção de poder de ação unitário e comunitário.

Para a realização de atividades que viabilizem o desenvolvimento de soluções e a resolução de problemáticas comuns aos constituintes de uma comunidade, a saúde psíquica e, por conseguinte a autoestima devem estar em seus níveis satisfatórios.

Desta forma, entende-se que a valorização do Patrimônio Histórico e Cultural destas localidades implica na relação do indivíduo historicamente construído e consciente dos processos formativos e dos significados de sua comunidade. Contemplar estas valorizações em um método educativo que pressupõe a abertura para o caráter volátil e dinâmico do cotidiano comunitário e da transformação, enquanto objetivo de uma educação emancipadora e aspiração do ser humano em sua capacidade criativa, neste sentido é o movimento que caracterizará elemento facilitador para tanto.

3.2.3 Dialética: educação em movimento

A dialética pode ser entendida enquanto essencialmente movimento. Nasce no período filosófico pré-socrático com Heráclito de Éfeso que defendia a mutabilidade das coisas e da vida a tal ponto que não seria possível banhar-se duas vezes nas águas do mesmo rio, pois nem o rio nem o homem seriam mais os mesmos (GADOTTI, 1983). Neste sentido a dialética entendida enquanto tríade analítica surge com Hegel que traz um elemento novo ao que era classicamente trabalhado no referente à dialética, esta tríade traz o movimento entre a tese, a antítese e a síntese, e este movimento é mediado basicamente pela contradição, assim tem-se a priori uma situação de tese que é confrontada com um dado novo ou que pode lhe ser contraditório sob algum aspecto, a

partir deste confronto surge um novo elemento a síntese este movimento repete-se e a síntese se torna uma nova tese (SUCUPIRA, 1983). No tocante aos esforços metodológicos empreendidos nesta pesquisa o movimento e os ciclos de aplicação seguem a mesma dinâmica alinhando metodologia e teoria educacional na perspectiva de dar coerência e viabilizar a feitura do mesmo.

A partir da negação da estática e da valorização do movimento, concebe-se uma educação que vá de encontro ao que foi identificado por Paulo Freire (1996) enquanto educação bancária, uma educação baseada na transmissão de conhecimento com papéis determinados pertinentes ao educando e ao educador, sem possibilidade de transitoriedade de ideias, num fluxo contínuo e ininterrupto de conhecimentos hierarquizados e validados por uma concepção higienizadora e classista de educação. Para entender melhor esta concepção dialética da educação recorre-se aos estudos de Moacir Gadotti (1983) nos quais o autor faz uma análise da política educacional brasileira e posteriormente uma análise do método educacional adotado, trazendo reflexões a cerca da importância da criticidade, do diálogo, e do movimento no processo de ensino e aprendizagem.

A criticidade do estudante que contribui na construção de conhecimentos novos é um elemento que para o autor deve ser respeitado e entendido pelo educador que ao assumir uma posição de escuta possui subsídios para entender o universo cognitivo do educando e dialogar com este sujeito respeitando seus limites e possibilidades. Para este autor um dos objetivos da educação é a formação de um cidadão crítico e inovador.

O processo de construção de conhecimento se dá a partir do diálogo entre o conhecimento do educando e do educador, numa perspectiva colaborativa em que ora o educador é educando e ora o educando é educador. Esta fluidez de papéis caracteriza o movimento dialético que possibilita a inovação na solução de problemáticas e fazer um novo conhecimento ser construído. No tocante à organização do TBC, é fundamental que este processo respeite o tempo, os significados, os saberes e fazeres da comunidade, pois uma metodologia de educação bancária e tecnicista não contemplaria as possibilidades dos sujeitos que tem em suas histórias um notório processo de negação de direitos, dentre eles uma educação digna e emancipadora.

A dialética para a organização do TBC na Mata Escura se materializa enquanto princípio viabilizador da construção de conhecimento, quando os sujeitos em diálogo conseguem construir novas percepções a cerca de sua realidade e de suas possibilidades,

neste sentido o diálogo mediado pelo respeito com vistas a formação de um sujeito crítico e responsável atinge seu objetivo no enriquecimento do leque conceitual do indivíduo. Outro elemento que dá subsídios para a construção de conhecimento, neste caso para a organização TBC na Mata Escura, é o contexto, este aspecto é também eleito enquanto fundamento para a metodologia de organização do TBC na Mata Escura e por isso procede-se a seguir um aprofundamento teórico sobre o tema.

3.2.4 Uma mediação socioconstrutivista do contexto

A leitura que fazemos do contexto a nossa volta no momento do processo de ensino e aprendizagem tem uma função determinante sobre os caminhos que levarão à construção do conhecimento que se pretende. Tendo por base os estudos de Lev Vygotsky e as premissas do socioconstrutivismo para o processo educativo, faremos a seguir o desmembramento de mais uma categoria fundante da proposta de organização do TBC na Mata Escura. O referido autor dedicou sua vida aos estudos do processo de ensino e aprendizagem de crianças em ambiente escolar, por meio destes estudos ele identificou na abordagem socioconstrutivista uma forma de mediação do professor para com o educando, nesta mediação o professor seria uma ponte entre o conhecimento já desenvolvido pelo educando e aquele que ele estaria apto a compreender com a ajuda de um adulto para posteriormente também conseguir internalizá-lo.

O primeiro conhecimento estaria numa zona identificada pelo autor como Zona de Conhecimento Real e o segundo na Zona de Conhecimento Potencial, sendo que o caminho que leva o educando da Zona de Conhecimento Potencial são os processos de ensino e aprendizagem legitimando este conhecimento enquanto autônomo e internalizado no individuo, Zona de Conhecimento Real, seria composta por aquele conhecimento internalizado e assimilado pelo educando. Já a Zona de Desenvolvimento Proximal- ZDP, é o espaço cognitivo no qual trabalho o educador e o educando, contendo as possibilidades e limitações do educando para o transporte do conhecimento da Zona de Conhecimento Potencial para a Zona de conhecimento Real. Outro aspecto identificado por Vygotsky no processo de ensino e aprendizagem é a necessidade da vida em sociedade para que este processo aconteça, “Na ausência do outro o homem não se constrói” (VYGOTSKY, 2002, p. 235).

Faz-se necessário evidenciar ainda a importância do contexto neste processo, pois é através das práticas, dos fazeres e saberes da comunidade em que o indivíduo está inserido e, por conseguinte por meio do que lhe faz sentido e tenha significado que a

aprendizagem se dá (FREIRE, 1996). Neste sentido o referido autor já a sua época nos traz uma reflexão acerca da função da escola para a formação do indivíduo, esta reflexão nos remete à uma concepção racionalista de educação que teria por objetivo o treinamento profissional de indivíduos, como uma forma de adestramento para que possam ocupar o local social que suas condições financeiras e sua ascendência familiar dentre outros fatores, lhes proporcione. Esta concepção, na visão do autor, é uma quimera racionalista por parte de indivíduos que tentam conceber a educação tal qual uma atividade das ciências exatas, desprezando as subjetividades e aspirações dos indivíduos envolvidos neste processo. Neste sentido:

> O ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante a de um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo. (VYGOTSKY, 1987 apud REGO 2009, p. 72).

Percebe-se que a teoria Vygotskyana, em concordância com a teoria e prática Freiriana, se baseia no contexto, no diálogo e na dialética, dando enfoque na função do contexto para o processo de ensino e aprendizagem. Para a organização do TBC na Mata Escura pelo menos três dimensões do contexto foram evidenciadas e extremamente necessárias para uma proposta coerente com os pressupostos teóricos escolhidos e a finalidade emancipadora da educação proposta por Freire e adotada como método de valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura estas dimensões são; a) política; enquanto relações da comunidade para com a esfera do poder público e suas ramificações presentes no contexto, por exemplo vereadores, cabos eleitorais, associações cooptadas, órgãos do poder público municipal descentralizado dentre outros, b) econômica; enquanto sua configuração e estrutura econômica, a distribuição de serviços, tipos de serviços oferecidos, a distribuição de renda, a oferta de empregos, a iniciativa privada e popular, os empreendimentos populares dentre outros, e por fim c) histórica; processo histórico de formação do bairro com recorte temático de composição do Antigo Quilombo Cabula e momentos mais recentes de sua história, suas dinâmicas, a história através da oralidade dos moradores mais antigos, as histórias de vida dos sujeitos implicados no processo.

A partir do desmembramento destes princípios básicos da Educação Popular prosseguimos com o relato teoricamente embasado da metodologia aplicada na organização para o TBC na Mata Escura.

3.3 Metodologia Participativa para o TBC na Mata Escura

Do ponto de vista teórico, esta metodologia é identificada enquanto pesquisa-ação. Este tipo de pesquisa de cunho social tem por objetivo a intervenção numa determinada realidade, a avaliação desta intervenção e sua melhora constante, aplicada principalmente nos campos da comunicação, educação, difusão da tecnologia rural, serviço social, dentre outras ciências sociais aplicadas (THIOLLENT, 2005). Seu desenvolvimento requer uma atenção urgente e prioritária ao diálogo entre o pesquisador e a consciência dos sujeitos, no sentido da necessidade expressa de mudar um aspecto da realidade em que o grupo esta inserido, este posicionamento dialógico caminha para processos formativos que, se dão em vários níveis e são assimilados à medida que a pesquisa se dá (FRANCO, 2005).

Ao fundar-se sobre os aspectos concretos da realidade e da vivência do grupo na Mata Escura, os esforços visam a resolução de uma problemática tão concreta e historicamente construída quanto o contexto em que a pesquisa é desenvolvida, trabalhar esta realidade dentro da proposta metodológica da pesquisa ação requer uma postura dinâmica e dialógica do pesquisador para um movimento contínuo de aperfeiçoamento da melhoria proposta pela pesquisa descrito por Tripp (2005) e dividido em 4 fases que compõem o ciclo básico da aplicação da pesquisa ação conforme esquema a seguir:

FIGURA 3: Ciclo de aplicações da Pesquisa Ação

Fonte: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação na pesquisa ação elaboração do autor com base nos estudos de Tripp, 2005.

A elaboração da proposta metodológica de organização do TBC na Mata Escura com base na EP leva em consideração a experiência vivida pelo pesquisador no decorrer de sua vida acadêmica em experiências de processos formativos em comunidades da poligonal constituinte do Antigo Quilombo Cabula no decorrer de um período de seis anos em imersões intermitentes, e nos estudos realizados tanto nas disciplinas da grade curricular do Programa de Pós- Graduação em Educação e Contemporaneidade-PPGEduC em sua linha de pesquisa 3, quanto nas construções de conhecimento no grupo de pesquisa SSEETU. Neste sentido procede-se o enlace entre teoria e prática respeitando o tempo da comunidade, suas demandas cotidianas e suas possibilidades.

A metodologia desenvolvida apresenta um conjunto de 7 fases que se complementam com o decorrer do trabalho. No primeiro momento procede-se a sondagem do grupo observando suas expectativas, seu conhecimento acerca da prática do turismo e instigando-lhes para a possibilidade da organização para um outro tipo de turismo, neste momento despontam os temas transversais ao processo de organização para o TBC:

- Solidariedade
- Cooperação
- Memória
- Patrimônio

Estes temas estão imbuídos em todo o processo e apresentam-se nas rodas de conversa, na construção coletiva de roteiros, na precificação dos mesmos, no processo de inventariação do Patrimônio histórico e Cultural da comunidade, no reconhecimento dos atores da cadeia de produção local em seus diversos aspectos, seja no âmbito cultural, religioso, alimentício, dentre outros. Este momento dura o tempo necessário para que se construa uma relação de confiança entre o pesquisador e a comunidade envolvida, essencial para que o pesquisador consiga neutralizar sua imagem institucional, já que representante de uma universidade e visto a prática corrente das universidades em comunidades, esta associação preponderante poderá acarretar em dificuldade para a efetivação do trabalho.

Alguns sinais indicam quando esta relação está sendo consolidada: a abertura da possibilidade de realização de encontros do grupo na residência dos indivíduos; a presença de familiares nas reuniões, principalmente crianças tuteladas por eles; a

entrega de mimos, a maioria das vezes o compartilhamento de alimento como forma de socialização; a partilha de situações de foro íntimo com o grupo, este sinal indicando além da construção de uma relação de confiança do indivíduo com o grupo um maior entrosamento entre os indivíduos; a cobrança de mais encontros, entre outros sinais indicativos de interesse e possibilidade para o desenvolvimento do trabalho. No caso desta pesquisa este momento teve duração de um mês indo de Setembro à Outubro de 2017.

Depois de reconhecidos alguns destes sinais que indicam a abertura para o trabalho coletivo, procede-se o início das rodas de conversa para a construção e conhecimento, neste momento os indivíduos devem ter suas vozes e opiniões ouvidas, por mais contraditórias que possam parecer, cabe ao pesquisador entender que muitas falas são fruto de um processo de privação de direitos e por vezes estão carregadas de valores que lhe são atribuídos por setores da sociedade com interesse real em incutir-lhes no processo de desinformação e separação entre eles. Estas rodas de conversa devem versar sobre o turismo, o TBC e as possibilidades daquela comunidade para a implementação destes no local.

Não raro nestes seis anos de experiência, neste momento é o primeiro contato do pesquisador com a autoestima da comunidade e os relatos em sua maioria versam sobre pontos negativos e informações depreciativas daquela comunidade, aqui insere-se a possibilidade do diálogo com os indivíduos a respeito das potencialidades deles próprios e da comunidade, este diálogo pode trazer dados comparativos da violência diária em espaços de uso turístico e da comunidade, além dos dados sobre a produção cultural da comunidade, entre grupos de teatro, dança, sarais de poesia, desmistificando a imagem negativa construída acerca do local onde vivem.

Em seguida faz-se necessário especializar mais os temas das rodas de conversa, dialogando sobre os aspectos inerentes ao turismo, principalmente o Patrimônio Histórico e Cultural da comunidade, pois é a partir da inventariação deste patrimônio, eleito pelos sujeitos, que o processo de valorização da história e da cultura da comunidade começa a despontar. Os indivíduos começam a elencar um compêndio de práticas, monumentos, grupos, localidades e pessoas que já conheciam e reconheciam enquanto valorosos sob vários aspectos de suas relações interpessoais, enquanto patrimônio, este aglutinamento salvando as devidas proporções das possibilidades de

uso de cada tipo de patrimônio gera o início do processo de valorização das suas próprias histórias e dá à suas vozes audiência e responsabilidade.

Depois de inventariado o patrimônio histórico e cultural da comunidade e as possibilidades de associação para a prática do TBC, é iniciado o processo de visitas técnicas na comunidade a fim de construção de caderneta de parceiros, para a construção desta caderneta os sujeitos visitam os grupos e espaços elencados enquanto patrimônio histórico e cultural da comunidade e apresentam-lhes a proposta do TBC, após diálogo entre eles é firmada uma parceria através da qual o grupo, associação, pessoa dentre outros responsáveis por bens de valor histórico e/ou cultural, se comprometem à ajudar na realização de roteiros, no acolhimento, nas atividades de alimentação, de acordo com suas possibilidades e disponibilidades.

O próximo passo para a implementação do TBC na comunidade é a realização de oficinas formativas para o TBC com o intuito de criação dos Roteiros Turísticos Urbanos Alternativos, Responsáveis e Solidários- RTUARS, precificação destes roteiros, acolhimento solidário, dentre outras demandas ocasionais específicas de cada comunidade. Estas oficinas gerarão produtos fruto do trabalho coletivo e da participação solidária dos indivíduos, articulando diversas áreas do saber científico e o conhecimento popular, formando uma prática híbrida dos dois conhecimentos e marcadamente representativa daquela comunidade a partir da marca do trabalho respeitando as práticas que ali foram criadas e se desenvolveram com o passar dos tempos.

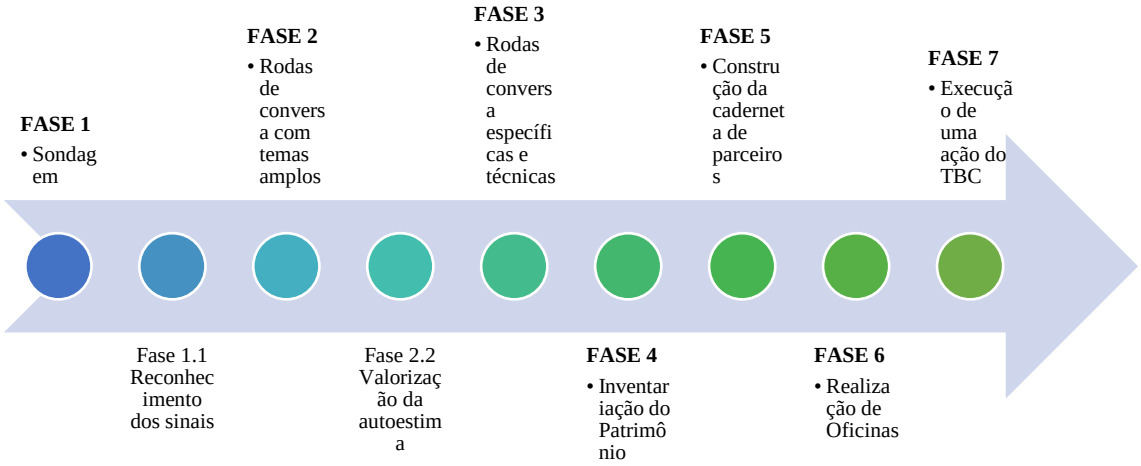
É importante atentar-se para a possibilidade de haver indivíduos no grupo com o domínio técnico e/ou científico de determinadas áreas do conhecimento que podem contribuir para o processo, nestes casos faz-se necessário conferir ao indivíduo portador deste conhecimento a autoridade que sua formação técnica e/ou científica já lhe deu, esta atitude gera maior engajamento no indivíduo e por parte do pesquisador é um exercício para não conceber uma visão exótica sobre os sujeitos, negando-lhes a sua participação segundo sua formação e seus diálogos com o universo para além da comunidade.

Por fim, quando da execução de um roteiro, ou do acolhimento de visitantes, do ponto de vista prático e enquanto atividade de complementação da renda, pode-se dizer que temos o início do processo de implementação e posterior consolidação do TBC na comunidade, porém, do ponto de vista pedagógico, as beneficies do TBC para a valorização do patrimônio histórico e cultural das comunidades tem início desde a Fase

4 quando do início da inventariação participativa do patrimônio, momento no qual os indivíduos são provocados a reconhecer possibilidades de suas histórias e de sua cultural para o TBC, isto implica em atribuir-lhe o valor que julguem suficiente para ser o motivo de uma visita e/ou estada por parte de terceiros interessados.

Abaixo o esquema representativo da Metodologia Participativa para o TBC, mostra o encadeamento das fases constituintes deste processo.

FIGURA 4: Metodologia de organização para o TBC



Fonte: Elaborado pelo autor.

3.3.1 Rodas de Conversa: possibilidades e desafios na Mata Escura

Um dos métodos construídos e que mais se adequou à dinâmica da Educação Popular é a Roda de Conversa, ou Círculo de Cultura. Este método trás um elemento participativo para os processos de construção de conhecimento que valida de forma ímpar a percepção de todos os indivíduos envolvidos, baseia-se na alteridade, no respeito, e no diálogo entre os sujeitos, sem hierarquização de saberes. Este método foi desenvolvido por Paulo Freire e sua equipe a partir de experiências e análises sistematizadas em que, de acordo com o autor:

> A primeira experiência foi realizada no Recife, com um grupo de cinco analfabetos dos quais dois desistiram, no segundo ou terceiro dia. Eram homens egressos de zonas rurais, revelando certo fatalismo e certa apatia diante dos problemas. Completamente analfabetos. No 20.º dia de debates, aplicamos testes de medição de aprendizado, cujos resultados foram favoráveis (positivos). Nesta fase trabalhávamos com epidiascópio por nos

> proporcionar maior flexibilidade na experiência. Projetávamos uma ficha em que apareciam duas vasilhas de cozinha, numa escrita a palavra "açúcar", noutra "veneno". E abaixo: "qual dos dois Você usaria para sua laranjada?" Pedíamos então ao grupo que tentasse ler a pergunta e desse a resposta oralmente. Respondiam rindo, depois de alguns segundos: "açúcar". O mesmo procedimento com relação a outros testes, como por exemplo o de reconhecimento de linhas de ônibus e edifícios públicos. Na vigésima primeira hora, um dos participantes escreveu com segurança: "Eu já estou espantado comigo mesmo" (FREIRE, 1974, p. 104).

A finalidade do trabalho Freiriano era a alfabetização destes indivíduos, porém esta alfabetização estaria muito longe do conceito estritamente tecnicista da alfabetização enquanto aquisição de subsídios cognitivos para a interpretação de signos e compreensão de sentenças. Através de um método contextualizado, o processo de alfabetização é transversal o de conscientização política e de compreensão do mundo em todos os seus aspectos, ou pelo menos aqueles tangíveis e factualmente incisivos sobre suas realidades. Esta transversalidade materializa-se nas rodas de conversa, no caso das propostas por Paulo Freire:

> [...] instituiríamos debates de grupo, ora em busca do aclareamento de situações, ora em busca de ação mesma, decorrente do aclareamento das situações. A programação desses debates nos era oferecida pelos próprios grupos, através de entrevistas que mantínhamos com eles e de que resultava a enumeração de problemas que gostariam de debater. "Nacionalismo", "Remessa de lucros para o estrangeiro", "Evolução política do Brasil", "Desenvolvimento", "Analfabetismo", "Voto do Analfabeto", "Democracia", eram entre outros, temas que se repetiam, de grupo a grupo. Êstes assuntos, acrescidos de outros, eram tanto quanto possível, esquematizados e, com ajudas visuais, apresentados aos grupos, em forma dialogal. Os resultados eram surpreendentes. Com seis meses de experiências, perguntávamos a nós mesmos se não seria possível fazer algo, com um método também ativo, que nos desse resultados iguais, na alfabetização do adulto, aos que vínhamos obtendo na análise de aspectos da realidade brasileira (FREIRE, 1974, p. 103).

Neste processo a noção de liberdade assume um papel fundante e emancipador no método Freiriano, ao mesmo tempo que é uma condição a priori dos círculos de cultura é um objetivo a ser alcançado na vida, uma meta a ser atingida a partir da reflexão e da ação a partir desta. Como método participativo de investigação e ação, o círculo de cultura exige uma postura extremamente dialógica dos sujeitos e é esta postura que proporcionará e aperfeiçoará os resultados esperados desta ação.

As rodas de conversa que ocorreram na Mata Escura tiveram por finalidade aferir o conhecimento das participantes acerca da produção local, da história do bairro, das possibilidades de alianças e parcerias com outros setores da comunidade para a implementação do TBC e a articulação de saberes acadêmicos e populares na construção desta fonte alternativa de renda complementar. Dentre os temas

desencadeadores alguns se tornaram recorrentes vista a incidência dos mesmos na comunidade e a necessidade de abordá-los para a construção de uma percepção da realidade baseada por um modo de pensar histórico e dialético, dentre estes temas elenca-se: racismo, religião, patrimônio, memória, turismo dentre outros.

O desenvolvimento do diálogo pertinente aos temas elencados fez despontar alguns aspectos importantes para entender como se daria o desenvolvimento desta pesquisa, em primeiro lugar os contatos iniciais revelaram que os sujeitos apresentavam uma concepção de patrimônio embasada na perspectiva da história oficial e eurocêntrica, fazendo menção a monumentos, principalmente arquitetônicos, de origem portuguesas. Como desdobramento desta percepção observou-se que apesar de revelarem interesse e até mesmo admiração por elementos da cultura africana presentes na capital soteropolitana, estes não eram vistos pelos sujeitos enquanto constituintes do patrimônio Histórico e Cultural da cidade tendo para eles um valor diferente do atribuído ao patrimônio legalmente protegido.

Outro aspecto revelado nas rodas de conversa da sondagem foi a associação do patrimônio histórico e cultural ao seu uso turístico, esta associação óbvia revelava algo muito relevante através do não dito, revelava a inexistência de uma relação direta entre patrimônio histórico e cultural da cidade e a percepção histórica do processo civilizatório da cidade percebido por eles, com o decorrer das atividades e principalmente da visita técnica ao Pelourinho, ficou evidente que este fato se dá devido ao pouco reconhecimento de suas raízes naqueles monumentos e estátuas bem como na pouca divulgação dos processos históricos que existiram nas comunidades e que tem relação direta com a história oficial contada pelos portugueses, porém sob uma perspectiva de resistência e luta de vozes silenciadas no processo de invasão portuguesa e posterior construção da identidade nacional

Neste movimento de alargamento da percepção e do leque conceitual dos sujeitos, dentre as formas institucionalizadas do racismo entenderam que a negação das religiões de matriz africana como merecedoras de respeito e representantes de um movimento de resistência que perdura desde o século XVI, também se configura em uma reverberação do racismo, que é apoiado pela educação eurocêntrica e se materializa nos monumentos que contam a história do país a partir de uma única percepção. Os relatos que surgiram neste momento a respeito da relação da comunidade com os terreiros e os sacerdotes de religião de matriz africana revelaram a influência do elevado

número de igrejas evangélicas que em sua oratória discriminam estas religiões e demonizam suas práticas e crenças. O despertar dos sujeitos para a percepção destas religiões enquanto registro de uma história de resistência deu suporte para a aproximação deles com os terreiros da comunidade no intuito da efetivação de roteiros que contemplassem a história, a crença e as práticas destes espaços religiosos.

Ao final do período de um mês com encontros semanais de duração aproximada de 2 horas o grupo já apresentava um maior entrosamento e começava a dar sinais de que estavam construindo uma relação de confiança com o pesquisador, com a partilha de alimentos, mais especificamente os ovos cozidos, geladinhos e saladas de fruta além da partilha de situações íntimas e problemáticas enfrentadas por estes sujeitos que revelavam histórias marcadas pela negação de direitos e por autoestimas abaladas neste processo. Dentre os aspectos constituintes das falas dos sujeitos neste primeiro momento de sondagem enlace-se a seguir aqueles que foram escolhidos para desencadear as rodas de conversa da fase 1:

- Racismo;
- Memória;
- História;
- Patrimônio.

Ao informar que a partir de Outubro nossas rodas de conversa versariam sobre as possibilidades da implementação do TBC na Mata Escura e ao apresentar o tema racismo como tema da primeira roda de conversa com este propósito, foi perceptível que houve uma quebra com a expectativa dos sujeitos, acostumados com trabalhos de assessorias tecnicistas prestados recorrentemente nas comunidades, não entenderam a relação entre o racismo e a proposta de TBC na Mata Escura, neste sentido foi realizada rodas de conversa alternadas sobre este tema que por vezes aparecia como tema central e em outras vezes como tema transversal que se desenvolvia e aos poucos construía um senso de pertencimento à história do negro não somente enquanto sujeito escravizado no processo de invasão e exploração portuguesa, mas como sujeito produtor de cultura em suas mais variadas formas.

A condução deste tema para a realidade do contexto na Mata Escura se deu através da história de vida dos próprios sujeitos, em rodas de conversa que versavam sobre a Memória enquanto registro de um passado que construiu as relações do

presente. Neste sentido os sujeitos foram instigados à trazer à tona as práticas e histórias que constituíram suas vidas e que tem origem ou influência da cultura africana ou afro-brasileira, as memórias infantis que fazem referência à histórias contadas pelos mais velhos prevaleceram entre os depoimentos sendo por eles mesmos apontados como uma possibilidade de atrativo nos roteiros do TBC, rodas de conversa com pessoas mais velhas que resguardavam histórias do processo de ocupação da Mata Escura que se confundiam com as suas próprias histórias. Este tema foi conduzido ao centro de uma questão problemática que desencadeou no tema das rodas de conversa subsequentes. A questão problemática era: "Por que a história que aconteceu nas comunidades não é contada na estória que a escola conta?".

A intensão de problematização da história oficial começou nestas rodas de conversa e intensificou-se nas visitas técnicas que serão relatadas mais adiante. Neste processo de problematização alguns conceitos e reflexões surgiram transversalmente e contribuíram para a construção de uma nova concepção de Patrimônio por parte dos sujeitos, mais especificamente uma situação real, ocorrida no ceio da família de uma das sujeitas participantes desta pesquisa.

A situação relatada foi que um parente desta participante tinha uma residência construída numa área de interesse de uma grande empresa do ramo de transporte coletivo, esta residência, segundo a participante, tinha diversos problemas desde infiltrações até alagamentos em épocas de chuva além de estar numa área de difícil acesso. Quando da construção do empreendimento naquela área, foi oferecido uma quantia relevante de dinheiro para que o parente desta participante vendesse o imóvel, tendo este parente declinado à proposta. Após o relato da participante nos deparamos com a pergunta desencadeadora: "Vocês teriam feito o mesmo?", as opiniões foram diversas entre vender ou não a residência, neste sentido pedi para que a participante nos falasse um pouco mais sobre a história de vida do proprietário do imóvel, sua trajetória até a formação de sua família e a construção de sua casa.

À medida que a participante ia contando a história daquela pessoa muito pobre, que vinha do interior e aqui conhecera seu conjugue sem residência fixa, e com pouca oferta de trabalho em condições dignas, a imagem abstrata daquele personagem começou a adquirir forma, sentimento e lugar de fala na oratória, os participantes começaram a perceber aquele local não somente como uma casa cheia de defeitos, mas como um lar, esta percepção fez com que ponderassem sobre a decisão do proprietário

em não vender seu lar, ainda que alguns permanecessem com a opinião de que se fossem eles no lugar do proprietário teriam vendido o imóvel, não mais o condenavam por sua decisão, neste momento percebe-se que a afetividade da memória dos sujeitos tem importância essencial na eleição que eles fazem e nos juízos de valor que dão aos significados e práticas da comunidade, buscando uma imersão mais profunda neste universo das memórias afetivas recorre-se em uma roda de conversa subsequente às memórias infantis dos participantes, de sua vida infantil na comunidade. Assim entende-se que:

> Afeto diz respeito àquilo que afeta, ao que mobiliza, por isso reporta à sensibilidade, às sensações. Podemos, ainda, referir afeto como ser tomado por, atravessado, perpassado, quer dizer: afetado. Esse atravessar, perpassar é o que propriamente dá o caráter de afecção (Gomes; Mello, 2010, p.684).

Este caráter dinâmico das memórias afetivas na constituição do indivíduo adulto seria um aliado importante no movimento de valorização das suas próprias histórias no bairro, assim na roda de conversa em que foram inquiridos à relatar suas lembranças da infância na Mata Escura muitos pontos e pessoas foram resgatados em suas memórias, principalmente as figuras dos líderes comunitários que e famílias que promoviam ações de cunho social e de lazer na comunidade. Um exemplo é a família proprietária da Chácara Maria de Sabac que promovia distribuição de brinquedos no Dia das Crianças para as crianças da comunidade, uma das participantes relata que sempre ia e que lembrava da área repleta de árvores e da alegria das crianças da Mata Escura em poder comemorar o Dia das Crianças e voltar para casa levando os presentes que foram ganhados. Os Carurus também apareceram entre as memórias fazendo referência ao momento em que comiam no chão com as mãos, sem talheres, segundo manda o rito religioso.

As rodas de conversa seguintes tematizaram as religiões do bairro e a relação dos sujeitos com elas, através destas rodas de conversa o grupo revelou a relação com a fé católica e evangélica sendo eles adeptos à estas duas religiões, neste momento algumas instituições religiosas foram citadas como relevantes e importantes para o bairro dentre ela a Fundação Adonai e a Associação das Comunidades Paroquiais de Mata Escura e Calabetão- ACOPAMEC e foram visitadas nos momentos de visita técnica. O contato do grupo com as religiões de matriz africana era relatado como esporádico, em momentos de festividade nos terreiros, principalmente no Terreiro Bate Folha que tem prestígio social na cidade de Salvador, e também em seus imaginários

através de lendas que eram atribuídas ao terreiro pelos participantes, além das famosas jacas que eram atrativo para que muitos entrassem pulando os muros do terreiro e se perdessem ali se conseguir retornar por muito tempo.

Para a construção do sentido de patrimônio histórico as rodas de conversa que seguiram e versaram sobre a religião de matriz africana traçavam um paralelo com os processos ocorridos no Brasil desde o século XVI na busca de uma identificação destas religiões com o processo de resistência que elas ainda representam e à sua força e beleza. Este sentido de Patrimônio foi construído durante o processo, nas rodas de conversa, nas oficinas, nas visitas a campo.

FIGURA 5: Roda de conversa na Mata Escura

Fonte: Autoria própria em Jan/2018

3.3.2 Visitas a Campo

Corroborando com o pensamento de Viveiro e Diniz (2009), acredita-se que as atividades de campo promovem uma motivação intrínseca e extrínseca nos indivíduos participantes de processos de ensino e aprendizagem e que, tendo o espaço como principal objeto de estudo e sobre o qual se objetiva a prática do TBC, é necessário que as participantes tenham a vivência prática do estreitamento de relações com pessoas, grupos e instituições do entorno de seu ambiente cotidiano que por conta das demandas da vida, das prioridades ou mesmo da falta de conhecimento sobre estes, não se constrói relação mais íntima.

Assim as visitas a campo foram feitas com algumas finalidades; a) identificação das pessoas e grupos que constituirão a caderneta de parceiros, b) aprofundamento na imersão no contexto, alargando o conhecimento dos envolvidos na produção cultural local e nas possibilidades ali presentes, c) identificação de locais de interesse para o TBC no bairro, entre equipamentos de alimentação, lazer, educação entre outros d) apresentar técnicas de interpretação do patrimônio traçando um paralelo histórico entre a história oficial dos monumentos tombados e a história do bairro, e por fim e) conhecer a prática de empresas de receptivo turístico em áreas de interesse do turismo convencional.

3.3.2.1 Associação Adonai

A primeira visita ocorreu dia 19 de Setembro de 2017 com duração aproximada de 3h na Associação Adonai, responsável pela guarda provisória dos filhos dos internos do Complexo Penitenciário Lemos de Brito, criada pela Irmã Adele esta associação presta serviços de grande valia para a comunidade desde 2002 e conta com um espaço e disponibilidade para parceria com o grupo na implementação do TBC na Mata Escura, apenas uma das cinco mulheres envolvidas no trabalho conhecia o trabalho da associação, porém nunca havia adentrado a mesma, as impressões sobre a instituição foram ótimas e despertaram o desejo de contribuição nos trabalhos feitos em forma de voluntariado. Nesta visita, em roda de conversa como profissionais da casa e com a fundadora, a equipe percebeu as dificuldades que estas organizações enfrentam para desempenhar suas pretensões esbarrando em obstáculos burocráticos e pouca colaboração da comunidade do entorno.

Uma das participantes justificou esta pouca participação da comunidade pelo desconhecimento das atividades que ocorriam na Associação, além disso, por está na área contígua à do Complexo Penitenciário Lemos de Brito, a mesma participante relatou que a maioria das pessoas acreditam que aquele espaço é uma continuação da cadeia. Esta visita possibilitou o fechamento da parceria entre a Associação Adonai e o grupo no sentido de implementação do TBC na Mata Escura, além disso foi programado um encontro posterior para prestação de serviço voluntário na Associação.

3.3.2.2 ONG Preservando a Natureza e Praticando Cidadania- PNPC

A segunda visita a campo ocorreu dia 17 de Outubro de 2017 na ONG Preservando a Natureza e Praticando Cidadania- PNPC fundada em 3 de Março de 2002

e situada no Condomínio Recanto Verde, esta ONG tem por finalidade a preservação de uma área verde que resiste ao processo de ocupação irregular do solo e principalmente à especulação imobiliária. Tida pelos moradores do condomínio como *"um pedaço de natureza no meio do concreto cinza"*, esta área vem sendo constantemente assediada e invadida, a situação de fragilidade em que se encontra, inclusive no tocante à segurança, impediu que fizéssemos a trilha existente no horto, porém conseguimos realizar uma roda de conversa com o Sr. Ronaldo, gestor da ONG, com duração aproximada de 2h na qual ele nos relatou dos trabalhos executados pela ONG com a comunidade, principalmente no tocante à Educação Ambiental tendo como público alvo as crianças, além disso ele nos relatou das práticas usuais dos moradores de descarte inadequado de lixo, do lançamento de esgoto nos afluentes que ainda resistem no horto e principalmente da prática de construção irregular nas áreas.

Nesta oportunidade conhecemos a sede da ONG e parte de sua área de proteção na qual pudemos observar e interagir com animais daquele ecossistema e ouvir explicações sobre a natureza e o uso medicinal de ervas que ali existem. Ao final da visita fomos sinalizados pelo gestor do seu interesse em fazer parcerias futuras para a implementação do TBC na área tendo a possibilidade de incluir a visita ao Horto como atrativo e posteriormente, a depender da situação da segurança no local, fazer a trilha que ali existe.

FIGURA 6: Sede da ONG PNPC na Mata Escura

Fonte: Residência AU+E/UFBA- Mata Escura - EIXO ÁREAS VERDES, 2016. Disponível em:< http://raue2mataescura.blogspot.com.br/2016/04/ola-queridos-ontem-dia-11-de-abril-de.html>. Acesso em 18 mar. 2018.

3.3.2.3 Pelourinho

A terceira visita à campo se deu no Pelourinho, Salvador- BA no dia 21 de Novembro de 2017 com duração aproximada de 3h e teve por finalidade fazer um paralelo histórico entre a história oficial, contada através do patrimônio histórico e cultural que lá está e a história da Mata Escura em contexto de Antigo Quilombo Cabula, esta atividade tem por objetivo introduzir o modo de pensar histórico à perspectiva de interpretação do patrimônio histórico e cultural da Mata Escura, além disso as participantes foram apresentadas à interpretação do Patrimônio Histórico e Cultural do Pelourinho e visitaram receptivos turísticos que ali desenvolvem suas atividades e profissionais autônomos de guiamento de turismo.

A construção do conceito e prática do modo de pensar histórico leva em consideração que todo fato histórico é realizado pelo homem em seu coletivo na busca por uma nova concepção de mundo (GRAMSCI, 1978). Neste sentido busca-se através desta atividade a introdução à exploração, por parte das partícipes da pesquisa, ao universo conceitual e prático do processo civilizatório da Mata Escura, através de um posicionamento crítico perante a história oficial e a recorrente consulta à história oral e à memória dos mais antigos construindo a identidade histórica desta comunidade.

A visita ocorreu dia 21/11/2016 e teve início às 08:30 estendendo-se até às 13:50, começando a partir de uma vista à Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, passando Solar do Museu Tempostal da Bahia, seguindo para as Igrejas da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, mais adiante passando pelo Terreiro de Jesus e encerrando na praça Municipal Thomé de Souza. Durante a atividade a preponderância da cultura Portuguesa através de seus heróis, arquitetura e religião esteve transversal ao diálogo, a identificação do legado africano naquele contexto se deu a partir da pergunta desencadeadora: “ Quem vocês acham que construiu tudo isso aqui?”. A partir deste momento evocou-se o contexto escravocrata e a sociedade da época dando visibilidade ao processo de exploração do africano escravizado pelo português invasor.

Neste sentido o grupo percebe a pouca representatividade do legado cultural africano na arquitetura do sítio, decorrente do processo histórico em que se deu a construção do mesmo, tendo uma cultura oprimindo a outra. Sob este mesmo ponto de vista, ainda na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos uma das partícipes da atividade relatou do sincretismo religioso que aparentemente se dá nas celebrações daquela igreja, porém dando indícios de que haveria algo que obrigasse este

sincretismo. Recorrendo aos relatos históricos de correspondências trocadas em que utiliza-se vocábulo explicitamente racista para ultrajar e incitar a contenção dos movimentos religiosos e culturais africanos que ali se davam (VILHENA, 1969) estes relatos históricos que mostram correspondências trocadas entre o Conde da Ponte e o Visconde de Anadia, Ministro de Negócios Ultramarinos, em 7 de abril de 1807como já citado.

A partir deste recorte, os diálogos forma construídos e a concepção de sincretismo a qual chegou o grupo faz referência à um processo de sequestro dos direitos de livre expressão religiosa, inseridos num processo de opressão maior, de origem econômica e militar que se constitui em fundamento da dinâmica do suposto descobrimento do Brasil. Neste momento aparece o surgimento dos quilombos e mais especificamente do Antigo Quilombo do Cabula, onde a comunidade da Mata Escura situa-se, como espaço de resistência ao processo de escravização e uso furtivo das terras que seriam denominadas brasileiras.

Ainda nesta atividade ao visitar-se as instituições religiosas Franciscanas mencionadas a contradição entre a filosofia e a prática de vida de São Francisco de Assis, contada na liturgia católica e a exuberância e ostentação das instituições foi apontada de forma espontânea por duas das participantes que são católicas e construíram sua percepção de apropriação cultural num viés materialista e econômico ao afirmar que: "*É sempre assim, alguém faz uma coisa boa e depois chega um mais esperto e muda tudo que a outra fez pra se dar bem em cima das coisas alheias".*

Na altura da Praça da Sé, ao visitarmos a estátua de Zumbi dos Palmares o diálogo se deu em torno da localização da estátua estar desfavorecida visto da importância daquele personagem histórico e da pouca representatividade dos heróis negros deste processo, estes fatos apontam para o racismo institucional que também foi discutido em rodas de conversa.

No penúltimo momento da visita o grupo conheceu duas empresas do ramo de receptivo turístico e conversou com funcionários destas sobre os serviços ali ofertados e o tipo de cliente que os procuravam, além disso, obtiveram das mesmas seus respectivos materiais de divulgação com relação de destinos, serviços e valores. Por fim a visita acabou com uma roda de conversa com uma guia de turismo que estava no local e apresentou um pouco do universo do trabalho no turismo convencional e da dinâmica de

guiamento, deste momento em diante as participantes mostraram interesse ainda maior pela atividade e pela perspectiva de atuação na área futuramente.

3.3.3 Oficinas de Roteirização

Sempre norteadas pelo método e teoria Freiriana, as oficinas de roteirização se constituem em um trabalho de construção colaborativa de conhecimento que tem por finalidade articular os diversos setores da produção local numa perspectiva popular e que evidencie e priorize os menores produtores, para o planejamento, execução e gestão de Roteiros Turísticos Alternativos, Responsáveis, Solidários e Sustentáveis- RTUARSS.

As oficinas sempre iniciam com um primeiro diálogo acerca da viabilidade de execução do roteiro, e neste diálogo abordam-se alguns aspectos decisivos para o sucesso e consequente viabilidade do esforço empreendido, dentre outros que ocorrerem os principais pontos abordados neste momento são: segurança, saneamento básico, disponibilidade de horário, contato com os parceiros, duração da atividade.

No segundo momento procede-se a concepção do conceito do roteiro a partir da demanda específica que tem interesse em fazer a visita, neste caso o público seria de alunos do programa de Pós-Graduação em educação e Contemporaneidade- PPGEduC da turma de educação e Movimentos Sociais, para tanto o grupo decidiu fazer um roteiro tendo como foco as pessoas e/ou instituições que de alguma forma ajudam em questões emergenciais da comunidade deste esforço obteve-se um roteiro com o nome de “Mãos que ajudam” constante do ANEXO I deste trabalho.

No terceiro momento é feito um levantamento das possibilidades para o atendimento da demanda específica privilegiando a cadeia de produção local e os grupos culturais da comunidade, num movimento de valorização do que é produzido na e pela comunidade, após procede-se diálogo sobre logística de alocação das pessoas, quantidade de pessoas para serem recebidas, tempo de duração e deslocamento entre os pontos, as atividades de alimentação e repouso, se for o caso, tudo isso sempre tendo em mente o conceito do roteiro. Feito isto é o momento de articulação destes parceiros numa sequência que obedeça a dinâmica escolhida pelo grupo, no caso deste roteiro a dinâmica de tempo de deslocamento de proximidade entre os atrativos foi a variável escolhida.

No último momento da oficina é feita a precificação do roteiro, tendo como base o valor dos serviços oferecidos separadamente na comunidade e uma margem de lucro que não onere muito o valor final do pacote, o processo de precificação deste roteiro encontra-se no ANEXO II, deste trabalho.

Na última parte deste processo procede-se uma inventariação participativa do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura que será objeto do próximo capítulo.

4. PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA MATA ESCURA

A construção do conceito de Patrimônio Histórico Cultural local da Mata Escura tem por objetivo, através das pesquisas circunscritas ao trabalho, entender o processo civilizatório da comunidade, sua dinâmica histórica e contemporânea num movimento de valorização do bairro e de sua gente. A necessidade deste movimento de valorização para a articulação dos sujeitos da comunidade num propósito coletivo, neste caso a implementação do TBC na comunidade, é de fundamental importância, visto que é o espaço e a percepção que se tem dele que vai constituir campo para a atividade. Neste sentido, atiçar a curiosidade dos sujeitos para o patrimônio da localidade de sua convivência enquanto atrativo turístico constitui-se também num movimento de afirmação e valorização da própria autoestima deles, uma vez que o abandono do poder público e a ação maldosa da grande mídia apenas evidenciam e potencializam os pontos a serem melhorados naquela comunidade.

4.1 Patrimônio: do conceito à prática em comunidades

De acordo com a Declaração de Caracas (1992) define-se enquanto patrimônio cultural de uma nação, região ou comunidade, todas as expressões materiais e espirituais que lhes constituem, incluindo-se o meio ambiente natural. Os bens culturais que constituem este patrimônio são definidos como bens de uso de comunidades que surgiram por meio de acumulação contínua de objetos e/ou práticas que se consagram na vida, no cotidiano historicamente construído (CHOAY, 2001).

Porém, a percepção que se tem destes usos e objetos não estão isoladas em si mesmas e sofrem influência dos discursos que lhes são atribuídos por comunidades exteriores àquela na qual está inserida e por vezes julgada de forma pejorativa, como atrasada ou inadequada a um padrão estético que atende a necessidades de um sistema de consumo e produção maior, em que todas as sociedades contemporâneas estão inseridas, o capitalismo, daí entende-se que a percepção destes bens, enquanto memória de um passado que se faz lembrar através deles, pode mudar de acordo com o tempo presente e em consequência disto os usos destes patrimônios podem ser distintos ao longo do tempo (ABADIA, 2010).

Isto significa dizer que a importância atribuída a estes bens pode mudar de acordo com o tempo e até se perder ou ficar relegada aos habitantes mais antigos para os quais estes bens tem mais significados já que estiveram inseridos num contexto em que

seus usos tinham um objetivo prático ou mesmo místico que fazia sentido real para aquela comunidade de acordo com seus usos e idiossincrasias.

Neste sentido, no âmbito das políticas públicas, dentre as estratégias e ações utilizadas para a valorização e manutenção dos bens culturais de uma sociedade insere-se o tombamento, entendido como ato administrativo que tem por objetivo preservar, por meio de legislação específica, bem de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental, e também de valor afetivo que lhe seja atribuído impedindo sua descaracterização e/ou destruição (BOGÉA, 2007).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN é o órgão responsável pelo tombamento de patrimônios culturais, e se baseia na Constituição Federal de 1988, no Artigo 216 Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 que amplia o conceito de bem cultural não só como material, mas como bens que também possam ser de caráter imaterial e constituam objeto de interesse da sociedade brasileira (IPHAN, 2017). Levando-se em consideração dados do IBGE que apontam para Salvador enquanto cidade com mais indivíduos que se declararam negros no Brasil, significando 80% da população total da capital baiana (IBGE, 2017), e as definições formais da Declaração de Caracas e do IPHAN, seria de se esperar que o patrimônio tombado na cidade tivesse uma razão proporcional direta para com a maioria de sua população, havendo por tanto um elevado número de bens culturais africanos e afrodescendentes tombados, no entanto o que acontece é o inverso, a maioria dos bens culturais materiais e imateriais tombados na cidade fazem referência à cultura do invasor português que subjugou as culturas nativas e africanas no âmbito institucional e a localização destes bens materiais tombados é, na maioria das vezes, em bairros privilegiados destinados ao uso turístico ou à residência da classe média alta.

Segundo Magnavita (2007), são bairros mais bem estruturados do ponto de vista urbanístico que resguardam a maioria dos bens culturais tombados. Desta forma conclui-se que a escolha dos bens a serem tombados e legitimados enquanto registro histórico do processo civilizatório da cidade baiana bem como do país, segue uma estética e ótica que privilegia o discurso e a prática histórica do dominador, neste caso o invasor português, e que esta escolha relega ao descaso a memoria e o fazer cultural de povos que já hoje são reconhecidos enquanto massacrados neste processo de invasão e que merecem ter seu legado e sua voz ouvida, no caso da Mata Escura, por ser um bairro socialmente marginalizado e economicamente periférico, não imagina-se, ao que

parece, que possa haver vestígios do processo de construção histórica daquele bairro enquanto constituinte da nascente Salvador, mas há, e estes registros que tem em sua origem o sangue africano e tupinambá podem ser a porta que leva a uma nova percepção histórica a respeito dos significados e importância destes povos para a formação do país naquela comunidade.

4.2 Considerações acerca do Patrimônio do Antigo Quilombo Cabula

Segundo estudos de Oliveira; Spinola e Reis (2016), a partir de pesquisa feita entre os meses de Abril à Julho de 2014, em parte do território onde antes havia o Antigo Quilombo Cabula, mais especificamente os bairros do Cabula, Engomadeira, Mata Escura, Resgate, São Gonçalo, Estrada das Barreiras e Beirú, os referidos pesquisadores fazem uma análise do Patrimônio Cultural contemporâneo tombado e não tombado, de origem africana presente nesta localidade e a perspectiva dos moradores desta localidade, em busca de aferir o nível de conhecimento dos mesmos acerca do seu passado e do processo civilizatório daquela região através dos significados destes patrimônios e do enraizamento destes na dinâmica contemporânea dos bairros onde estão inseridos.

Os resultados desta pesquisa mostraram que 29% dos entrevistados consideram o Cabula um lugar bom de viver; 70% afirmaram não conhecer a história local do bairro; 84% afirmaram não saber a origem do nome Cabula e 72% desconheciam o fato daquela região ter sido um importante quilombo no século XVII. Quando perguntados sobre a influência da cultura africana na formação do local 84% disseram que desconheciam tal legado e dos 16% que identificavam a influência africana no bairro, a maioria, 33%, justificou sua resposta pela presença de população negra no mesmo.

Se junta a isto a experiência adquirida em seis anos de pesquisa *in loco* com visitas intermitentes em que se aferiu um baixo índice de conhecimento e valorização histórica e cultura local presente nos 17 bairros da poligonal e que envolveu diversos participantes, desde pessoas mais idosas que viram o crescimento das localidades até estudantes mais jovens da rede pública de ensino. Tanto nestes encontros quanto na pesquisa constante do parágrafo anterior constatou-se um maior índice de conhecimento e valorização do processo de construção e da herança cultural dos bairros nas populações mais idosas, este conhecimento, porém, não vem sendo difundido para a população mais jovem, visto seu aparente desinteresse pelos temas.

Os encontros, rodas de conversa e atividades desenvolvidas com o intuito de entender qual o conceito daquela comunidade em relação ao Patrimônio Histórico e Cultural que ali habita foram feitas levando-se em consideração a pouca sistematização dos saberes construídos e acumulados pela comunidade, dada a indisponibilidade financeira para tanto e o aparente desinteresse do poder público, neste sentido recorre-se à história oral como tema transversal através do qual, no relato de suas histórias de vida e das pessoas mais velhas da comunidade, será aos poucos revelado o Patrimônio que já existe e que pode vir a se constituir atrativo turístico para uma atividade desenvolvida com responsabilidade e solidariedade.

Neste sentido, o recorte feito e a especial atenção dada à história oral tem por objetivo a humanização deste Patrimônio Histórico e Cultural, pautado por uma outra história que pode ser entendida enquanto:

> [...] uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história. (THOMPSON, 1992, p. 44).

Em decorrência dos estudos empreendidos pela equipe TBC no Antigo Quilombo Cabula e da experiência em comunidades, percebeu-se que há um processo de legitimação interna dos bens culturais materiais e imateriais nas comunidades, que têm como premissas fatores intrinsicamente ligados com os processos civilizatórios delas e com valores que permeiam a dinâmica destes bairros, porém estes bens, saberes e fazeres ficam restritos à grupos específicos nas comunidades, em especial aos moradores mais antigos, fato evidenciado pelas pesquisas aqui apresentadas e pelas oficinas e diálogos nas comunidades. Neste sentido procede-se uma imersão na prática da comunidade e nos critérios que a levam a eleger seu Patrimônio Histórico e Cultural.

4.2.1 Concepção de Patrimônio aplicada ao TBC

Após a revisão do conceito convencional de Patrimônio Histórico e Cultural e a predileção das instituições em proteger o patrimônio que faz referência à história e

cultura de um período histórico evidenciado pela dominação de um povo sobre outros, faz-se necessário um movimento de repensar as bases que sustentam este patrimônio, sua razão de ser e de estar, evidenciando as vozes que são silenciadas na história oficial. Este movimento, na dinâmica adotada nos processos formativos para o TBC no Antigo Quilombo Cabula, é um movimento coletivo que evidencia a história de vida dos indivíduos em suas expressões mais genuínas, significa dizer que o valor histórico dos atrativos para o TBC perpassa pela vida de cada pessoa constituinte da comunidade entendida para além de um recorte geográfico, e como um lugar de relações construídas e mantidas em processos contínuos de resistência.

Como forma de acessar aos significados presentes nas comunidades recorre-se à memória dos participantes que imprimem valor aos diversos lugares da comunidade por meio de lembranças afetivas e experiências coletivas de uso daqueles espaços. Neste sentido:

> É só pelos olhos da memória que é possível ver, mesmo na ausência, material do traço ou resto do passado, a presença daquilo que já foi. Neste sentido, ao passar por uma rua, ou parar diante de um prédio, é possível enxergar não a concretude daquilo que se oferece à vista, mas a presença daquilo que não mais ali está. (PESAVENTO, 2002, p.27)

Além da memória em que pese a dinâmica da comunidade em sua construção histórica, nos anos de atividade na poligonal do Antigo Quilombo Cabula percebe-se uma identificação imediata dos moradores com as histórias de vida que se desenvolveram para além de suas próprias histórias, como exemplos de superação e de sucesso dentro da comunidade que são recorrentemente citados como é o caso de uma conhecida comerciante do ramo de móveis do bairro que começou sua trajetória nos negócios ainda muito pobre coletando e vendendo garrafas plásticas de refrigerante e na data de publicação deste trabalho ainda contava com uma rede de lojas de móveis de sua propriedade, além de imóveis de aluguel e outros bens materiais que tem um valor moral estimado pela comunidade dados os esforços e a trajetória de vida desta senhora para consegui-los.

Ainda dentro das relações estabelecidas e mantidas na comunidade a afetividade que alguns indivíduos recebem por parte da coletividade dentro destas comunidades, exemplifica mais um elemento formativo do patrimônio destas comunidades. Estes indivíduos desenvolvem esta afetividade por diversos fatores que vão desde ações que tenham desenvolvido para a melhoria das condições de vida na comunidade, ou por seu modo de agir e/ou falar que é peculiar e causa identificação com as outras pessoas, ou

mesmo pela hereditariedade, por pertencer a determinada família que detém prestígio para com os indivíduos da comunidade, ou ainda por sua profissão, entre outros fatores, este elemento que ajuda na construção cognitiva dos indivíduos acerca do que é patrimônio destas comunidades é identificado enquanto afetividade.

Outro elemento constituinte deste conceito coletivo e colaborativo de patrimônio nas comunidades pode ser percebido nos lugares ou grupos que promoviam ações de cunho social seja pelo viés do esporte, da assistência direta e pessoal em situações específicas de cada indivíduo, seja em atividades de cunho educativo e/ou artístico, o fato é que a comunidade no seu contexto de persistente enfrentamento à adversidades tende a eleger estes grupos e lugares enquanto patrimônio da comunidade, atribuindo-lhes valor pelas ações que desenvolveram ou ainda desenvolvem, assim, no caso da Mata Escura, por exemplo, a COPAMEC figura entre o conjunto de lugares com valor histórico e social pelos serviços prestados e ainda em execução na comunidade, este fato traduz-se no valor social atribuído pela comunidade.

Os moradores mais antigos do bairro também constituem elemento formativo deste patrimônio construído na coletividade e no cotidiano das comunidades, tanto os relatos de suas histórias de vida quanto eles mesmos em si representam a história viva das comunidades e são recorrentemente recorridos pela população mais jovem como forma de acessar o passado da comunidade, esta relação se dá tanto no ambiente familiar quanto nos ambientes religiosos e mais especialmente nos terreiros de Candomblé e Umbanda, onde o saber dos mais velhos é respeitado e valorizado, independente de sua posição e sua função na casa.

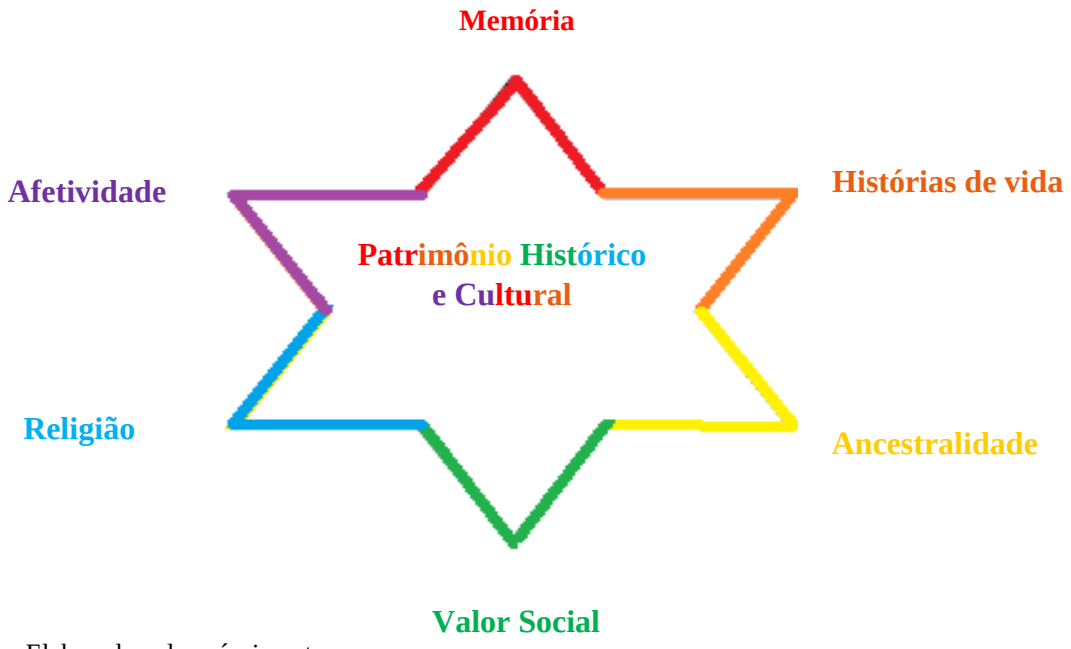
Como exemplo cita-se a figura de Sr. Nogueira que faz parte da comunidade do Terreiro Bate Folha há anos e que detém um conhecimento relevante sobre as espécies de plantas que ali existem e suas funcionalidades para o tratamento de doenças e injúrias que possam atingir o corpo vivo, humano e animal, além do conhecimento sobre a casa, seus frequentadores, as histórias que ali já se passaram e a dinâmica religiosa do terreiro. Ainda neste sentido cita-se a eleição, por parte das participantes desta pesquisa, de suas mães e tias mais velhas identificadas pelas participantes enquanto guardiãs da história de formação do bairro para a realização de rodas de conversa. Este aspecto se traduz pelo viés da ancestralidade e da relação destas pessoas com os seus.

Outro aspecto relevante para a eleição dos itens a configurarem o patrimônio destas comunidades é a religião, a relação da comunidade com a religiosidade e com as

instituições religiosas atravessa a vivência destes indivíduos em diversos aspectos de sua vida. Seja por meio de projetos de assistência social promovidos por estas instituições, ou ainda por festividades do calendário destas religiões que tem o poder de aglutinar essas pessoas em esforços coletivos e colaborativos para a vivência destes festejos, ou ainda pela relação mais aproximada com líderes religiosos e outros integrantes destas religiões que escutam suas demandas e aconselham dentro do pensamento dogmático destas religiões. Há, para com as religiões, uma relação historicamente construída de proteção, e este valor que mescla ao elemento do valor social a fé e suas idiossincrasias se constitui em fator formativo do Patrimônio Histórico e Cultural das comunidades.

Assim da relação entre estes elementos vivenciada no ceio das comunidades emergem os grupos, instituições, pessoas, lugares, fazeres e saberes que constituem o patrimônio destas comunidades a seguir, a figura 7 ilustra esta relação na constituição do Patrimônio Histórico e Cultural destas comunidades.

FIGURA 7: Concepção do Patrimônio Histórico e Cultural para o TBC no Antigo Quilombo Cabula



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

4.2.2 Patrimônio Histórico e Cultural Material da Mata Escura

Segundo o IPHAN (2017) o patrimônio histórico é dividido segundo sua natureza em material e imaterial, sendo o patrimônio material classificado enquanto: paisagístico e etnográfico; arqueológico; histórico; belas artes e artes aplicadas, sendo o Terreiro Bate Folha tombado enquanto Patrimônio da Cultura Afro-Brasileira em 2003 pelo IPHAN. Neste sentido percebe-se que a legitimação do Estado faz ascender o bem tombado, tendo sido o referido mencionado em composições musicais, e ser nacionalmente conhecido.

Para o grupo partícipe desta pesquisa, a relação com o mundo do trabalho é um fator que determina inclusive a legitimação do bem, dentre os momentos em que surgiram os bens eleitos como patrimônio e representativos da comunidade, fatores como trabalho, ajuda, e função social foram de extrema relevância para sua eleição, desta forma percebe-se que além do recorte histórico e cultural existe presente neste patrimônio um ativismo e engajamento social que denuncia a carência em que a comunidade é submetida e ao mesmo tempo evidencia sua pró- atividade na resolução das mazelas geradas por esta situação de abandono.

O diálogo com os interlocutores deste patrimônio faz emergir o engajamento destes atores sociais que têm sua vida ligada ao trabalho desenvolvido de tal forma que não é possível conceber um sem o outro, deste fato decorre de terem por muitas vezes o nome da instituição ou grupo no qual trabalham incorporados ao seu nome, reconhecidos por toda a comunidade, desta forma você não consegue encontra o Sr. Ronaldo, com tanta facilidade, dada a quantidade de “ronaldos” que existem na Mata Escura, mas com certeza encontrará rapidamente o Sr. Ronaldo do Horto.

Para além de meramente representativos, os bens escolhidos pelo grupo enquanto Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura, eram também escolhidos enquanto atrativo turístico o que significa que nestes bens é enxergado um potencial de interesse por parte de outras pessoas que ainda não o conheçam ou que o conheçam superficialmente. Para finalidade de reconhecimento do patrimônio numa perspectiva de valorização da cultura afro-brasileira enquanto remanescente de um processo de opressão e, portanto resistente ao mesmo, recorre-se a pesquisas preliminares com intuito de apresentar ao grupo enquanto possibilidade de inserção no cabedal do Patrimônio Histórico Cultural material da Mata Escura, estes bens encontram-se à seguir:

QUADRO 3: Patrimônio Histórico e Cultural Material da Mata Escura

PATRIMÔNIO	NATUREZA	ORIGEM
Terreiro Bate Folha	Religiosa	Africana, - nação Angola
Horto da Mata Escura	Ambiental	Local
Terreiro de Reis	Religiosa	Africana
Fundação Adonai	Ensino, Cultura e Assistência Social	Local
Igreja de Pedra	Religiosa	Européia
Associação das Comunidades Paroquiais de Mata Escura e Calabetão- ACOPAMEC	Instituição com fins não econômicos	Local
Mosaicos da ACOPAMEC	Cultural	Local
Teatro Artesão da Paz-ACOPAMEC	Cultural	Local
Chácara Maria de Sabac	Propriedade privada	Local
Casa Lar	Assistência Social	Local
Complexo Penitenciário Lemos de Brito	Segurança Pública	Institucional

Fonte: elaborado pelo autor em cooperação com os sujeitos partícipes da pesquisa

- O Terreiro Bate Folha foi fundado em 1916, é regido por Iansã e foi citado pelo grupo devido seu prestígio por conta dos eventos que promove e da presença de muitas pessoas de outras partes da cidade e de outras cidades inclusive de outros países que visitam o terreiro em especial no dia das festividades dedicadas à Iansã. Além disso, as ações de cunho social/litúrgico a exemplo do Caruru oferecido para toda a comunidade agrega à instituição religiosa o valor social a ela atribuído. A presença de figuras antigas do bairro na instituição e a

associação destas pessoas ao terreiro influencia no valor afetivo que a instituição detém, além de tudo isso a presença deste terreiro há tanto tempo na comunidade faz com que esta instituição esteja transversal à suas histórias de vida e memórias em experiências relatadas que geram saberes de cunho prático e lúdico como é o caso da lenda do Bate Folha que adiante será melhor explicitado.

- O Horto da Mata Escura é uma área verde que sofre constantes agressões por conta da habitação irregular e despejo inadequado de lixo e de esgoto. Preservada através das ações da ONG Preservando a Natureza e Praticando a Cidadania- PNPC, foi reconhecido pelo grupo na visita técnica descrita no capítulo anterior, neste encontro com o gestor algumas das participantes relataram memórias de sua infância quando utilizavam as trilhas do Horto como forma de encurtar as distâncias no bairro, ou ainda por vezes para coletar jacas que frutificam ainda hoje por toda a região. Os participantes reataram a presença de uma fonte neste horto onde, no passado, as mulheres da família iam lavar roupas e mesmo levar água para beber em suas casas.
- O Terreiro de Reis foi mencionado pelo grupo não somente pelos eventos de cunho religiosos que promove, mas pelo papel que Reis desempenha na comunidade e do poder aglutinador dos eventos coloquiais que ele promove, como feijoadas e churrascos, abertos à comunidade. Além disso as festividades religiosas tem o poder de mobilizar pessoas de outros locais para o bairro e, assim como no caso do Bate Folha, este poder de atração dá ao seu terreiro um prestígio e valor social.
- A escolha Fundação Adonai se dá proeminentemente por sua função social. Ao conhecer o local na visita técnica constante do capítulo anterior, o grupo reconhece seu valor social e além de eleger este patrimônio enquanto atrativo para os roteiros na Mata Escura cria um vínculo maior com a instituição, dada sua finalidade, com intuito de prestação de serviços voluntários na mesma.
- A Igreja de Pedra, mencionada pelo grupo como socialmente ativa na comunidade, tem seu papel social e religioso evidenciados pelo grupo que enfatiza os trabalhos de cunho social realizados nas dependências da igreja, além das procissões e rituais da liturgia católica que ainda guardam uma relação intensa na comunidade, principalmente com os moradores mais antigos.

- Como uma das reverberações da ação de cunho social desenvolvida na comunidade pela Igreja Católica, tem-se a ACOPAMEC que é reconhecida pelos sujeitos do grupo que inclusive já fizeram parte do corpo escolar da associação, o valor social desta instituição é um unanimidade no bairro, visto sua persistência e engajamento;
- Uma das muitas ações da ACOPAMEC que está materializada e difundida no bairro é a construção de imagens em mosaicos nos muros da própria instituição e em outros lugares da Mata Escura. As oficinas de mosaico desenvolvidas na ACOPAMEC conseguiram de fato difundir esta técnica em todo o bairro, tendo representações desta arte em outras instituições como o Complexo Penitenciário Lemos de Brito e casas particulares de residência e de comércio. Além do apreço estético pela arte do mosaico é o valor social das oficinas desenvolvidas com jovens e adultos do bairro que dá à este trabalho a importância de patrimônio da comunidade;
- O Teatro Artesão da Paz é um espaço da ACOPAMEC no qual a comunidade da Mata Escura apresenta a produção cultural que é desenvolvida, tendo um participante do grupo feito curso de teatro na ACOPAMEC e se apresentado por diversas vezes neste espaço, evoca-se o mesmo enquanto patrimônio da comunidade, as outras participantes do grupo citam a infraestrutura do local e sua capacidade de sediar eventos de cunho cultural identificados enquanto necessários para o cotidiano da comunidade;
- A Chácara Maria de Sabac foi revelada pelo grupo em roda de conversa e faz parte das memórias infantis do grupo, é uma área de residência da família Sabac que no passado tinha uma relação muito intensa com a comunidade, tendo esta família e sua história de vida um reconhecimento muito grande para com os moradores da comunidade da Mata escura. Tanto pelo tamanho da propriedade quanto pela prosperidade vivida pela família e pelas ações de cunho social que eles desenvolviam ali, à exemplo da distribuição de brinquedos no dia das crianças, este local foi escolhido como patrimônio da comunidade e representa momentos felizes de crianças que ali tinham a oportunidade de comemorar o dia das crianças;
- A Casa Lar é um espaço dentro da ACOPAMEC que se propõe a ajudar e acompanhar mães solteiras e desamparadas pela família ou em condições de

vulnerabilidade social. Apareceu repetidas vezes nas rodas de conversa devido ao seu valor social;

- O Complexo Penitenciário Lemos de Brito mantém uma relação controversa com grupo participante desta pesquisa. Ao tempo que aparece em falas que relatam rebeliões e fugas, como sendo um local perigoso e inacessível, também aparece enquanto necessário para a segurança pública e locos de produção de oficinas de artesanato e cultura em que participam os detentos, além disso por iniciativa própria de uma das participantes da pesquisa em conversa com um funcionário da instituição, descobriu-se que há um museu instalado em suas dependências, que pode constituir-se em equipamento de lazer e educação além de atrativo turístico para o TBC.

4.2.3 Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial da Mata Escura

Os bens constituintes do Patrimônio Histórico e Cultural são definidos pelo IPHAN (2017) como saberes, festejos, práticas, lugares que resguardam ritualísticas de natureza profana ou religiosa, que de alguma forma se constituam em relevância de significado para a comunidade onde está inserida. Neste sentido a dinâmica do grupo se orienta mais uma vez para a evidência dos grupos que estão articulados e atuando na comunidade bem como para os festejos e cerimônias religiosas, assim tem-se enquanto Patrimônio Histórico e Cultural imaterial da Mata Escura:

QUADRO 4: Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial da Mata Escura

PATRIMÔNIO	NATUREZA	ORIGEM
Caruru	Gastronômica	Afro-brasileira
Grupo Adolescer com Arte	Cultural	Local
A lenda do Bate Folha	Contos e lendas	Local
O saber dos mais velhos	Histórica	Local
As Rezadeiras	Cultural/Religiosa/Indígena	Indo-Afro-Brasileira
Festa de Iansã do Terreiro Bate Folha	Religiosa	Luso-Afro-Brasileira
ONG Preservando a	Social	Local

Natureza e Praticando Cidadania- PNPC		
Fonte do Horto da Mata Escura	Memória/ Ambiental	Local

Fonte: elaborado pelo autor em cooperação com os sujeitos partícipes da pesquisa

- O Caruru é uma festividade tipicamente realizada no dia 27 de Setembro em homenagem aos *Erês* das religiões de matriz africana. No sincretismo religioso os *Erês* são associados à São Cosme e São Damião e Doum. Na comunidade de Mata Escura, os carurus acontecem tanto em casas de famílias católicas quanto nos terreiros de candomblé, o caruru está intimamente ligado com as lembranças infantis das participantes desta pesquisa que relembram o rito de comer com as mãos, sem talheres, as cantigas, os partos servidos e a alegria da confraternização nestes momentos de reunião comunitária. Além disso, a magnitude e o poder de atração do caruru do Terreiro Bate Folha oferecido à Iansã, e no sincretismo religioso à santa Bárbara, no dia 04 de Dezembro de cada ano fez com que este evento surgisse como possibilidade de atrativo nos roteiros que venham a ser executados nestas datas e consequentemente enquanto patrimônio da comunidade;
- O Grupo Adolescer com Arte criado em 2010 é reconhecido pelas participantes da pesquisa não somente pela produção cultural que tem, mas pelo seu valor social no resgate da autoestima de jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, uma luz no fim do túnel. Este grupo é reconhecido na comunidade e tem espetáculos apresentados anualmente com foco nas temáticas da juventude negra, ancestralidade e no cotidiano da comunidade, expressados através da dança e do teatro. Para o grupo desta pesquisa, é um parceiro importante na implementação do TBC na Mata Escura e representa o saber artístico da comunidade e sua possibilidade criativa diante das adversidades;
- A lenda do Bate Folha surgiu entre risadas e contos de casos em rodas de conversa, e, ao que parece, resistiu à ação do tempo e persiste entre pessoas e gerações diferentes. Esta lenda diz respeito à casos repetidos ao longo do tempo em que, atraídos pelas jacas que frutificam no terreiro, moradores invadiam sua propriedade para roubá-las. No entanto não conseguiam sair de lá, perdidos na mata atlântica que compõe o cenário do terreiro. Ainda segundo esta lenda, os

invasores só conseguiam sair quando chamavam alguém do terreiro para que viesse em seu socorro. Este experiência já foi vivenciada por alguns dos participantes desta pesquisa e está carregada de afetividade e valor histórico, por isso estando elencada enquanto Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial da Mata Escura;

- A oralidade e a memória enquanto bases da história dos bairros em contra ponto à história oficial contada pelo ponto de vista eurocêntrico é uma escolha que representa a resistência. E esta consciência por parte das participantes desta pesquisa fica evidente nas repetidas vezes em que se evocam as figuras mais antigas do bairro enquanto registro histórico vivo da Mata Escura. O conhecimento construído por estas gerações que se passaram e que permanecem na memória de mães, tias e avós é um patrimônio da comunidade e é recorrentemente requerido pelos mais jovens além de representar oportunidade de difusão da história do bairro através de rodas de conversas com estas pessoas em roteiros do TBC. Além do valor histórico e afetivo destes saberes a valorização da autoestima destes sujeitos enquanto interlocutores do processo histórico em que se insere a Mata Escura foi determinante na escolha das participantes deste item enquanto patrimônio;
- Presente em suas memórias mais remotas, o ofício de rezadeira é considerado um patrimônio da Mata Escura pelas participantes da equipe, relembrando consultas feitas quando crianças, acompanhadas de suas mães, neste sentido o universo feminino está intimamente ligado aos cuidados na perspectiva das participantes, os relatos destas consultas e a eficácia do tratamento são contados em rodas de conversa e constituem também um item do patrimônio desta comunidade;
- Como mencionado anteriormente no item Terreiro Bate Folha, a festividade em celebração à Iansã que é realizada pela instituição religiosa citada, atrai pessoas de outras comunidades da cidade de Salvador, de outras cidades do país e até mesmo de outros países, faz despertar aos olhos da comunidade o prestígio desta instituição, além disso o caráter participativo e democrático desta festa agrega-lhe valor social perante a comunidade, o que justifica ainda mais sua inserção enquanto patrimônio da Mata Escura;
- A PNPC foi fundada em 2003 e de lá pra cá tem atuado incisivamente na conservação do Horto da Mata Escura, no entanto as ações de educação

ambiental junto à crianças da comunidade são as que, aparentemente, mais causam empatia com a comunidade. Na visita técnica em que o grupo conhece o trabalho da ONG é relatado por parte do grupo que já haviam visto algumas ações com crianças na área em que situa-se o horto, porém não sabiam da autoria destas ações, ao reconhecer a responsabilidade através das rodas de conversa com o gestor da ONG, reconheceram seu papel social e ambiental na comunidade, conferindo-lhe o *status* de patrimônio da comunidade;

- Apesar de aparentemente pertencer ao grupo dos Patrimônios Histórico e Cultural Materiais da Mata Escura, por ter sido completamente degradado pelo lançamento indevido de esgoto e lixo em seus afluentes, hoje a Fonte do Horto da Mata Escura permanece na lembrança dos moradores, desta forma constitui item do Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial da comunidade, tanto pela afetividade das memórias que fazem referência àquela área quanto por sua relevância ambiental de tempos anteriores, quando servia como fonte de água potável para consumo e para a lavagem de roupas.

Por hora, estes são os itens inventariados e eleitos enquanto Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura, visto da continuidade dos trabalhos após a defesa desta dissertação, o volume de itens inventariados e valorizados neste processo tende a crescer e compor mais ricamente as possibilidades e potencialidades da Mata Escura para o TBC, sob a perspectiva dos participantes entusiastas da organização do TBC na comunidade.

5. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA MATA ESCURA

A compreensão do turismo enquanto atividade econômica em consonância com a dinâmica capitalista despreza o caráter sistêmico e interdisciplinar deste ramo da economia que acaba impactando a vida dos sujeitos envolvidos para além de uma simples transação financeira, ou prestação de serviço. Para a Organização Mundial do Turismo- OMT, criada em 1974, convencionou-se identificar o turismo enquanto conjunto das atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com fins de lazer, negócios ou outros (OMT, 2001). Para alguns autores, o turismo assumiu um caráter fetichista dentro da sociedade capitalista e para muitos representa uma possibilidade de fuga do real, um objeto de consumo sinônimo de *status* social, desta forma:

> A viagem turística tem um objetivo especial, de sair do cotidiano e possibilitar o encontro como o novo, o diferente, o desconhecido, a satisfação sutil que proporciona o consumo e o luxo. Na vida moderna tanto a sensação de que o trabalho é estressante, quanto o frequente corre-corre citadino fez priorizar a necessidade de lazer e da busca da felicidade, fora deste cotidiano. (CORIOLANO, 2006, p. 23).

Há, no entanto, autores que concebem o turismo de forma holística, e compreendem os impactos desta atividade sob o ponto de vista das localidades visitadas, esta concepção de turismo, adotada neste trabalho, abarca as relações desta atividade no seu campo mais complexo, uma vez que discutir os impactos sociais, culturais, econômicos e ambientais desta atividade perpassa pela obrigatoriedade de discutir o modelo de sociedade em que vivemos e que almejamos. Desta forma o turismo está conceituado neste trabalho enquanto:

> O estudo do homem longe do seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômicos e sócio-cultural da área receptora. (JAFARI, *apud* BENI, 1998).

É a partir desta concepção que conseguimos visualizar outras possibilidades para a atividade turística, considerando as dimensões econômicas, culturais, organizacionais, socioambientais e metodológicas que lhe estão inerentes. Neste conjunto de esforços para um outro turismo situa-se o Turismo de Base Comunitária- TBC, que ao longo de sua trajetória acompanhou esforços para um novo conceito de desenvolvimento.

5.1 Do Desenvolvimento Sustentável ao TBC

Para entendermos a dinâmica da construção do TBC enquanto conceito e prática cabe uma revisão histórica que nos remete inevitavelmente ao período de acirramento do sistema capitalista e uma maior exploração dos recursos naturais e da mão de obra proletária, incidindo diretamente sobre a qualidade de vida das pessoas e no modelo de produção e consumo vigentes, assim com a Revolução Industrial do século XIX o cenário mundial agravou-se bastante, atingindo níveis muito mais impactantes no século seguinte quando "foram empregados mais recursos naturais na produção de bens que em toda a história anterior da humanidade" (DIAS, 2006, p. 7).

Com o capitalismo houve um maior direcionamento mercadológico expresso mais afincadamente no mundo moderno a partir da queda do muro de Berlim e da ascensão do modelo capitalista neoliberal, tendo como marco a criação do Fundo Monetário Internacional- FMI, porém isso não impediu que outras correntes ideológicas surgissem ao longo do tempo, como um contraponto às tendências hegemônicas (ARRUDA; QUELHAS, 2010).

Neste contexto de mudanças e criação de alternativas consolidou-se o conceito de desenvolvimento sustentável, descrito como:

> Um novo paradigma do pensar as sociedades humanas segundo uma nova ética de democratização de oportunidades e justiça social, percepção das diferenças como elemento norteador de planejamento, compreensão da dinâmica de códigos e valores culturais e compromisso global com a conservação dos recursos naturais (IRVING, 2009, p. 35).

Alguns autores discutem sobre a possibilidade real de um desenvolvimento de fato sustentável em meio à dinâmica capitalista da sociedade vigente, porém nos vários setores da sociedade há iniciativas que tentam, dentro de seu campo de ação minimizar os impactos de sua atividade com vistas a um outro tipo de desenvolvimento. Nos processos de produção material percebem-se estratégias para um desenvolvimento sustentável como, por exemplo, a reciclagem, a redução de gastos energéticos, o uso de alternativas biodegradáveis dentre outros, mas e no turismo? Tendo em vista que esta atividade tem como principal mercadoria o espaço, o ambiente em si (SANTOS, 1985), como minimizar os impactos causados por um serviço impactante em sua gênese? Apesar de o turismo ser uma atividade capitalista (CORIOLANO, 2006), ainda há esforços no sentido de diminuir os seus impactos.

5.1.1 A Origem do TBC

No início da década de 1980 surgem as discussões acadêmicas e científicas a cerca do ecoturismo como um modelo de contraponto ao turismo convencional, porém as divergências de interesses entre os envolvidos na "indústria" do turismo implicavam num diverso conjunto de interesses, o que gera uma série de conflitos entre setores público, privado, civil e comunidades locais, nos processos de implementação, execução e gestão do turismo (DÉJARDIN; MARTINS; SILVA, 2013). Como o próprio nome já diz, o Turismo de Base Comunitária tem por fundamento a comunidade, para fins de entendimento conceitual deste trabalho, a comunidade:

> [...] se deduz, segundo as determinações da unidade completa das vontades humanas, de um estado primitivo e natural que, apesar de uma separação empírica e que se conserva através desta, caracteriza-se diversamente segundo a natureza das relações necessárias e determinadas entre os diferentes indivíduos que dependem uns dos outros (TÖNNIES, 1973, p. 98).

Como marco inicial do TBC considera-se neste trabalho o surgimento de projetos financiados pelo Banco Internacional de Desenvolvimento- BID em 1980, na América Latina sob a denominação de Turismo Rural Comunitário, visando o atendimento à demanda crescente de turistas que procuravam por experiências únicas que destoassem do já gasto modelo de produto turístico convencional (SOLOMON; FLORES, 2002). Estas iniciativas iniciaram-se em zonas rurais e por muitos anos se desenvolveram nessas áreas, onde os laços de convivência comunitária ainda encontram-se mais fortes, há no mundo muitos projetos de Turismo de Base Comunitária, dentre eles os desenvolvidos pela Tourism Concern, Associação Italiana para o Turismo Responsável- AITR, Tourism Watch dentre outras. Estes trabalhos são desenvolvidos em parceria com comunidades da África, Ásia e países da América do Sul e Central, também em países economicamente desenvolvidos no hemisfério Norte e Oceania (BURSZTYN, 2005). Já na América Latina hoje existe turismo de base comunitária e/ou comunitária na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Peru e Venezuela (REDETURS, 2017).

No Brasil as iniciativas de TBC são ainda recentes, e segundo o Plano Nacional de Turismo- PNT do Ministério do Turismo é previsto:

> Fomento e apoio a projetos ou ações para o desenvolvimento local e sustentável do turismo, por meio da organização e qualificação da produção, melhoria da qualidade dos serviços, incentivo ao associativismo, cooperativismo, empreendedorismo, formação de redes, estabelecimento de

> padrões e normas de atendimento diferenciado e estratégias inovadoras, para inserção destes produtos na cadeia produtiva do turismo, particularmente, com relação a produtos e serviços turísticos de base comunitária com representatividade da cultura local, valorização do modo de vida ou defesa do meio ambiente (BRASIL, 2013, p. 47).

Enquanto marco inicial do TBC no ramo das políticas públicas brasileiras, delimita-se o lançamento do edital Nº 001/2008 com finalidade de fomento a atividades turísticas de base comunitária, publicado no Diário Oficial da União- DOU dia 4 de Junho de 2008, e data limite para recebimento de projetos e propostas para 18 de Julho de 2008, o financiamento poderia estender-se de R$ 100.000,00 a R$ 150.000,00. Foram recebidos cerca de 500 projetos de todas as regiões do país destes 34% vieram da região sudeste, 23% da região sul, 22% da região nordeste, 11% da região centro oeste, 9% da região norte e 1% de outras regiões (SILVA; RAMIRO; TEIXEIRA, 2009). De lá para cá as iniciativas vem amadurecendo e desenvolvendo as atividades de um turismo que pressupõe a comunidade enquanto sujeito de seu próprio desenvolvimento, participando desde a concepção do turismo até seu desenvolvimento e gestão, considerando a complexidade, a diversidade e as realidades locais (ZAUOAL, 2009).

5.1.2 Os princípios teóricos e metodológicos do TBC

Partindo de uma perspectiva sustentável do planejamento e execução da atividade turística, Alves (2013) traz como pressuposto teórico para do TBC a questão do desenvolvimento local sustentável, englobando aspectos socioculturais e econômicos das comunidades como fatores de extrema importância para a concretização do TBC. Percebe-se a forte influência das comunidades interioranas e do modo de vida e de como elas tecem as relações interpessoais nos processos pertinentes ao TBC, assim presume-se que a solidariedade também é um princípio do TBC, a cooperação e a cumplicidade dos indivíduos pertencentes à uma mesma comunidade dão a liga das relações que constituem as possibilidades de execução e planejamento do TBC.

Enquanto ferramenta de aprimoramento e implementação de renda, o TBC segue pressupostos da economia solidária que preconizam o preço justo e o fomento da economia de subsistência como meios de apoiar as iniciativas da comunidade. Além do apelo econômico percebe-se que a tradição e a memória, principalmente no que se refere às comunidades tradicionais, são de extrema importância para a atividade consciente do TBC, uma vez que constituem objeto de interesse dos sujeitos que pretendem conhecer estas vivências e por muitas vezes estão relegados ao esquecimento proposital causado pelas mídias e os processos desiguais de dominação da globalização

capitalista. No tangente a sua gestão e à organização da atividade, apesar de não estar explicitamente citado, percebe-se um alinhamento necessário ao modelo de autogestão destes empreendimentos, visto que as parcerias entre a iniciativa privada das agências de viagens e operadoras vem gerando fenômenos adversos à perspectiva do TBC, em todo empreendimento em que a última finalidade for o capital e as demandas financeiras, o trabalho solidário e compromissado socialmente com as demandas da comunidade será prejudicado, neste sentido cabe ressaltar a importância da compreensão dos impactos da atividade turística pela comunidade a implementar a atividade. Assim pode-se concluir que os princípios basilares do TBC estão representados no quadro abaixo:

QUADRO 6: princípios do Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula

PRINCÍPIOS DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA
Desenvolvimento Local Sustentável
Solidariedade
Cooperação
Memória
Autogestão
Responsabilidade Social

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos estudos de Alves (2013); Zaoual (2009); Bôas (2013) dentre outros.

5.2 Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula

Considerando-se a proposta do TBC e suas possibilidades para uma parceria entre Instituição de Ensino Superior- Ies e comunidades de bairros da cidade de Salvador num movimento de reflexão a respeito do turismo, do elemento humano na atividade turística, do desgaste do modelo convencional e das relações de trabalho na cadeia convencional do turismo, dos sistemas gerenciais e administrativos do turismo convencional e da dinâmica capitalista surge o projeto TBC no Antigo Quilombo Cabula pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB Campus I em Salvador- BA em parceria com as comunidades de seu entorno, aprovado pelo edital 021/2010, pedido nº

6791/2010 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia- FAPESB, vem de lá pra cá articulando ensino- pesquisa-extensão e confluindo saberes acadêmicos e populares num processo de mobilização para o TBC através de imersões na comunidade e realização de oficinas, eventos apoiando iniciativas sem vínculo político partidário presentes nas comunidades como associações, grupos alternativos, coletivos culturais dentre outros (SILVA, 2010).

Dentre as ações desenvolvidas destacam-se as oficinas de capacitação nas comunidades para o TBC, a realização anual do Encontro de Turismo de Bse Comunitária e Economia Solidária- ETBCES, que no momento da feitura deste trabalho encontra-se em sua sétima edição, a parceria com escolas da rede estadual de ensino, o desenvolvimento de pesquisas vinculadas à programas de graduação, mestrado e doutorado em metodologia participativa e principalmente colaborativa, resultando na construção de uma relação de proximidade entre academia e comunidade e numa perspectiva educacional da atividade turística no TBC.

5.2.1 O TBC na Mata Escura

O primeiro contato entre a equipe TBC e a comunidade de Mata Escura para a concretização de ações visando a implementação do Turismo de Base Comunitária naquela comunidade se deu quando da realização do VI ETBCES no Colégio Estadual Márcia Meccia em 2016, nesta ocasião além da apresentação de trabalhos acadêmicos, realização de feiras de saúde, rodas de conversas dentre toda a programação concebida houve também a realização de oficinas de roteirização com os alunos do oitavo ano do ensino fundamental da referida instituição, nestas oficinas os alunos se organizaram em grupos de trabalho e, em diálogo e colaboração com a equipe TBC, realizaram o roteiro intitulado Tour da Mata no qual além de apresentações culturais de dança Afro e atividades físicas de alongamento e dança, visitou-se o Terreiro Bate Folha, neste roteiro além das visitas incluiu-se alimentação e guiamento, a atividade contou com a participação de aproximadamente 30 pessoas e a partir daí começa a relação que culmina com os intentos pretendidos nesta pesquisa.

No atual momento da pesquisa o grupo de trabalho conta com a participação de cinco mulheres que residem e/ou trabalham na Mata Escura e um homem que vive lá, em sua maioria pertencentes ao grupo de mulheres que viabilizou as atividades físicas do roteiro de 2016, têm um histórico de participação ativa na comunidade e de engajamento nas questões de saúde coletiva e saúde da mulher, além da promoção de

eventos esportivos e temáticos, articulando diversos setores da cadeia de produção local para a viabilização de seus intentos. Esta fluidez das participantes na comunidade tem importância incontestável para a implementação do TBC na comunidade, uma vez que apesar de contar com 5 articuladoras, a atividade depende diretamente dos vários atores sociais da comunidade que mesmo não estando diretamente ligados ao processo de gestão do TBC, devido às suas atribuições e dinâmica de suas vidas, constituem-se em parceiros que estão elencados na caderneta de parceiros que foi construída e sobre a qual falaremos mais adiante.

O caráter sistêmico da atividade turística exige dos seus viabilizadores um diálogo direto com os parceiros e com a comunidade como um todo para o sucesso da atividade, pode-se exemplificar este fato com a necessidade de contatar pessoas do ramo de alimentação ou grupos culturais, por exemplo, para suprir uma demanda de um roteiro ou de uma estada mais longa que o grupo de gestoras não tenha aptidão ou disposição financeira ou de tempo para suprir. Este diálogo, no caso das comunidades, leva em consideração relações de amizade que são construídas ao longo da vida dos indivíduos, uma cumplicidade que torna a comunidade um solo fértil para o florescimento de atividades de cunho solidário, a ajuda mútua experimentada no dia a dia no enfrentamento das adversidades da vida é canalizada para o atendimento de uma demanda específica e a inserção destes parceiros neste processo faz com que eles se atentem para as potencialidades de seu bairro e para o processo de valorização implícito que naquele momento ocorre.

A título de relato e posterior análise dos esforços empreendidos pelo grupo na Mata Escura, a seguir no capítulo Resultados, pretende-se expor quais as consequências fatuais deste trabalho no intento de implementação do TBC na comunidade, estes resultados se constituem em instrumentos de aperfeiçoamento dos esforços e auto avaliação do grupo além de possibilitarem a execução do TBC. A percepção do TBC enquanto atividade de complementação da renda é um fator de atração decisivo para a atração de participantes num primeiro momento de apresentação da proposta, porém também se constitui em grande desafio já que ao objetivos maiores do TBC dizem respeito à capacidade de organização destas comunidades, de um pensamento coletivo e colaborativo como contra ponto aos valores competitivos e individualistas do capitalismo. Daí a necessidade um processo contínuo e prolongado para que se comece de fato a construir as bases ideais para que a atividade aconteça plenamente.

Nesta fase inicial do projeto na Mata Escura, muitos passos já foram dados em direção à construção do cenário ideal para o planejamento e execução do TBC pela comunidade e é sobre estes passos que nos debruçamos no penúltimo capítulo desta sistematização dos conhecimentos gerados a partir da análise da metodologia empregada na Mata Escura para organização do TBC.

6. RESULTADOS

Nestes sete meses de trabalho desenvolvidos com e na comunidade, obtivemos alguns êxitos que indicam o interesse real dos participantes em organizar-se para o TBC na Mata Escura e que geraram subsídios para tanto. Neste sentido a força do esforço coletivo frente à diversas adversidades enfrentadas nestes sete meses que mesclam desde demandas de trabalho que impossibilitaram algumas atividades até questões mais grave de segurança no bairro, se mostrou a maior potencialidade do grupo. A capacidade de unir-se frente aos obstáculos impostos pela dinâmica do cotidiano dos bairros socialmente marginalizados e economicamente periféricos, alijados de direitos básicos.

A metodologia de organização para o TBC pautada pela EP e baseando-se na participação efetiva dos participantes da pesquisa enquanto coautores deste processo, deve respeitar as possibilidades e limitações do grupo que precisa de seu tempo para atingir o grau de maturidade e interesse necessários à consolidação de um pensamento e prática autônomo. Para o TBC esta autonomia carregada de significados é a essência da emancipação dos sujeitos, e resultado de reflexões transversais a todo processo. Assim os resultados agora apresentados são preliminares e representam apenas a fase inicial da implementação do TBC na Mata Escura, no entanto estes resultados dão pistas que nos ajudam a entender o processo de valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura, viabilizado pela metodologia desenvolvida em campo.

6.1 Construção coletiva de RTUARSS

A Construção dos Roteiros Turísticos Urbanos Alternativos, Responsáveis, Sustentáveis e Solidários- RTUARSS se deu através de oficinas mediadas pela Educação Popular- EP, nestes encontros com duração aproximada de 2 à 3h as participantes evocavam o contexto vivido e percebido por elas no bairro e deste contexto emergia o roteiro turístico para o TBC. A criação do roteiro se deu mediada pela perspectiva de demanda real, neste caso a demanda seria os alunos do PPGEduC matriculados na disciplina Educação e Movimentos Sociais, estes alunos fariam uma visita de meio turno à comunidade de Mata Escura e nesta visita conheceriam os grupos, instituições e pessoas que desempenham atividades de assistência social e de produção cultural local. Este roteiro encontra-se no ANEXO I deste trabalho e nele encontra-se um trabalho coletivo feito após visita aos locais mencionados e fechamento de parcerias para efetivação do roteiro.

A construção deste roteiro não se limitou a materialização do roteiro sistematizado numa folha de papel, uma vez que a partir desta atividade surgiu a necessidade de informar e convidar as pessoas, grupos e instituições nele presentes para consolidação de parceria para este roteiro e para roteiros futuros. Neste sentido o movimento de ida à estes lugares e o diálogo com os envolvidos teve uma ação agregadora de valor a estes grupos, pessoas e instituições perante as participantes do grupo, tanto nos casos em que já se conhecia o local a se visitar, quanto nos casos onde não eram conhecidos, a proximidade com os representantes e a observação das atividades por eles desenvolvidos além da troca de informações e afetividades em diálogos desenvolvidos sob a forma de rodas de conversa nestas instituições deram o tom ao processo de valorização destes perante o grupo, e esta valorização levou em conta, majoritariamente o valor social destes trabalhos.

Após esta inventariação e de atrativos que se constituem em Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura, procede-se a parte logística da construção dos roteiros na qual as participantes têm que ordenar, articular sequencialmente e conceber o conceito destes roteiros. Neste momento da oficina as participantes evocam seus conhecimento acerca de geografia, história, gastronomia, logística, dentre outros e avaliam qual a melhor sequência a ser executada pelo grupo com intuito de promover um roteiro, menos cansativo possível e conseguir realizar o monitoramento e a realização das atividades complementares simultaneamente para não prejudicar a sua execução, respeitando o limite de tempo disponível para que o roteiro seja realizado.

A distribuição do tempo para as visitas, constantes no ANEXO I evidencia a tendência do grupo em privilegiar os momentos de rodas de conversa, no qual a memória e a história oral mesclam elementos das histórias dos grupos e instituições com as histórias de seus interlocutores e, por conseguinte com a história da comunidade. Este movimento de evidenciação desta história, utilizando o tempo disponível no roteiro para sua apresentação como elemento de valorização da atividade em detrimento de outras nos mostra uma predileção do grupo que pode ser compreendida enquanto resultado dos processos que levaram ao estreitamento das relações destes para com os grupos, instituições e pessoas eleitas para estas atividades.

Ainda sobre este processo de valorização que permeia toda a prática do grupo na construção dos roteiros, a escolha dos fornecedores para os serviços de locomoção, alimentação e acomodação nos roteiros, constituiu-se em questão desencadeadora de um diálogo intenso e produtivo acerca de relação de custo-benefício inerente a esta escolha.

Neste sentido havia uma predileção inicial das participantes em adquirir os ingredientes para o preparo dos alimentos a serem oferecidos em supermercados das grandes redes que estão espalhados na comunidade e em suas proximidades, por conta do valor competitivo que conseguem em relação aos pequenos produtores locais. A mediação deste diálogo utilizou a afetividade das relações construídas entre as próprias participantes e estes produtores locais para a construção de um pensamento lógico e legitimando por uma prática usual das comunidades e que garante a estes produtores sua permanência no mercado.

A prática a que se refere no parágrafo anterior é uma exteriorização das relações dos vínculos afetivos estabelecidos entre os moradores da comunidade e se traduz na prática da venda "fiado", ou no presentear de um cliente, que na maioria das vezes é também um amigo ou conhecido, com uma peça a mais do que a quantia pela qual o comprador está pagando, dentre outras práticas de colaboração usuais nas comunidades. Ao contrapor este comportamento presente nas relações comerciais com os pequenos produtores da cadeia local com o comportamento mercadológico adotado pelas grandes redes, no qual não há afetividade envolvida, as participantes optaram por escolher os produtores locais, evidenciando não somente uma relação lógica de ganho à longo prazo através de uma relação de confiança construída durantes anos e para além de qualquer empreendimento em que estejam engajadas, mas como uma forma de reconhecer e retribuir a prática carregada de afetividade e que funciona na dinâmica da comunidade como uma luz no fim do túnel num momento de dificuldades financeiras.

A escolha destes pequenos produtores da cadeia local evidencia a valorização destes perante as participantes desta pesquisa por meio do reconhecimento e da atribuição do valor afetivo das relações construídas no âmago da dinâmica cotidiana da Mata Escura.

6.2 Precificação dos RTUARSS

Após a construção do RTUARSS pelo grupo, procedeu-se em momento posterior, uma análise sobre os custos despendidos para a realização do mesmo e a margem de lucro pretendida pelo grupo com a realização deste roteiro. As primeiras impressões do grupo eram de um universo desconhecido, a precificação do roteiro seria uma atividade inédita para as participantes da oficina. Por isso recorreram aos valores cobrados pela equipe TBC Antigo Quilombo Cabula em experiências anteriores de planejamento e execução de roteiros. Após um diálogo retomando os valores da

economia solidária trabalhados em roda de conversa anteriormente foi lhes apresentado o processo de precificação e as premissas deste processo para a equipe TBC. Em seguida as participantes consentiram em adotar a metodologia utilizada e proceder a precificação daquele roteiro, esta metodologia constitui-se em:

1. Fazer levantamento dos preços dos ingredientes para o preparo dos pratos;
2. Investigar qual a média de valor cobrado na comunidade pelos produtores locais que comercializam as receitas prontas;
3. Comparar os preços da comunidade com os preços nas áreas de interesse turístico;
4. Encontrar alternativas de redução de custos no fornecimento destes alimentos e também dos serviços, optando pela divisão do trabalho entre elas mesmas e delegando as responsabilidades sobre o fornecimento do serviço e/ou alimento à qual cada uma esteja apta;
5. Conceber o preço do serviço e/ou alimentação preservando a média cobrada pela comunidade.

O resultado destes esforços encontra-se no ANEXOII deste trabalho, um esforço coletivo que conseguiu ultrapassar a miopia da visão capitalista na concepção dos preços adotados pela comunidade que centrada em suas possibilidades e limitações decidiram por adotar um preço acessível inclusive à pessoas de outras comunidades que quisessem transitar nestas experiências, o termo final foi dado por uma participante que ao término da oficina disse *"- É um preço que eu poderia pagar!"*.

6.3 Caderneta de Parceiros

A caderneta de parceiros é a materialização das relações construídas durante o processo de organização para o TBC. É fruto do estreitamento das relações entre as participantes da pesquisa e os representantes dos grupos e instituições elencados no processo de eleição e valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura além dos atores da cadeia produtora local que podem e querem contribuir dentro das possibilidades das atividades por eles já desenvolvidas na comunidade para efetivação da prática pautada pelo TBC.

A construção desta caderneta tem como prerrogativa o movimento das participantes desta pesquisa na comunidade e o diálogo com os atores envolvidos e pretendidos para organização do TBC na Mata Escura. Neste sentido o contato inicial sempre foi feito autonomamente pelas participantes que tinham que se apresentar

enquanto moradoras do bairro, pertencentes ao projeto de organização do TBC na Mata Escura e, por conseguinte apresentar a proposta do TBC, suas premissas, sua intencionalidade e os resultados esperados. A autonomia dada neste momento da atividade visa aferir a imersão das participantes no processo de organização para o TBC e construir a identidade do grupo perante a comunidade, além de neutralizar a figura institucional da UNEB, que representa uma Instituição de Ensino Superior- IES e isso acarreta numa percepção da comunidade, validada por experiências anteriores com outras IES, em que a comunidade funciona como um lugar de onde se tira e nada se deixa, um eterno laboratório para pesquisas das ciências sociais aplicadas, sem devolutiva efetiva e concreta para as comunidades onde são desenvolvidas.

Por questões de sigilo e de informações pessoais que constam desta caderneta, ela não foi inserida no corpo deste trabalho, porém pode-se dizer que conta com oito parceiros, entre instituições, grupos culturais, pessoas mais idosas, comerciantes locais e prestadores de serviço.

Estes foram os resultados, desta fase inicial do processo de organização para o TBC na Mata Escura, na data da feitura deste trabalho há pelo menos duas ações agendadas, uma diz respeito a visita de campo no Terreiro Bate Folha para maior imersão no universo do candomblé e da história de resistência desta religião no contexto histórico e contemporâneo, a outra ação programada é uma oficina de criação de página *online* para divulgação do TBC na Mata Escura e consolidação de relações a serem iniciadas com outras iniciativas de TBC espalhadas pelo Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A priori destaca-se o fato destas considerações levarem em conta o objetivo deste trabalho, enquanto análise das possibilidades de uma metodologia para organização do TBC na valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da comunidade da Mata Escura, não significando o término das ações que iniciaram em Setembro de 2017 e que na data da feitura deste trabalho já tem atividades agendadas e programadas no intuito de dar continuidade ao processo. Neste sentido cabem algumas reflexões acerca dos aspectos desta pesquisa e de sua relação com o contexto, neste caso a Comunidade de Mata Escura.

O diálogo do passado com a contemporaneidade na comunidade de Mata Escura é uma realidade. A comunidade media suas experiências do presente com aquelas ocorridas no passado este fato foi um facilitador no momento da construção do modo de pensar histórico. A relação das participantes desta pesquisa com a história oral e com a memória, principalmente dos moradores mais antigos da comunidade, também é um fator que demonstrou a propriedade que elas têm sobre a dinâmica histórica e contemporânea do bairro, porém não havia uma identificação desta história enquanto constituinte da história da cidade era como se percebessem os registros históricos da comunidade e os da história oficial da cidade desconexos. Este não reconhecimento gerava, ao que parece, uma dubiedade quanto à importância e as razões e consequências dos processos que ocorreram na comunidade em relação aos processos que se passavam na capital como um todo, neste sentido as rodas de conversa e as visitas a campo tiveram por intencionalidade a construção deste elo de ligação que evidencia a relação de causa e efeito presente entre a prática do invasor português e a formação dos quilombos e arraiais no local onde hoje situa-se o bairro.

A dinâmica de tensão e resistência presente na comunidade desde sua origem enquanto quilombo persiste nos dias atuais e se materializa em momentos de disputa do tráfico de drogas, incursões violentas da polícia nas comunidades, situações de violência doméstica, racismo e intolerância religiosa, dentre outras e são percebidas pelas participantes da pesquisa. E assim como as situações problemáticas as soluções e o combate se dá por meio de uma característica que também remete ao passado e a ancestralidade da comunidade, a união necessária, sentimento de colaboração nessa comunidade é quase orgânico no sentido que são diariamente construídas e mantidas relações de cooperação para a superação das adversidades.

A ação constante da mídia e a disseminação de suas “verdades” no censo comum é um elemento que dificulta o processo de valorização do Patrimônio Histórico e Cultural desta comunidade, pois age diretamente sobre a autoestima destas pessoas, e sore sua percepção acerca da comunidade, neste sentido a valorização do Patrimônio Histórico e Cultural é um trabalho constante e que ultrapassa as aspirações da comunidade para o TBC, mas tem relação com a ancestralidade desta comunidade e com a forma como ela se vê no mundo.

Apesar do número elevado de terreiros de Candomblé na comunidade, a eleição de apenas dois destes terreiros por parte dos sujeitos leva em consideração a dinâmica religiosa do bairro, com o crescente número de igrejas evangélicas e a percepção de alguns dos seus adeptos e representantes perante as religiões de matriz africana, há um distanciamento entre a população que adere à estas religiões evangélicas e os adeptos do candomblé. Apesar disso ainda hoje na comunidade a convivência destas religiões é pacifica e não apresenta conflitos visíveis mais sérios que os de ordem doutrinária.

A necessidade da resolução imediata de situações problemáticas, induz à precipitações no tocante às etapas necessárias para a implementação do TBC, gerando desgastes na relação do grupo, porém a intensidade e a duração dos laços de afetividade construídos entre as participantes nas trajetórias de suas vidas nas comunidades é um elemento viabilizador do diálogo por meio do qual a equipe desacelera. As participantes da pesquisa tem suas vidas enraizadas no mundo do trabalho, este aspecto delimitou a frequência dos encontros na comunidade, as possibilidades e limitações para o desenvolvimento das ações, a priorização de determinados grupos e instituições em relação à outros de acordo com a intensidade de suas ações na comunidade ao que se associa também o valor social atribuído a estes grupos, pessoas e instituições.

Nas rodas de conversa ao evocar-se a história do bairro as narrativas vinham atravessadas pelas histórias de vida das participantes, o que mostra uma identificação intensa com o bairro. Dos trabalhos empreendidos na Mata escura e dos resultados obtidos conclui-se que ainda se faz necessário muitos encontros e momentos formativos para a efetivação da prática do TBC na comunidade, que o cenário acirrado da sociedade capitalista sempre empurra as iniciativas contrárias à sua dinâmica para o conflito interno e a desarticulação, e que o diálogo é sem dúvidas a maneira mais eficaz de se evitar esta desarticulação. No tangente à valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da comunidade, considera-se o processo em andamento e aperfeiçoamento

contínuo, dada a mutabilidade da percepção do passado no presente e a diversidade de interesses e possibilidades da atividade humana, não garante-se que esta valorização seja estática ou consolide-se no tempo e espaço, no entanto os esforços deste trabalho aqui evidenciados mostraram que a metodologia desenvolvida para a organização do TBC na Mata Escura constitui-se numa ferramenta eficaz para o desenvolvimento contínuo da valorização do Patrimônio Histórico e Cultural desta comunidade, um vez que ao utilizar-se do espaço e de sua dimensão não somente geográfica como também histórica e afetiva promove a reflexão das participantes desta pesquisa sobre os processos históricos e a produção cultural da comunidade que legitimam e valorização os bens materiais e imateriais, os grupos, instituições e pessoas, os saberes e fazeres da comunidade através da eleição destes enquanto representativos desta comunidade e dignos de serem apresentados à visitantes e turistas no RTUARSS.

Este movimento de valorização do Patrimônio Histórico e Cultural promoveu uma imersão na densidade e nas dimensões dos processos civilizatórios que levaram à construção do bairro enquanto ponto de partida para o entendimento da configuração atual do mesmo. A vivência do grupo na exploração do território, no estreitamento de relações entre eles e os grupos e instituições, a percepção de pessoas estórias, saberes e fazeres que compõem a dinâmica cotidiana da comunidade sob a perspectiva de Patrimônio Histórico e Cultural do bairro e sua valorização através da metodologia de organização do TBC constitui num novo ponto de vista acerca da comunidade por parte das participantes desta pesquisa, e esta nova percepção constrói-se à medida que a metodologia é desenvolvida e perpetua-se na prática do dia a dia das participantes.

Para além da execução dos roteiros ou realização de ações do TBC na comunidade, o processo de organização para o TBC se mostrou eficaz na valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura, e para a construção de relações de cooperação entre os indivíduos participantes da pesquisa bem como entre eles e os parceiros identificados na comunidade e dispostos a ajudar na implementação do TBC na Mata Escura dentro das possibilidades de suas áreas de atuação. Desta feita, considera-se que os trabalhos até agora empreendidos na comunidade de Mata Escura, apesar dos percalços conjunturais de naturezas diversas que a comunidade enfrenta neste momento, tem conseguido atingir seu objetivo de organização do TBC na comunidade e neste processo valorizado o Patrimônio Histórico e Cultural da Comunidade.

REFERÊNCIAS

ABADIA, Lília. **A identidade e o patrimônio negro no Brasil**. Lisboa: Universidade de Lisboa. 2010. p. 52.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALVES, Katiane. **Turismo de Base Comunitária e Educação**: Uso de RPG em processos pedagógicos. (Monografia). Salvador: UNEB, 2013.

ARRUDA, Luis; QUELHAS, Osvaldo Luiz Gonçalves. **Sustentabilidade: um longo processo histórico de reavaliação crítica da relação existente entre a sociedade e o meio ambiente**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 36, n.3, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/363/artigo6.pdf>. Acesso em: 21 julho 2017.

BAKHTIN, M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

BENNI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 1998.

BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago ed., 1. 1967.

BOGÉA, K. B. S. R. **Centro Histórico de São Luis Patrimônio Mundial**, São Luís. 2007.

BORTEF, G. Pesquisa participante: proposta e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, C. R. (ORG.). **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, C. R. **Auto-estima na escola: vivências e reflexões com educadores**. São Paulo: Brasiliense, 7º edição, 1991.

BRANDÃO, C.R. **História do menino que lia o mundo**. 3. ed. Veranópolis/RS: Iterra – Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação. In: SILVA, René Marc da Costa (Org). **Cultura popular e educação – Salto para o futuro**. Ministério da Educação. Brasília, 2008.

BRASIL. **Plano Nacional de Turismo 2013-2016**. Brasília, 2013. Disponível em:<http://arquivo.rosana.unesp.br/docentes/savanna/TGT%20I/PNT_2013-2016.pdf>. Acesso em 21 de julho 2017.

BUENO, E. ***Brasil*:** uma história. Segunda edição revista. São Paulo. Ática. 2003.

BURSZTYN, Ivan. **Políticas Públicas de Turismo visando a inclusão social.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CALDAS, Alcides S. NUNES, Eduardo J. F., SANTOS, Walfran. **Odu, Egbé Dúdú:** caminhos da Mata Escura. Salvador: UNIFACS, 2007.

CAMPOS, Andrelino. **Do quilombo à favela:** a reprodução do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

Centro de Estudos Afro Orientais- CEAO. Disponível em:< http://www.terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config>. Acesso em 22 de Abril 2018 às 10:30 am.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio**. São Paulo. UNESP: 2001.

CHONG, Andréa Bianca Ribeiro. **Paisagem urbana na comunidade: diretrizes para espaços públicos em Mata escura.** Programa de pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UFBA. Salvador, 2016.

CORIOLANO, Luzia Neide M. T. **Turismo, território e sujeitos nos discursos e práticas políticas.** Tese de doutorado. Aracaju: UFS / NPGEO, 2004.

CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza.** São Paulo: Annablume, 2006.

DÉJARDIN, Isabelle Pereira; MARTINS, Luciana Conceição de Almeida; SILVA, Francisca de Paula Santos da. **Reflexões sobre a importância da investigação histórica para o ecoturismo e o turismo de base comunitária.***V CongresoLatinoamericano de Investigación Turística.* Nº 24, Janeiro/ Junho de 2013. Disponível em:< http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193424835010>. Acesso em 05 Jan. 2018.

DIAS, Reinaldo. **Gestão Ambiental: Responsabilidade Social e Sustentabilidade**. 1.ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ESPEINHEIRA. Gey. (ORG) **Sociedade do medo: teoria e método de análise sociológica em bairros populares de Salvador: Juventude, pobreza e violência**. Salvador: EDUFBA, 2008.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante. Notas sobre pesquisa participante e construção teórica.** São Paulo: autores associados, 1989.

FELICISSIMO, F. B. Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. **Piscol. teor. prat.**, São Paulo, v. 15, n. 1, abril 2013. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/revistas/ptp/paboutj.htm>. Acesso em 16 nov. 2017.

FERNANDES, Rosali Braga. **Las políticas de la vivienda em la ciudad de Salvador e los processos de urbanización popular em el caso del Cabula**. Feira de Santana: UEFS, 2003.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez. 2005. Disponivel em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>. Acesso em: 09 set. 2017.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1974. 4º ed.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982a.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Fundação Gregório de Matos. Disponível em:< http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=4&cod_polo=77>. Acesso em 22 de Abril de 2018.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Gomes, C. A. V; Mello, S. A.(2010). **Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da Psicologia HistóricoCultural**. Perspectiva, nº28, V: 2. P. 677-694.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira S. A. 1978.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. Disponível em:< http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena/modos-de-vida-dos-tupinamba-ou-tupis.html>. Acesso em 30 de out. 2017

Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional- IPHAN. 2017. Disponível em:< http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 03 abril 2017.

IRVING, Marta de Azevedo. Reinventando a Reflexão Sobre o Turismo de Base Comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, Roberto.; SANZOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 108-121.

M'BOKOLO, E. **África Negra, história e civilizações:** Tomo I (até o século XVIII). Salvador, Edufba/Casa das Áfricas. 2009.

MAGNAVITA, Maria das Graças. Possibilidades de Lazer como Fator de Atração Turística em Destinos Turísticos Culturais – O Exemplo Salvador. In. ARAÚJO, Irlândia Ramos de (Orgs). **Hospitalidade Contribuições, Reflexões e Tendências**. Salvador: Editora FIB, 2007.

MARTINS, Luciana C. de Almeida. **HISTÓRIA PÚLBICA DO QUILOMBO DO CABULA: representações de resistências em Museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária**. Tese (Programa Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento), Universidade Federal da Bahia- UFBA, Salvador, 2016.

MARX, Carlos Augusto A.; SIQUEIRA, Leonardo M. L. C. de; REIS, Renato B.; SOUZA, Laumar N. de. CRIME E PLANEJAMENTO URBANO DE BAIRROS: O CASO DA MATA ESCURA NA METRÓPOLE BAIANA. *In:* **Revista de**

Desenvolvimento Econômico – RDE, Salvador, BA, V. 3, N. 35, Ano XVIII, Dezembro de 2016. P. 1010 – 1039.

NASCIMENTO, A. A. V. **Dez Freguesias da cidade de Salvador. Aspectos Sociais e urbanos do século XIX.** *Salvador, FCEBA/EGBA, 1986.*

NICOLIN, Janice de Sena. **ArtebagaçoOdeart: ecos que entoam a mata africanobrasileira do Cabula**. 2007. 403 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2007.

NOVAIS, Fernando A. **Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

OLIVIERI, A. C. Índios: **O Brasil antes do descobrimento.** Publicado em: 31/07/2005. Disponível em:< http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historiabrasil/indios-o-brasil-antes-do-escobrimento.htm>. Acesso em: 22/01/2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Introdução ao Turismo**. 2001. Disponível em:< http://www2.unwto.org/> Acesso em 16 de julho 2017.

PAIVA, V. **Educação popular e Educação de adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PARAÍSO, M Hilda B. **Os esquecidos de Salvador: índios e negros na cidade-fortaleza e a conquista das terras das aldeias de seu entorno.** In Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, v 98 (jan-dez), 2003. IGHB. Salvador, 2004.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira; PEREIRA, Eduardo Tadeu. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HISTEDBR On-line,** Campinas, n.40, p. 72-89, dez.2010. Disponível em:< http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/40/art05_40.pdf>. Acesso em 07 de Nov. 2017 às 15:53.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, história e cidade: lugares no tempo, momentos no espaço. **Revista do NEHAC – Núcleo de Estudo em História Social da Arte e da Cultura**. n.4, v.4, p. 23-35 2002.

PINTO, H. P**. O global e o local na construção de práticas curriculares**, São Paulo: PUC-SP, 2005. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontíficia Universidade Católica de São Paulo – PUC – São Paulo, 2005.

PIRES, M. F. C. Education and the historical and dialectical materialism. **Interface — Comunicação, Saúde, Educação,** v.1, n.1, 1997. Disponivel em:< http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf>. Acesso em 20 de fev. 2017

QUIROGA, Consuleo. **Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino de metodologia no serviço social.** São Paulo: Cortez, 1991.

RAOZZI, Antonio. O desenvolvimento individual, o contexto social e a prática de pesquisa. In: **Psicologia: Ciência e Profissão.** v. 7, n. 2. Brasília, 1987. Disponível

em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931987000200012>. Acesso em 22/01/2017 às 17:31.

REDETURS. 2017. Disponível em: <http://www.redturs.org/nuevaes/index.php>. Acesso em: 21 de julho 2017.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky:** Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 20. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2009.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil:** a história do levante dos malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTANA, Sandra Pinheiro de. **Os problemas de aprendizagem e a baixa autoestima do aluno.** 2012 SERRA, Adriano Vaz. O auto-conceito, 1988. Disponível em: http://hdl.handle.net/10400.12/2204 Acesso em 13 de Nov. 2017.

SANTOS, Elisabete et. al. O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010.
SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** São Paulo: Nekel, 1985.

SILVA, K. T. P.; RAMIRO, R. C.; TEIXEIRA, B. S. Fomento ao Turismo de Base Comunitária: a experiência do Ministério do Turismo. In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

Sistema de Informação Municipal- SIM. Disponível em:< http://www.sim.salvador.ba.gov.br/indicadores/index.php>. Acesso em 22 de Abril de 2018.

SOLOMON, R.; FLORES, F. **Construa confiança**. São Paulo: Record, 2002.

SPINELLI JUNIOR, Vamberto. **Bauman e a impossibilidade da comunidade**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais – CAOS. n. 11. p. 01-13. Out. 2006. Disponível no site: http://www.cchla.ufpb.br/caos. Acesso em 13 de Nov. de 2017.

SUCUPIRA, E. **Introdução ao pensamento dialético.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1983.

TEIXEIRA, Cid. As grandes doações do Primeiro Governador: Terras do Rio Vermelho ao Joanes: Conde de Castanhedo, Garcia D' Ávila - do Senado da Câmara. Em: **A Grande Salvador: posse e uso da terra. Salvador: Companhia Estadual de Desenvolvimento Urbano – CEDURB**, 1978. Livro III, p.27-28; 38.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez. 14. ed. aum. São Paulo, 2005.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan. (org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 09 set. 2017

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial: 1500-1808**. Rio de Janeiro, 2000.

VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no Século XVIII.** Bahia: Ed. Itapuã, 1969.

VIVEIRO, A. A.; DINIZ, R. E. da S. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. **Ciência em tela**. Vol. 2, n o 1. 2009. Disponível em: < http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0109viveiro.pdf.>. Acesso em 12 de Março 2018.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. Trad.: J. C. Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WERTHEIN, J. (org.) **Educação de Adultos na América Latina.** Campinas/SP: Papirus, 1985.

ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? In: BARTHOLO, R; BURSZTYN, I; SANSOLO, D. **Turismo de Base Comunitária:** diversidade de olhares e experiências brasileiras. Ed. Letra e Imagem, 2009.

ZIMERMAN, D. **Os quatro vínculos, amor, ódio, conhecimento, reconhecimento:** na psicanálise em nossas vidas. Porto Alegre: Artmed, 2010.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- DEDC CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE- PPDEduC

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº – 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F ( ) M ( )
Data de Nascimento: _____/_____/_____
Endereço: _____Complemento:_____
Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
_____
Telefone: (__) _____/(__) _____/

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: Educação Popular e Turismo de Base Comunitária:** processos de valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura,
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Francisca de Paula Santos da Silva
Cargo/Função: P r o f e s s o r a

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **Educação Popular e Turismo de Base Comunitária:** processos de valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura, de responsabilidade do pesquisador Caio Henrique da Silva Vilas Bôas, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo elaborar uma metodologia participativa que valorize o Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura para o Turismo de Base Comunitária. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios por meio da implementação do Turismo de Base Comunitária na comunidade de Mata Escura. Caso aceite o Senhor(a) será participante de rodas de conversa, inquirido por meio de formulários, fará visitas a campo e participará do desenvolvimento de metodologia participativa de organização para o TBC na Mata Escura, sob a coordenação do aluno Caio Henrique da Silva Vilas Bôas, do Programa de pós-graduação em Educação e Contemporaneidade- PPGEduC. Devido a coleta de informações o senhor poderá. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização.

Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o (a) Sr. (a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Caio Henrique da Silva Vilas Bôas
Endereço: Rua Barros Falcão, nº 331, Apt. 201**. Telefone:** (71) 99311- 2879, **E-mail:** caio.vilasboas@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

_____
Assinatura do participante da pesquisa

_____
Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

_____
Assinatura do professor responsável
(orientador)

APÊNDICE B

Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Assumimos o compromisso de preservar a privacidade e a identidade dos participantes da pesquisa intitulada Educação Popular e Turismo de Base Comunitária: processos de valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Mata Escura. cujos dados serão coletados através de rodas de conversa, observação direta com uso de fichamento e diário de campo na comunidade de Mata Escura, com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto.

Os resultados serão divulgados de forma anônima, assim como os termos de consentimento livre e esclarecido guardados no Programa de Pós- Graduação em Educação e Contemporaneidade- PPGEduC da Universidade do Estado da Bahia pelo período de 05 (cinco) anos sob a responsabilidade do Pesquisador/a Caio Henrique da Silva Vilas Bôas. Após este período, os dados serão destruídos.

Salvador, ...de.....de 20.....

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura

ANEXO I

Turismo de Base Comunitária na Mata Escura

Processo de criação e planejamento do Roteiro “ Mãos que ajudam”; **CONSTRUÇÃO**

Capacidade de carga preliminar: 25 pessoas

22/08/2017

OPÇÃO DA MANHÃ

Começo: 8h

- Café da manhã; roda de conversa

- Fundação Adonai

- tempo de deslocamento estimado em 10 minutos indo de carro-

- Trilha e roda de conversa na ONG do horta da Mata Escura: 10:40

- Degustação de geladinho

- tempo de deslocamento estimado em 10 minutos indo de carro-

- Almoço e encerramento na Igreja Matriz: 12:10

- Opção de almoço: Xinxin de bofe e Estrogonofe

OPÇÃO DA TARDE

Começo: 13h

- Apresentação; roda de conversa

- Fundação Adonai

- Degustação de salada de frutas

- tempo de deslocamento estimado em 10 minutos indo de carro-

- Trilha e roda de conversa na ONG do horta da Mata Escura: 15:00

- Lanche reforçado antes da trilha

- tempo de deslocamento estimado em 10 minutos indo de carro-

- Café de fim de tarde e Roda de conversa na Igreja Matriz: 17:10

ANEXOII

Turismo de Base Comunitária na Mata Escura

Processo de criação e planejamento do Roteiro “ Mãos que ajudam”; PRECIFICAÇÃO

22/08/2017

OPÇÃO DA MANHÃ

Investimentos:

CAFÉ DA MANHÃ

ITEM	UNIDADE	VALOR UNITÁRIO
Bolo	2	10,00
Café da manhã	3L	12,00
Suco	4L	7,00
Biscoito	2 pacotes	4,00
Torradas	2 pacotes	1,50
TOTAL:	R$: 34,50	

GELADINHO: 50 UNIDADES POR 15,00

ALMOÇO

ITEM	UNIDADE	VALOR UNITÁRIO
Xinxin	----------	4,00
Estrogonofe	----------	50,00
Salada	----------	50,00
Batata Palha	2kg	15,00
Farinha	1kg	8,00
Arroz	3kg	5,00
TOTAL:		R$: 132,00

PARCEIROS: R$ 60,00 para cada um. **TOTAL:** R$ 120,00

TOTAL DOS INVESTIMENTOS: R$ 329,00

DESPESA POR PESSOA: R$ 13,16

VALOR A SER COBRADO POR PESSOA[3]: R$ 30,00

MARGEM DE LUCRO POR PESSOA: R$ 16,84 (56,14%)

OPÇÃO DA TARDE

Investimentos:

LANCHE REFORÇADO

ITEM	UNIDADE	VALOR UNITÁRIO
Bolo	2	10,00
Salada de frutas	----------	20,00
Geladinho	50	0,30
Pipoca	----------	3,00
TOTAL:		R$: 48,00

CAFÉ DE FIM DE TARDE

ITEM	UNIDADE	VALOR UNITÁRIO
Bolo	2	10,00
Café com leite	3L	12,00
Suco	4L	7,00
Aipim	3 Kg	6,00
Cuscuz	3 pacotes	2,00
Ovos	30	10,00
Calabresa	3	5,00
TOTAL:		R$: 52,00

[3] Valor fixado pelo grupo levando-se em consideração o preço de mercado dos serviços oferecidos separadamente, os valores cobrados em roteiros anteriores do TBC Cabula, e a margem de lucro desejada pelo grupo mediado pelos conceitos e práticas da economia solidária.

PARCEIROS: R$ 60,00 para cada um. **TOTAL:** R$ 120,00

TOTAL DOS INVESTIMENTOS: R$ 243,00

DESPESA POR PESSOA: R$ 09,72

VALOR A SER COBRADO POR PESSOA[4]: R$ 30,00

MARGEM DE LUCRO POR PESSOA: R$ 20,28 (67,6%)

[4] Valor fixado pelo grupo levando-se em consideração o preço de mercado dos serviços oferecidos separadamente, os valores cobrados em roteiros anteriores do TBC Cabula, e a margem de lucro desejada pelo grupo mediado pelos conceitos e práticas da economia solidária.